

## MÔNICA BERGAMO

Boris Casoy diz que não quer se aposentar. Aos 85, jornalista comanda programa diário no YouTube e agora volta à TV, em novo canal de notícias do SBT B2

## ilustrada ilustríssima

### AS EMPREGADAS DOMÉSTICAS NA LITERATURA

Livro mostra exclusão histórica dessas trabalhadoras na ficção brasileira, protagonistas somente a partir de 2010 B4



Morto na sexta, filósofo Edgar Morin, 104, foi o humanismo em pessoa, avalia Macron B15

## política

Com quase 40 cursos lançados, CasaFolha agora pode ser vista em smart TVs A15

## esporte

### PSG BATE ARSENAL E É BICAMPEÃO DA EUROPA

Após empate por 1 a 1, time francês venceu nos pênaltis por 4 a 3 e conquistou a sua 2ª Champions League A36



Seleção encara o Panamá, no Maracanã, na despedida da torcida antes do Mundial A37



### BRUNO GUIMARÃES VAI À COPA COM 'ALMA DE JOGADOR'

#### ★★★ SÉRIES FOLHA QUEM BUSCA O HEXA

Ídolo do Newcastle, volante mostra personalidade em campo e tem orgulho das raízes de Vila Isabel, no Rio A39

**copa 2026**

Faltam 11 dias

Preço e baixa fiscalização impulsionam canetas ilegais A34

Colômbia decide na urna se mantém o seu 1º governo de esquerda A25

# Lula 3 acrescenta quase R\$ 1 tri em novos custos na conta de luz

Estudo prevê R\$ 985 bi em despesas extras até 2050; governo questiona metodologia

Levantamento da Frente Nacional dos Consumidores de Energia contabiliza que o terceiro mandato de Lula (PT) e a atual legislatura do Congresso criaram uma despesa extra na conta de luz da ordem de R\$ 985 bilhões até 2050.

Ou seja, quase R\$ 1 trilhão em novos custos vai entrar ao longo do tempo — sem considerar as demais despesas que naturalmente aparecem todos os anos, como os reajustes tarifários, a correção da inflação ou o efeito das bandeiras.

O valor equivale a seis vezes o orçamento anual do Bolsa Família e inclui despesas não previstas do Tratado de Itaipu, benefícios a renováveis e a contratação de fontes para suprir a falta de geração em períodos do dia, em leilão criticado.

O Ministério de Minas e Energia afirmou que “considera inadequada e superficial a metodologia utilizada” no estudo e que é “indispensável considerar ‘nessa conta’ os benefícios proporcionados por essas políticas”. Economia A16

## Longevidade desafia o INSS e deve transformar o mercado de trabalho

Com o avanço da população idosa, é preciso suportar a demanda maior por aposentadorias, aumentar a produtividade e aproveitar o potencial dos mais velhos no mercado de trabalho, que pode trazer benefícios econômicos e sociais. A20

### Antonio Prata

Mal sabia que estávamos na revolução proteica A31

### Celso Rocha de Barros

Se Trump estiver certo, Flávio é terrorista? A15

### Decisão dos EUA ocorre em meio à expansão de facções

Agora inclusos no rol de organizações terroristas, PCC e Comando Vermelho vivem cenário de controle territorial em crescimento e lucros bilionários com cocaína. A28

### PSD cogita lançar Kassab na vice de Ronaldo Caiado

Para correligionários, entrada do presidente do partido seria tentativa de frear movimentação por aliança que teria Romeu Zema (Novo) como cabeça da chapa. A10

### Risco de pix ser afetado por classificação de terrorismo é pequeno, mas existe A19

### Policial reage a assalto, e tiroteio fere 5 no metrô de SP, incluindo bebê A31



Evelyn Pimenta/ICMBio

## Resgate de ararinha tem êxito, mas futuro da espécie é incerto

Casal de ararinhas-azuis, que, ao lado de outras 69 aves, foi resgatado pela PF de criadouro em Petrolina (PE) para evitar surto virótico; empresa anunciou o fim do programa de reintrodução Ambiente A33

## EDITORIAIS A2

O custo de salvar um banco que não deveria existir Sobre capitalização do BRB.

Violência segue em pauta na eleição colombiana A respeito de disputa presidencial.



**CJ** VILA VISTA VILLAGE

O MELHOR DO CIDADE JARDIM, AGORA NO INTERIOR DE SÃO PAULO

#CJBRVILLAGE

## opinião

## EDITORIAIS

folha.com/editoriais  
editoriais@grupofolha.com.br

## O custo de salvar um banco que não deveria existir

Governo do DF assumirá dívida de R\$ 6,5 bi para manter controle do BRB, cobrindo o rombo deixado pelo envolvimento com as fraudes do Master; governança deveria mudar depois do escândalo financeiro

Apenas do ponto de vista da conveniência eleitoral pode fazer sentido o esforço para capitalizar o Banco Regional de Brasília (BRB), após o rombo provocado pela compra de carteiras fraudulentas do Banco Master, e mantê-lo sob o controle do governo do Distrito Federal.

Em vez de aproveitar o aprendizado com o escândalo e romper com o modelo de captura política da instituição estatal, a escolha é novamente recorrer ao dinheiro público —no caso, dos contribuintes brasileiros— sem transformação da governança.

O acordo fechado entre o DF e o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT), intermediado pelo ministro Luiz Fux, do Supremo Tribunal Federal, viabiliza um empréstimo de cerca de R\$ 6,5 bilhões

do Fundo Garantidor de Créditos (FGC) ao banco regional.

A operação ao menos não envolve transferência de recursos da União nem garantia federal explícita. O empréstimo, ainda em negociação, contaria com fiança de um consórcio de bancos, além de garantias que somam cerca de R\$ 2 bilhões anuais.

Como parte do acordo, o governo federal ampliou o limite de crédito do DF, até então sob o teto de cerca de R\$ 900 milhões do Programa de Reestruturação e Ajuste Fiscal (PAF), e a nova dívida passa à regra de 16% da receita corrente líquida definida por resolução do Senado.

O BRB aprovou um plano de capitalização de R\$ 8,8 bilhões para cobrir o rombo relacionado ao Master —do qual adquiriu R\$ 21,9

bilhões em ativos problemáticos, com perdas bilionárias ainda não totalmente auditadas.

O governo do DF, que detém a maioria acionária, não teria caixa para aportar os recursos necessários sem diluir sua participação no controle do banco —daí a dependência do empréstimo via FGC para cobrir parte do aporte, que terá como garantia repasses obrigatórios da União ao ente federativo, além de securitização de dívida ativa e venda de ativos.

Ademais, o DF se comprometerá com corte de 10% nas despesas até o fim de 2026, equivalentes a pelo menos R\$ 4 bilhões, além de restrições como a proibição de concursos, criação de cargos, reajustes salariais, auxílios e incentivos que elevem gastos.

A estrutura financeira pode

**Opção foi menos ruim do que um socorro federal, mas cria riscos futuros. Governo distrital se comprometeu com ajuste fiscal, o que entes federativos costumam descumprir**

até ser engenhosa, mas o cerne do problema permanece: a permanência do controle estatal do banco. A justificativa oficial —preservar o BRB como instrumento de política pública— está longe de ser convincente. Bancos privados ou consórcios poderiam assumir essas operações por licitação, com maior eficiência.

Por fim, promessas de reestruturação e mesmo de ajuste fiscal por parte de governos estaduais tendem a ser repetidamente descumpridas, não raro com guarda do STF. O risco é a perpetuação de más práticas.

Certamente haveria caminhos melhores para evitar um rombo estimado em R\$ 17 bilhões no FGC —cifra citada pelo ministro da Fazenda, Dario Durigan— no caso de uma liquidação do BRB.

## Violência segue em pauta na eleição colombiana

Candidato da esquerda, Iván Cepeda, mantém plano até aqui malsucedido de 'paz total' do governo Petro e lidera pesquisas, enquanto seus adversários advogam política linha-dura no combate às guerrilhas

O fracasso de Gustavo Petro na segurança pública e na negociação com as guerrilhas não resultou em aversão clara do eleitorado, que participa do pleito presidencial neste domingo (31), à continuidade da esquerda no governo da Colômbia.

No país assolado há mais de 60 anos por brutais conflitos armados, mesmo depois do acordo de paz de 2016 com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc), o tema segue no centro do debate. A violência permanece no topo das preocupações dos colombianos, em meio a uma acirrada disputa territorial entre guerrilhas e grupos paramilitares convertidos ao narcotráfico.

Segundo a mais recente pesquisa Invamer, o senador Iván Cepeda —candidato do Pacto Histórico e pupilo de Petro— tem 44,6% das intenções de voto, seguido pelo advogado criminalista Abelardo de la Espriella, de ultradireita, com 31,6%. Em terceiro, com 14%, está a senadora Paloma Valencia, apoiada pelo ex-presidente de centro-direita Álvaro Uribe.

As eleições legislativas, em março, já haviam indicado o vigor da esquerda ao consolidar o Pacto Histórico como a maior força política no Senado.

A taxa oficial de pobreza da Colômbia é de 31,6%, e, segundo o Fundo Monetário Internacional, o PIB do país deve crescer 2,3%

neste ano. No âmbito da economia, os candidatos manifestam as diferenças históricas entre os dois espectros ideológicos.

Se Espriella e Valencia acenam com a redução de impostos sobre as empresas, por exemplo, Cepeda propõe a extinção de parte dos benefícios fiscais ao setor e a tributação de grandes fortunas.

Na segurança pública, as diferenças entre as agendas podem ser decisivas. Na mesma linha de Petro, Cepeda rejeita a militarização como meio de combate à violência, por seu elevado risco de exposição da população civil, e insiste nas negociações de acordos de paz com as guerrilhas, que foram um fiasco na gestão atual.

**O pleito ocorrerá sob trégua do Estado-Maior Central, dissidência das Farc que entrou em conflito com a facção Isaías Carvajal. Um ambiente de paz na votação é o mínimo que deve ser assegurado**

Já seus adversários defendem o recrudescimento da ação militar —em sintonia com a doutrina de Donald Trump. Tais propostas, porém, trazem à memória o fracasso das políticas anteriores, que resultaram em estatísticas de morte e de refúgio de civis equivalentes às de países em guerra.

A eleição ocorrerá sob trégua declarada pelo Estado-Maior Central, dissidência das Farc que entrou em conflito com a facção Isaías Carvajal, na última semana, na região amazônica do país. Um ambiente de paz na votação é o mínimo que deve ser assegurado. Há, porém, pouca esperança de pacificação da Colômbia, seja qual for o presidente escolhido.

## FOLHA DE S.PAULO ★★

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

DIRETORES-GERAIS Judith Brito e Carlos Ponce de Leon

EDITOR-EXECUTIVO Vinicius Mota

CONSELHO EDITORIAL Candido Bracher, Demétrio Magnoli, Dora Kramer, Mônica Bergamo, Maria Alice Setubal (Neca), Oscar Vilhena, Paulo Junqueira Moll, Vera Iaconelli, Vinicius Mota, Wilson Gomes, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA-EXECUTIVA Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia), Alexandre Bonacio (financeiro, planejamento e novos negócios), Luciana Pandolfi (recursos humanos) e Alexandre Cres (comercial)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR BDO)

875.579 - Fechamento 2º Semestre de 2025

Assinantes Folha + Venda Avulsos Impressa.

Veja os critérios em [folha.com.br/circulacao-verificada/](http://folha.com.br/circulacao-verificada/)

Jean Galvão



## COLUNISTAS

SÃO PAULO

## Podemos rir disso?

Hélio Schwartsman

"Can We Laugh at That?", de Jacques Berlinerblau, analisa o humor nos tempos conflagrados em que vivemos. É um livro interessante e paradoxal. Como não poderia deixar de ser, ele traz várias piadas, mas muitos as consideram ofensivas e não rirão delas. Pelo contrário, ficarão indignados. O autor, porém, não teria como se abster de reproduzir essas anedotas, que são o objeto mesmo de que trata a obra.

Não estou entre os indignados. Devo ser o sonho de consumo dos comediantes, já que rio de tudo, incluindo piadas de judeu e que troçam de outras categorias a que eu possa pertencer. Devo ser um dos últimos, mas introjetei a ideia básica de que o humor não é para ser levado a sério.

A tese central de Berlinerblau é a de que a era digital modificou a dinâmica da comédia. Até alguns anos atrás, era baixo o risco de alguém se deslocar para assistir a um show que não apreciaria, daí que era difícil que piadas gerassem grandes círculos de indignados. A internet mudou isso. Hoje, tudo está a um clique de distância e nunca foi tão fácil deflagrar ondas de indignação moralizante. Comediantes, sendo o que são, não raro transformam a reação em material de novas piadas, redobrando a carga de ultraje.

Berlinerblau é bem eclético nos casos que analisa. Na introdução, ele menciona o Porta dos Fundos e seus especiais de Natal. Nos capítulos propriamente di-

folha.com/editoriais  
editoriais@grupofolha.com.br

tos, ele começa pelos EUA, onde o consenso em torno de uma liberdade de expressão robusta é mais forte, e vai passando a países onde ele é mais tênue, caso da Europa, e onde praticamente inexistente, como Índia e Zimbábue. O leitor poderá reconhecer alguns nomes como o de David Chapelle e Dieudonné M'bala M'bala. Será lembrado do triste caso do Charlie Hebdo e conhecerá alguns comediantes dos quais provavelmente nunca ouviu falar.

A conclusão de Berlinerblau tem algo de sombrio. Ele acha que a nova dinâmica veio para ficar e receberá amparo estatal, o que na prática significará a volta de leis de blasfêmia para limitar o humor ofensivo.

helio@uol.com.br

## A ultraprocessada recriação do mundo

A modelagem teológico-mercantil do banal consumo cotidiano é um primeiro passo corrosivo

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

A mercantilização da existência em bases neoliberais, a forma-empresa, não se dá apenas nos níveis da economia, da inteligência artificial e da política, mas também na administração de crenças religiosas. Talvez a maior ameaça à mística de um todo-poderoso esteja na IA-2028 anunciada pela Anthropic que, suplantando a inteligência humana, poderá curar doenças terríveis, se não mandar paralisar levantar-se da cadeira. Mas a modelagem teológico-mercantil do banal consumo cotidiano, grotescos que sejam os seus aspectos, é um primeiro passo corrosivo.

Pelo menos é o que se mostra na imprensa pela lancheria Cachorro Crente, ao lado da Assembleia de Deus Vitória em Cristo, no bairro carioca da Penha. Saudado pelos atendentes com "paz do Senhor", o cliente faz uma imersão em música gospel, em meio a hot-dogs, batatas fritas e refrigerantes. Viralizado nas redes sociais, o modelo se espalha. Pizza Pentecostal é oferecida em São Paulo, pelo Louvorzão do Império: "Em apenas três meses, o Senhor nos ensinou tudo o que precisávamos aprender", dizem os proprietários. Em Cascavel (Paraná), come-se X-Coluna de Fogo e X-Unção Dobrada. Na brasiliense Sal e Luz Hamburgueria, o carro-chefe é o João 3:16, um pão de cruz.

O relato jornalístico é de se ler de boca aberta, não de apetite, mas de tão desarmada que fica a alma simples com a mutação religiosa. Os epígonos de Max Weber tenderiam a identificar um tipo de resposta à questão weberiana sobre como religião influencia as ações sociais. É ver alto demais: o sociólogo pensou em transformação histórica profunda, caso da influência da ética protestante na formação do capitalismo. Na matéria em pauta, impõe-se Émile Durkheim, que, mesmo vendo religião como fato social, preocupou-se com a separação entre o sagrado e o profano.

Trata-se agora de fenômeno específico do pós-modernismo pentecostal, o pós-culto, uma modalidade do tribalismo ou sociabilidade de iguais

Trata-se agora de fenômeno específico do pós-modernismo pentecostal, o pós-culto, uma modalidade do tribalismo ou sociabilidade de iguais, estudado, aliás, por sociólogos franceses. Teologicamente, conta com a aprovação do singular pastor Malafaia, que justifica "assim como várias empresas apresentam coisas para gays, como lojas, viagens e hotéis". Nessa inflexão pentecostal o profano redefine a crença. A justificativa do gótico pastor ilustra como religião tornou-se estilo de vida, um "look" pautado pelo comércio para "gays, lojas, viagens e hotéis".

Claro já estava que, na pátria celestina dos crentes, o paraíso celestial tinha dado lugar ao paraíso fiscal dos pastores. Nem sempre com divino consentimento, pois o Cedemais, banco do bispo Macedo, já entrou na rota Master do inferno astral: rombo de R\$ 8 bilhões. Haja dizimo de Fundo Garantidor de Crédito. Mas, no pós-culto gastronômico, transparece com óbscena clareza que espiritualidade neoliberal se resume a oferta e demanda. O Senhor pentecostal, Deus barra-pesada de Davi, é ultrapassado por Mamom, suprema entidade bíblica do dinheiro.

Existe, sim, uma dieta bíblica (leite cru, sardinha, pão fermentado). Nada a ver com invenção de fast-food por um master-chef supremo. Mas o neoliberalismo não negocia em seu projeto de recriação ultraprocessada do mundo.

BRASÍLIA

## A mão pesada de Washington

Dora Kramer

É inegável: o governo Donald Trump pôs um trunfo nas mãos de Flávio Bolsonaro (PL) e acrescentou um fato à foto no salão oval da Casa Branca. Ajudou o senador a mudar o rumo da prosa do caso Master, permitindo que ele ligasse o pedido feito dois dias antes à decisão de definir PCC e CV como organizações terroristas.

Não há como separar o gesto do contexto eleitoral nem fugir da constatação de que o Departamento de Estado sinalizou que a química entre Trump e o presidente Luiz Inácio da Silva (PT) tem limite. O debate não foi gratuitamente capturado pelos políticos porque, dado o momento e a forma, a política está no centro da questão.

Se não se configura uma inter-

ferência clássica do governo americano no processo eleitoral brasileiro, dá margem à interpretação de que há nítida preferência em Washington. Ou Trump, Marco Rubio e companhia seriam meros inocentes úteis no plano bolsonarista de constranger o presidente Lula em sua jornada pela reeleição? Definitivamente, não é caso de inocência.

Difícil também aceitar que tenha sido coincidência. Três semanas antes, Trump havia estado com Lula e, ao não abordar o tema, dado ele a oportunidade de se jactar da esperteza de tampouco ter tocado no assunto em três horas de conversa.

Veríamos depois que a omissão deixou o petista vendido na situação. Nesse meio tempo o

preposto de Jair Bolsonaro (PL) na corrida presidencial se enrolou na rede de falcatruas de Daniel Vorcaro, foi chamado para um encontro na Casa Branca no qual enfatizou o pedido para o enquadramento das facções e, em seguida, vem a decisão que pôs Flávio Bolsonaro na condição de interlocutor influente.

A maré pode virar se a mudança de status jurídico não alterar o cotidiano das áreas dominadas ou se houver danos à economia devido a ingerência indevida dos EUA por aqui.

Ainda assim, a reação baseada na defesa da soberania, como foi no tarifaço, parece insuficiente, porque a população cobra respostas na segurança pública que o governo não conseguiu dar.

RIO DE JANEIRO

## A saga de uma joia da caatinga

Fabio Victor

Embora seja o único bioma 100% nacional —os cinco demais se espalham por outros países—, a caatinga é pouco conhecida pelos brasileiros. Estigmatizada pela seca, retratada geralmente com tintas exóticas, é um deslumbramento de paisagem. A luz escandeia. O céu é de um azul acachapante; as nuvens, pela baixa nebulosidade, parecem sempre imóveis.

Região semiárida mais povoada e biodiversa do planeta, a caatinga abriga, em suas savanas, chapadas, serras e serrotes, milhares de espécies animais e vegetais. Nesse ecossistema se desenvolveu uma literal avis rara, a ararinha-azul, endêmica do bioma e extinta da natureza, cuja impressionante saga ao longo da história ganhou novo capítulo.

Numa megaoperação liderada

pelo ICMBio, 69 ararinhas-azuis de um criadouro particular em Curacá (BA) foram transferidas para um centro de quarentena em Petrolina, para isolá-las de um surto de coronavírus. Apesar de exitosa, a iniciativa não eliminou as incertezas sobre o futuro da espécie.

Descrita cientificamente pela primeira vez pelo naturalista alemão Spix, a ararinha-azul começou a rarear na natureza nos anos 1970-80, com a captura massiva pelo tráfico de animais. Nos anos 1990, o Brasil soube que havia um único espécime livre. Ele sumiu, e em 2000 a espécie foi considerada extinta da natureza. De lá para cá, tenta-se reintroduzi-la em seu habitat —por ora em vão.

A raridade e a beleza arrebatadora (sim, de perto é tudo isso)

há tempos fascinam magnatas e poderosos, de Assis Chateaubriand e o marechal Tito ao emir do Qatar e o premiê da Índia.

Além da literatura acadêmica, há material jornalístico de primeira sobre o tema: em seu "O Livro dos Bichos", Roberto Kaz perfilou Presley, a ararinha que inspirou o filme "Rio"; nesta Folha, Victor Lacombe faz ótima cobertura sobre a etapa mais recente da epopeia; episódio do podcast Rádio Novelo Apresenta narrou em áudio a dramática história da espécie.

Que ajudem na complexa tarefa de reintroduzir as bichinhas no céu azul da caatinga.

Ruy Castro

Excepcionalmente, a coluna não é publicada hoje

## opinião

## TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias/  
debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

## Escala 6x1 é a reforma da vida das pessoas

Desenvolvimento econômico e dignidade humana não são concorrentes, mas complementares; redução da jornada não é a vilã da produtividade

Hugo Motta

Deputado federal (Republicanos-PB), é presidente da Câmara dos Deputados

Mais de 15 milhões de brasileiros vivem hoje sob a escala 6x1. Homens e mulheres que, durante seis dias da semana, acordam antes do amanhecer e atravessam cidades inteiras para trabalhar. E, ao retornarem para casa, encontram outras tarefas à espera. Essa realidade pesa ainda mais sobre as mulheres, que acumulam jornadas múltiplas e chefiam mais da metade dos lares brasileiros.

São milhões de pessoas que não conseguem usufruir do convívio com os filhos, de lazer, estudos, cuidados com a saúde e do próprio descanso. Trabalhadores que comprimem em apenas um dia de folga uma vida inteira de obrigações pessoais e familiares.

Foi olhando para esse cenário que a Câmara dos Deputados retomou um debate que há quase 40 anos não era revisitado, desde a Constituição de 1988. Um debate que vai muito além da quantidade de horas trabalhadas e discute o direito ao tempo de vida

—porque existe uma diferença entre viver e apenas sobreviver.

Ao longo do processo, mais de 3.200 pessoas foram ouvidas, entre trabalhadores, especialistas, representantes da sociedade civil e do setor produtivo. Foram realizadas audiências públicas, reuniões e debates nas cinco regiões do país, permitindo conhecer demandas, preocupações e expectativas de cada atividade econômica Brasil a fora.

O desafio da Câmara foi encontrar equilíbrio. Garantir proteção ao trabalhador sem ignorar a realidade de quem produz, empreende e gera empregos no país, principalmente as micro e pequenas empresas, responsáveis pela maior parte das vagas formais do Brasil.

Desse diálogo nasceu uma proposta baseada em três pilares: redução da jornada para 40 horas semanais, dois dias de descanso e manutenção integral dos salários.

A implementação da proposta deve ocorrer de forma gradual e

responsável, assegurando maior previsibilidade para empresas, trabalhadores e consumidores.

Durante o debate, muito se falou sobre os impactos econômicos da redução da jornada, apontando para uma eventual queda de produtividade. Mas esse argumento já não se sustenta diante da realidade. O Brasil está entre os países com maior carga horária de trabalho do mundo e, ainda assim, convive há anos com a estagnação da produtividade.

Isso revela uma verdade que já não pode ser ignorada: o desenvolvimento não depende apenas da quantidade de horas trabalhadas, e a redução de jornada não é a vilã da produtividade.

Pelo contrário. Trabalhadores mais descansados adoececem menos, faltam menos, permanecem mais tempo nos empregos e produzem melhor. Empresas brasileiras já vêm experimentando jornadas reduzidas e relatando ganhos de produtividade, melhoria no ambiente de trabalho e redução da rotatividade.

**Trabalhadores mais descansados adoecem menos, faltam menos, permanecem mais tempo nos empregos e produzem melhor. Empresas já vêm experimentando jornadas reduzidas e relatando ganhos de produtividade, melhoria no ambiente de trabalho e redução da rotatividade**

Ou seja, desenvolvimento econômico e dignidade humana não são objetivos concorrentes, mas complementares. Uma economia forte também depende de trabalhadores saudáveis, motivados e com qualidade de vida.

Outro aspecto que o Parlamento não poderia ignorar é o avanço do adoecimento físico e mental da população trabalhadora. Os impactos já alcançam famílias, empresas, Previdência Social, sistema público de saúde e toda a economia nacional. Por isso, reduzir a jornada também é uma medida de saúde pública.

A história nos ensina que avanços civilizatórios raramente acontecem sem resistência. Foi assim com a criação da carteira de trabalho. Foi assim com o 13º salário, que, durante sua implementação, chegou a ser apontado como desastroso para a economia do país. Até o fim da escravidão encontrou reações, quando muitos acharam que o Brasil ficaria sem trabalhadores e não suportaria a mudança. Foi assim com tantas conquistas que hoje consideramos naturais, mas que um dia foram tratadas com relutância.

Já nos foi ensinado que a grandeza de uma nação não se mede apenas pelas riquezas que produz, mas pela forma como cuida daqueles que a produzem. Foi com essa convicção que a Câmara dos Deputados deu esse passo histórico. O que entregamos ao país é mais do que uma mudança nas relações de trabalho. É uma reforma para a vida das pessoas.

## Há o que celebrar no Dia Mundial Sem Tabaco?

No Brasil, redução drástica das últimas décadas enfrenta agora um ligeiro aumento, preços estacionados, campanhas reduzidas e a ameaça dos vapes

Mônica Andreis

Diretora-presidente da ACT Promoção da Saúde

A pergunta do título deste artigo podemos responder “sim” e “não”. Sim, porque cerca de 35% dos brasileiros fumavam na década de 1980; hoje o índice é de 11,6%. Conseguimos fazer com que a população reconhecesse os males do cigarro, mudando a aceitação social do tabaco. Antes normalizado, o ato de fumar passou a não ser aceito, especialmente em ambientes fechados.

O segredo do sucesso foi a implementação de políticas públicas, que combinaram ações de conscientização, regulação estrita e legislação nacional. Não se trata apenas de uma decisão individual, mas de uma norma coletiva. Assim foi com a lei antitabaco, que visava primariamente

à proteção contra o fumo passivo, mas estimulou fumantes a repensarem o tabagismo.

O aumento de preços e impostos entre 2011 e 2016 também impactou a redução do número de fumantes: a prevalência caiu 24%, representando quase 70% da queda total entre 2006 e 2016. É fato: preço baixo facilita o acesso e a iniciação ao fumo, enquanto o custo mais elevado desestimula o consumo. Por isso é tão importante que o tabaco, assim como outros produtos nocivos, tenha preços bem mais altos do que os de produtos saudáveis.

Acompanhar a transição de um produto onipresente como era o cigarro para restrição de publicidade e consumo, com a revelação do que os seus fabri-

cantes queriam esconder, foi uma experiência histórica para a saúde pública.

Mas a celebração não pode ser completa. Pela primeira vez, desde 2006, o tabagismo voltou a crescer entre adultos: passou de 9,3% em 2023 para 11,6% em 2024, rompendo série histórica de queda, segundo os dados mais recentes do Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel).

Para quem atua na área, não foi surpresa. Ficamos sete anos sem qualquer aumento, deixamos de realizar campanhas em larga escala e ainda permitimos aromas e sabores em produtos fumígenos, aumentando sua atratividade.

**O Brasil estabeleceu uma meta de redução do tabagismo em 40% até 2030. Para chegar lá, três medidas são urgentes: elevar preços e impostos, restringir o uso de aromas e sabores e informar sobre os riscos**

Também preocupa a relação de adolescentes com cigarros eletrônicos. A Pesquisa Nacional da Saúde Escolar (PeNSE) mostrou o avanço da experimentação entre jovens de 13 a 17 anos. Os produtos recorrem a práticas já conhecidas: sabores, aromas, embalagens atraentes e associação a momentos de celebração, convívio social e pessoas influentes — tudo pensado para ampliar o consumo e acelerar a dependência, ainda mais intensa devido às altas concentrações de nicotina.

A campanha da Organização Mundial da Saúde (OMS) para este domingo (31), Dia Mundial sem Tabaco, é clara: “Desmascarando o apelo – Combatendo a dependência de nicotina e tabaco”. A proposta é expor as táticas da indústria e reforçar a necessidade de políticas públicas que evitem retrocessos em uma área em que já avançamos tanto.

O Brasil estabeleceu uma meta de redução do tabagismo em 40% até 2030. Para chegar lá, três medidas são urgentes: elevar preços e impostos sobre produtos fumígenos, implementar a resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) que restringe o uso de aromas e sabores e informar sobre os riscos, expondo e contrapondo estratégias de um setor que lucra às custas de vidas, nossas vidas.

# PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor  
leitor@grupofolha.com.br

## Interferência americana

"Vínculo do PCC com setor de combustíveis eleva risco para Brasil após decisão de Trump" (Mercado, 29/5). Nossos problemas quem deve resolver somos nós. Nossa soberania deve ser respeitada. É inadmissível ter que contar com intrusos chamados por brasileiros sem noção, apenas com interesses políticos. No final, quem sofre as consequências é o povo brasileiro.

**Elias Araújo Cunha**  
(Embu-Guaçu, SP)

\*

Agora estou achando boa essa decisão. Ver uma parte de nossa elite sangrando não terá preço! Quem sabe aprendam uma ou duas coisas.

**Ricardo Candido de Araújo**  
(Taboão da Serra, SP)

## O que a Folha pensa

"Combate a facções não deveria ter ideologia" (Editoriais, 29/5). O Brasil vem perdendo a guerra contra as facções, que se infiltram na política e na economia. Se o governo Lula fosse inteligente, poderia absorver a classificação feita pelos EUA, tentar neutralizar o ganho político do bolsonarismo e pedir aos EUA apoio para combater o crime.

**Maria Cecília Silva** (São Paulo, SP)



Distribuidora de combustíveis no Piauí investigada por relações com o PCC (Primeiro Comando da Capital) Divulgação Ascom SSP- PI

## Edgar Morin

"Morre Edgar Morin, um dos filósofos mais importantes do século 20, aos 104 anos" (Ilustrada, 29/5). Morin era um pensador seminal, cuja teoria da complexidade ultrapassou fronteiras e trouxe uma nova chave para a compreensão das grandes questões da humanidade. Tive a oportunidade inesquecível de conhecê-lo pessoalmente. Gratidão, Morin, por tudo o que nos ensinou. Descanse em paz, grande mestre!

**Afonso Galvão**  
(Brasília, DF)

Viveu como poucos.  
**Angela Oliveira** (Brasília, DF)

## ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

**ILUSTRADA** (30.MAI, B4) A reportagem "Natalia Timerman escreve sobre mãe com Alzheimer em 'Antes que Apague'" afirmou incorretamente que a escritora fez uma residência literária em Nova York de quatro meses. Foram quatro semanas.

# Assunto Leitores opinam sobre o Bolsa Família

Sem generalizar, acredito que o benefício faz com que algumas pessoas não queiram trabalhar formalmente para manter o auxílio. Mesmo com mutirão de vagas na minha cidade não conseguem contratar. O benefício deveria ter prazo determinado e os órgãos responsáveis deveriam encaminhar os beneficiários para entrevistas de emprego.

**Paloma Brovino** (Arapongas, PR)

\*

É um atraso para o desenvolvimento do país e deveria ser extinto. É preciso haver educação, emprego e renda pelo trabalho.

**Claudio Baldrigher** (Piracicaba, SP)

\*

É um instrumento de combate às desigualdades. Sem ele, haveria agravamento de problemas sociais e econômicos. Mas deve ter diretrizes claras para garantir que os participantes encontrem o caminho da empregabilidade e educação.

**Gilvan Mota dos Santos Junior**  
(Caruaru, PE)

Essencial para dar suporte a famílias de baixa renda até que alcancem autonomia financeira. Deveria haver reajustes focando na inflação e o poder de compra.

**Rosângela de Farias Lorenzetti**  
(Araraquara, SP)

\*

O programa é necessário, mas usado eleitoralmente por políticos que ajudam a produzir atitude insustentável na educação. Acho que o benefício poderia ser concedido a qualquer pessoa desempregada por ao menos dois anos, até recolocação no mercado, não só com foco em crianças.

**Gabriela Campedelli**  
(São Paulo, SP)

\*

Fundamental para distribuição de renda, mas precisa ser mais abrangente. Caberia fornecer acolhimento social com moradia às famílias em situações sensíveis.

**Rogério Rodas de Carvalho**  
(São José do Rio Preto, SP)

O benefício criado por FHC apresenta dados: crianças na escola, famílias fora da miséria, pessoas de volta ao mercado de trabalho. O auxílio é reconhecido internacionalmente por seu impacto, e poderia se tornar um programa de renda mínima, como já sugere Suplicy; talvez elevasse o salário a um patamar mais condizente com a manutenção familiar.

**Daniel S. Barbosa**  
(Juiz de Fora, MG)

\*

Necessário. Como professora, vejo o resultado no desempenho dos alunos para manter o auxílio e seguir com os estudos, em vez de trabalhar para ajudar em casa. O auxílio deveria abranger mais estudantes e grupos com maior renda per capita.

**Maria de Campos Castro** (Guarujá, SP)

\*

Importante, mas é preciso evitar que pessoas obtenham o benefício sem os indicadores necessários.

**José M. F. de Arruda** (São Paulo, SP)

# ATMOSFERA

São Paulo



Fonte: www.climatempo.com.br

Hoje		Hoje	
Rio	17° 27°	Rio	16° 26°
Brasília	15° 25°	Brasília	15° 26°
Ribeirão	16° 28°	Ribeirão	16° 28°

# DOAÇÃO DE SANGUE

**O QUE** A Fundação Pró-Sangue promove uma ação para incentivar as doações de sangue. Em parceria com o Museu do Futebol e o Museu da Língua Portuguesa, doadores poderão aproveitar o melhor dos dois espaços culturais.

**POR QUE** A campanha busca incentivar a doação voluntária de sangue e proporcionar aos doadores da Pró-Sangue uma experiência cultural enriquecedora. A proposta é transformar um gesto de solidariedade em um convite para conhecer dois dos principais patrimônios culturais da capital paulista.

**COMO VAI FUNCIONAR** Para participar, basta apresentar nas bilheteria dos museus um comprovante de doação da Pró-Sangue emitido em 2026, juntamente com um documento oficial com foto. A parceria tem validade até 30 de dezembro de 2026.

**AGENDAMENTOS** Para mais informações e agendamento da doação, envie mensagem via WhatsApp (11 99152-7653), email (doadores.especiais@prosangue.sp.gov.br) ou ligue no telefone (11) 4573-7510 ou 7621.

# VACINAÇÃO

**O QUE** A vacina contra a gripe está disponível para toda a população com mais de seis meses de idade. Na cidade de São Paulo, é possível se vacinar nas UBSSs, de segunda a sexta-feira, das 7h às 19h, e, aos sábados, nas AMAs/UBSSs integradas, no mesmo horário.

# ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 31.MAI.1926



# Palestra vence o Fluminense na primeira partida entre os clubes

**SÃO PAULO** O jogo de futebol entre o Palestra Italia, de São Paulo, e o Fluminense, do Rio de Janeiro, constituiu um grande acontecimento esportivo neste domingo (30) no Parque Antarctica, na capital paulista (essa foi a primeira partida entre os dois clubes na história). O embate, muito esperado com geral ansiedade, transcorreu como nos grandes dias de futebol em que os esforços dos jogadores dizem algo a mais que o apuro deles com a bola de couro. Em duelo muito equilibrado, a equipe paulista conseguiu superar a carioca por 3 a 2. À noite, o Palestra ofereceu um banquete à delegação do Fluminense em um hotel.

# FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA	R\$ 34,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM	R\$ 49,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA	ASSINATURA MENSAL*	
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
SP	R\$ 7,90	R\$ 9,90	R\$ 219,90
MG, PR e RJ	R\$ 7,90	R\$ 9,90	R\$ 224,90
DF e SC	R\$ 8,90	R\$ 11	R\$ 285,90
ES, GO, MT, MS e RS	R\$ 9,90	R\$ 12	R\$ 358,90
AL, BA, PE, SE e TO	R\$ 14,90	R\$ 15,50	R\$ 387,90
Outros estados	R\$ 15,90	R\$ 16,50	R\$ 480,90

**REDAÇÃO SÃO PAULO**  
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Eliseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

**OMBUDSMAN**  
ombudsman@grupofolha.com.br  
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

**ATENDIMENTO AO ASSINANTE**  
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

\* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

PAINEL

Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Delay

Apesar do otimismo do governo Lula com o fim da escala 6x1, o PT não acredita que a medida terá efeito político imediato, com base no exemplo da isenção do IR para os mais pobres. Pesquisas da legenda mostram que o impacto da iniciativa, aprovada no final do ano passado, só passou a ser mais sentido agora. Em janeiro, apenas 16% sabiam dela. Em março, cerca de um terço dos entrevistados sentia a mudança no contracheque. Só agora, seis meses após a aprovação, é que 50% percebem os efeitos.

**PONTO FUTURO** Por isso, integrantes do PT dizem que não existe "bala de prata" para aumentar a popularidade de Lula, como defende o ministro da Secom, Sidônio Palmeira. O argumento na legenda é que o foco deveria ser no que o governo ainda tem a fazer em um eventual próximo mandato.

**OFERTA...** A gestão do governador de Minas Gerais, Mateus Simões (PSD), prevê arrecadar com a venda da folha de pagamento dos servidores menos do que o estado ofertou ao mercado na licitação anterior, em 2021. O edital prevê valor mínimo de R\$ 2,18 bilhões para que seja adquirida por uma instituição financeira. Há cinco anos, o Itaú venceu a concorrência e desembolsou R\$ 3,09 bilhões, em valores corrigidos. Mesmo ao considerar apenas os valores mínimos dos dois pregões, há redução de 16,5% agora.

**...DE OCASIÃO** O Governo de Minas afirmou que o valor de referência considerou estudos técnicos de precificação, com modelagem econométrica e financeira, além das condições atuais do mercado financeiro.

CAMINHONEIRO AMIGO

O BNDES aprovou R\$ 3,2 bilhões para o programa Move Brasil, destinado à compra de caminhões e ônibus, nesta sexta, primeiro dia em que a linha de financiamento entrou em vigor. Foram R\$ 2,8 bilhões para caminhões e R\$ 400 milhões para ônibus. A linha tem valor total de R\$ 21 bilhões, e é uma das medidas para aquecer a economia no ano eleitoral.

**PLANO Z** Sem palanque para o Governo de Minas desde a desistência de Rodrigo Pacheco (PSB), o PT avançou nas conversas com o empresário Josué Gomes (PSB) para ser candidato de Lula. Ouviu dele que está disposto a aceitar a empreitada. Lançar um nome petista também segue sendo uma possibilidade, no entanto.

**CELA...** A gestão do governador da Bahia, Jerônimo Rodrigues (PT), pagou R\$ 2 milhões em emendas do deputado estadual Binho Galinha (Avante) desde outubro de 2025, quando ele foi preso sob acusação de chefiar milícias em Feira de Santana. Os recursos foram enviados para bancar realização de shows e eventos esportivos, além da compra de ambulâncias.

**...PARLAMENTAR** A gestão estadual diz, em nota, que a execução de emendas impositivas é dever do Executivo e que mantêm mecanismos de controle e transparência sobre a aplicação dos recursos públicos.

TRÊS PODERES

VENCEDOR DA SEMANA

O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), que conseguiu um encontro com Donald Trump e saiu premiado com a classificação de PCC e CV como terroristas.

PERDEDOR DA SEMANA

O ex-governador do Rio Cláudio Castro (PL), forçado a desistir da candidatura ao Senado após ser alvo de nova ação da Polícia Federal.

FIQUE DE OLHO

PEC do fim da escala 6x1 deve chegar ao Senado; políticos e empresários se reúnem no Gilmarpaloosa, em Lisboa; evangélicos fazem Marcha para Jesus.

Com Carlos Petrocilo, Gabriela Echenique e Artur Búrigo



Ato em frente ao Consulado dos Estados Unidos em São Paulo contra a intervenção do presidente Donald Trump sobre a Venezuela após a captura do então ditador Nicolás Maduro. Rafaela Araújo - 5.jan.26/Folhapress

# Trump, Gaza e Venezuela põem Lula e Flávio Bolsonaro em disputa de trunfo eleitoral

Decisão sobre facções amplia foco em política externa; senador busca experiência internacional, e presidente adota mote da soberania

Gustavo Zeitel

SÃO PAULO "Itamaraty só dá voto no Burundi", diz o aforismo atribuído a Ulysses Guimarães (1916-1992). A citação do ex-presidente da Assembleia Constituinte ao longínquo país africano resume pensamento que vicejou à maneira de um consenso desde a redemocratização: política externa não influencia eleição no Brasil.

Essa sentença parece, no entanto, não corresponder mais à realidade atual, com a disputa entre dois pré-candidatos ao Planalto, o presidente Lula (PT) e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), por interlocução favorável com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Outros temas devem vir à tona na eleição.

Segundo analistas internacionais, pesam contra o petista sua postura em relação à Venezuela e a forma de apoio à Palestina. Em contraste, o filho 01 do ex-presidente Jair Bolsonaro, que apoia Israel, não tem a mesma presença no mundo e pode ser visto como subserviente aos EUA.

"Temas internacionais se tornam importantes porque pesam na discussão de valores", diz o professor de relações internacionais da USP Feliciano de Sá Guimarães. Ele pesquisa há uma década, em parceria com o Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento), a opinião pública sobre política externa.

"O eleitor é progressista ou conservador também a partir do que está acontecendo no mundo."

No pleito deste ano, quem conseguir lucrar com o relacionamento com Trump sai na frente, afirma Guimarães, para quem o

nível de intervenção dos EUA será variável determinante.

Na semana passada, o país classificou as facções Comando Vermelho e PCC como terroristas, dias após encontro entre Flávio e Trump na Casa Branca.

A reunião se deu em um momento de crise na sua pré-candidatura, abalada pelo caso "Dark Horse". Desde o início do ano, Flávio viaja periodicamente aos EUA, expondo o alinhamento do bolsonarismo com o trumpismo.

Professor de relações internacionais da Faap (Centro Universitário Armando Álvares Penteado), Lucas Leite diz que a recepção de um senador sem experiência executiva mostra que Washington prefere uma alternativa ao PT. Todavia, a decisão de tratar as facções como terroristas pode ter efeito contrário ao esperado.

"O eleitor indeciso brasileiro não é ideológico, mas é ciumento da soberania nacional de forma difusa e emocional", afirma. Na sexta-feira, Lula disse que Flávio é traidor e atua por uma intervenção estrangeira. No início do mês, o petista foi recebido na Casa Branca, em uma reunião que terminou sem anúncios concretos, mas aliados do governo viram, na ocasião, um gesto para mostrar que a interlocução com Washington não é exclusividade da família Bolsonaro.

Lula teve com Trump relação de altos e baixos. No ano passado, o republicano anunciou sobretaxa de 50% sobre produtos brasileiros em retaliação ao julgamento de Bolsonaro, o que fez o petista adotar a retórica da soberania.

Depois, os chefes de Estado tiveram breve encontro nas Nações

Unidas), de onde apareceu "excelente química", segundo Trump.

Para Paulo Velasco, professor de relações internacionais da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), a classificação do PCC e do CV como terroristas deixa Lula em situação incômoda na eleição, pois a classe média veria a esquerda como mais conivente com o crime organizado.

A guerra entre Israel e Hamas e a Venezuela são outros pontos críticos ao petista. A partir dos anos 2000, ele construiu relação próxima com o chavismo. No terceiro mandato, teve postura mais hesitante sobre Nicolás Maduro.

Em 2024, não reconheceu a reeleição do ex-ditador e cobrou transparência. Mas evitou dizer que o país vivia uma ditadura.

"Lula ainda tem um passivo muito grande no eleitorado de centro por sua relação com ditaduras. O fato de Maduro não estar mais no poder é até bom para ele, porque não vai ter de se explicar por isso", avalia Guilherme Casarões, professor da Florida International University.

Já a maneira como o petista lidou com Israel pesou para segmentos do eleitorado, como evangélicos, diz o professor. Lula comparou o massacre em Gaza ao Holocausto.

Flávio iniciou o ano com visita a Israel, onde se batizou pela segunda vez no rio Jordão. Dois meses depois, foi até a posse de José Antonio Kast no Chile e lá se encontrou com outro aliado, o presidente argentino Javier Milei.

"Falta a Flávio experiência internacional, o que muitos políticos têm antes de disputar a eleição", afirma Casarões.



## Empresária alvo da PF diz ter sido 'criminalizada' por ser amiga de Lulinha

Roberta Luchsinger detalha relação com filho de Lula e nega irregularidades em consultoria para 'Careca do INSS'; defesa busca retratação de parlamentares e reclama de agente da PF

Eliane Trindade

**SÃO PAULO** Uma viagem mágica, de sonhos, ao lado das filhas e de amigos com passeios na neve, visita ao Papai Noel na Lapônia e imagens espetaculares da aurora boreal. É assim que a empresária Roberta Luchsinger, 41, resume o passeio de cinco dias pela Finlândia, em janeiro de 2025, na companhia de Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, a mulher dele, Renata, e filhos. A mesma viagem que ganhou manchetes como "Lulinha foi à Finlândia bancado por lobista em hotel com diária de R\$ 37 mil".

As despesas de viagem, as contas bancárias, os contratos e até o closet de Roberta, repleto de bolsas e roupas de grife, viraram objeto de investigação da Operação Sem Desconto, que apura suspeitas de desvios no INSS (Instituto Nacional do Seguro Social).

"Desde dezembro, sou criminalizada, julgada e ameaçada de todas as formas por ser amiga do filho do presidente Lula", diz a herdeira de um ex-acionista do antigo banco Credit Suisse, ao reafirmar laços com Fábio e a mulher dele, Renata. "Minha melhor amiga."

Amizade sacramentada com a mesma tatuagem de um R da inicial do nome de ambas no pulso esquerdo e em memórias regis-

tradas em inúmeras fotos do casal que Roberta mostra no iPad.

Uma delas foi parar em um porta-retrato de madrepérola na estante da suíte master do apartamento da empresária em São Paulo, alvo de mandado de busca e apreensão cumprido pela Polícia Federal em dezembro de 2025.

Com o aposto de "amiga do Lulinha", Roberta se viu no epicentro de inquérito que apura a relação entre o filho do presidente e o empresário Antônio Camilo, que ganhou notoriedade sob a alcinha de "Careca do INSS".

A aproximação dela com Camilo ocorreu, afirma, quando não havia nada que desabonasse a conduta dele. A empresária diz que firmou contrato para consultoria de R\$ 300 mil mensais, totalizando R\$ 1,5 milhão em pagamentos ao longo de cinco meses.

"Quando meus advogados levantaram os antecedentes do Antônio e da empresa dele para assinarmos o contrato, não havia um único processo", diz. Após as denúncias sobre desvios no INSS, decidiu fazer o distrato.

Quanto às suspeitas sobre a contratação de sua empresa, a RL Consultoria, Roberta afirma que sua atuação foi técnica.

Ela diz ter comprovado que não bancou a viagem à Finlândia, organizada pela agência de turismo de luxo de Marina Mantega, filha



**Desde dezembro, sou criminalizada, julgada e ameaçada de todas as formas por ser amiga do filho do presidente Lula**

**A minha amizade com Fábio e Renata é de verdade, forte. Independente de o pai dele estar ou não presidente. Sou amiga das horas boas e ruins**

**No closet, exibiram e faziam piadas com minhas peças íntimas, coisas sem conexão com a operação. Era desnecessário jogar tudo no chão**



Fotos Marlene Bergamo/Folhapress

do ex-ministro Guido Mantega.

Vestida com um conjunto de calça e blusa de seda e scarpin Valentino, ela recebeu a Folha no apartamento decorado com requinte. Mostrou o armário central do closet danificado pelos agentes durante a operação da PF.

"Estava em Brasília, quando minha funcionária me ligou apavorada. Minha filha pequena estava dormindo e ficou nervosa", relata ela, sobre a caçula de 14 anos, fruto do relacionamento com o ex-deputado Protógenes Queiroz.

Segundo relato da empregada, o delegado que chefiou a operação foi educado, mas um dos agentes teria cometido excessos como se referir a Roberta usando termos chulos.

A seguir os principais trechos da entrevista com ela.

\*

### Amizade com Lulinha

A minha amizade com Fábio e Renata é de verdade, forte. Independente de o pai dele estar ou não presidente. Sou amiga das horas boas e ruins. Nos falamos diariamente. Costumamos passar juntos Natal, Ano Novo, feriados. Sempre viajamos.

Uma dessas viagens, à Finlândia, virou alvo de crítica. Falam que eu teria custeado tudo. Sou metódica na organização de ho-

tel, avião, restaurantes, passeios. Comprei passagem, paguei hotel. Depois a gente se acertou. Paguei essas despesas, e eles, outras.

Abri 20 anos da minha vida financeira e fiscal. O Fábio também. Sem que nenhuma irregularidade fosse constatada.

### Viagem luxuosa

Por que ficamos no Octola? Porque é o único hotel lá. Você está no Círculo Polar Ártico para ver a aurora boreal, em um parque que só tem neve. Colocaram nos jornais como turismo de altíssimo luxo. É o oposto. É turismo de natureza, não de ostentação.

Foram cinco dias, all inclusive, com passeios, guias e roupas de proteção, com diárias de € 3.000 (R\$ 17.730) por pessoa. Não teve essa história que Antônio pagou a viagem do Fábio.

### Marina Mantega

Marina é minha amiga há mais de 20 anos. É uma grande influencer de turismo de luxo. A mídia criou um carnaval pelo fato de ela ser filha de um ex-ministro.

### Machismo

Fui colocada como amante do Fábio, depois como amante da esposa do Fábio. Virei namorada de uns três ministros. Não fazem isso com homem.

Continua na pág. A9

**Roberta Moreira Luchsinger, 41** É neta e herdeira de Peter Paul Arnold Luchsinger, um dos ex-acionistas do banco Credit Suisse. Graduada em direito, atua como consultora na área de saúde e foi casada com o ex-delegado Protógenes Queiroz. Já foi filiada ao PC do B e se lançou candidata a deputada estadual pelo PT em São Paulo em 2018, mas não se elegeu. Em 2017, durante a Operação Lava Jato, anunciou a intenção de doar cerca de R\$ 500 mil em dinheiro, joias e bens de luxo a Lula após o bloqueio judicial de contas do petista

Continuação da pág. A8

Gosto de me cuidar, de me vestir bem. Na cabeça de alguns, isso me impede de ser profissional.

#### Careca do INSS

Eu não conheci o Careca do INSS. Conheci o Antônio Camilo, empresário de sucesso no setor farmacêutico. Prestei consultoria para ele diante da necessidade de atualização das duas RDCs da Anvisa [resoluções da Agência Nacional de Vigilância Sanitária].

A indústria de canabidiol é gigante no mundo. Meu trabalho era buscar a regulação desse mercado no Brasil. Apresentei Antônio ao Fábio em um contexto social. Jamais no intuito de negócio.

Eu não sabia de nenhum envolvimento de Antônio com o INSS. O delegado não sabia, os jornalistas não sabiam. Quando soube pela mídia, achei melhor terminar o contrato.

Foram aparecendo conversas de forma aleatória, como a que cita o "filho do rapaz". São factoides. Tem gente que fala que eu não prestei o serviço. Mostrei um serviço prestado, com relatórios técnicos e jurídicos.

#### Consultora ou lobista

O meu produto não é acesso, é o meu conhecimento sobre o sistema regulatório. Eu tenho uma empresa de consultoria especializada na área da saúde, em tecnologia e produtos inovadores.

#### Busca e apreensão

Eles reviraram tudo. Queriam arrombar o cofre. Não tinha necessidade. Eu ofereci todas as senhas. Pegaram documentos e até joias de família. No closet, exibiram e faziam piadas com minhas peças íntimas, coisas sem conexão com a operação. Era desnecessário jogar tudo no chão.

#### Fé na Justiça

Entramos com duas representações. Uma contra o senador Carlos Viana (Podemos-MG), presidente da CPMI do INSS, e outra contra o deputado Alfredo Gaspar (PL-AL), que divulgaram inverdades e ofensas.

Estou pedindo que retirem o conteúdo ofensivo das redes sociais e uma indenização que vou doar para entidade de defesa das mulheres.

Sempre estive à disposição da polícia e do STF para prestar esclarecimento. E o Fábio também. Não posso ficar com esse manto de criminalização em cima de mim por ser amiga de alguém.

#### Uso político

Colocam como se fôssemos nós da esquerda agindo de maneira ilegal, mas o engraçado é que os atuais escândalos de corrupção não são com filho do Lula.

Algumas das pessoas que acusam a mim e ao Fábio são justamente aquelas que de fato receberam mesada de banqueiro preso.

## Investigação da PF mirou elo de filho de Lula e 'Careca do INSS'

**SÃO PAULO** A empresária Roberta Luchsinger esteve no centro de apuração da Polícia Federal que mirou o vínculo entre o lobista conhecido Careca do INSS e Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, filho do presidente Lula.

Em dezembro passado, Luchsinger foi alvo de buscas em fase da Operação Sem Desconto, que apura desvios em aposentadorias do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social).

O pivô da investigação é Antônio Camilo Antunes, conhecido como Careca do INSS. Na apuração sobre o esquema, a PF disse ter encontrado pagamentos de R\$ 1,5 milhão de empresa ligada a ele para Luchsinger.

Em mensagem apreendida pela polícia, Careca pede a um operador que transfira R\$ 300 mil a empresa em nome de Luchsinger. Ao ser questionado sobre o destinatário, ele responde que seria "o filho do rapaz". A PF passou a investigar se era referência a Fábio Luís como "sócio oculto" do lobista.

Os recursos transferidos à empresária, ainda segundo a PF, tinham como justificativa serviços que não foram realizados.

A polícia também transcreveu troca de mensagens em que Ro-

berta diz a Careca: "Some com esses telefones. Joga fora".

A PF apontou a atuação de Luchsinger como "essencial para a ocultação de patrimônio, movimentação de valores e gestão de contas bancárias e estruturas empresariais utilizadas como instrumentos da lavagem de capitais".

Um funcionário do Careca, Edson Claro, disse em depoimento que o lobista pagava Fábio Luís mensalmente. Na quebra de sigilo de Lulinha, porém, não constam repasses diretos do lobista a ele. Em março, a defesa admitiu que Careca pagou despesas de viagem de Lulinha a Portugal em 2024. Afirmou que ele teria sido convidado para conhecer a produção de medicamentos com canabidiol.

A defesa sempre negou que o filho do presidente tivesse envolvimento em qualquer ilegalidade. Ele não foi indiciado nem considerado formalmente investigado. A expectativa da defesa de Roberta é de arquivamento do caso pela inexistência de crime. "A tese acusatória de que ela receberia valores para repassar ao Fábio sem prestação de serviços foi desmontada", diz o advogado Bruno Salles.



MILHÕES DE FAMÍLIAS DEIXARAM DE ESPERAR POR ÁGUA E ESGOTO TRATADO. SABESP FAZENDO POR VOCÊ.

Soluções definitivas para problemas históricos. É isso que estamos entregando. E vamos continuar entregando.

**sabesp**

**Sabesp**  
Fazendo por você

## política

# PSD discute Kassab como vice de Caiado para frear aliança com Zema

Sigla quer evitar presidenciável do Novo na cabeça de chapa em possível união que começou a ser negociada; palavra final será de ex-governador de Goiás, afirma partido

**BRASÍLIA E SÃO PAULO** Integrantes do PSD discutem lançar o presidente do partido, Gilberto Kassab, como vice na chapa de Ronaldo Caiado na disputa ao Palácio do Planalto, na tentativa de frear a movimentação por uma aliança que teria Romeu Zema (Novo) como cabeça da chapa.

A articulação para emplacar Kassab como vice de Caiado foi revelada na Jovem Pan por Dora Kramer, colunista da *Folha*.

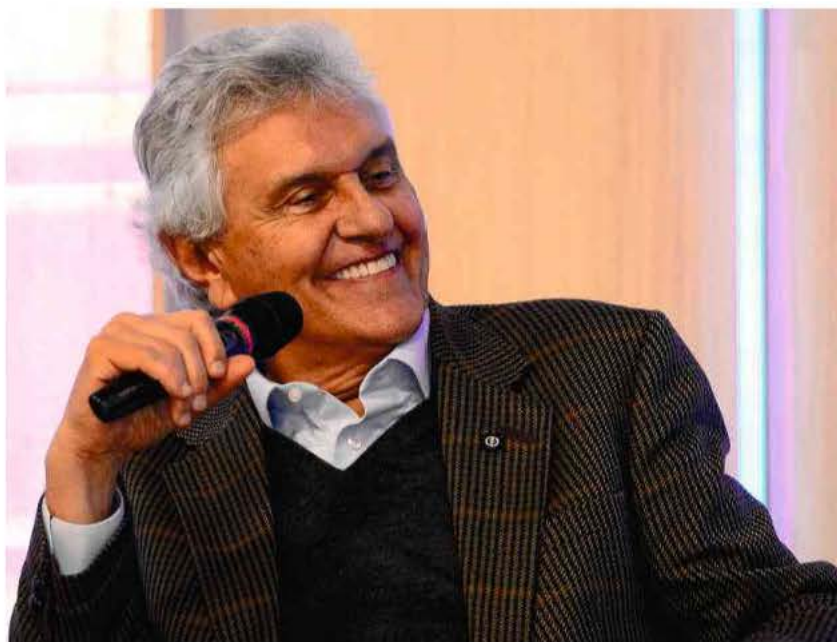
No começo da tarde deste sábado (30), Kassab confirmou a indicação de colegas por meio de uma publicação em suas redes sociais, mas disse não haver nenhuma definição.

Ele disse se sentir "honrado com as manifestações dos companheiros" e se colocou à disposição, mas afirmou ser preciso buscar acordos e que a palavra final caberá ao ex-governador de Goiás, "depois de ouvidas todas as instâncias partidárias e o conjunto de nossas forças apoiadoras".

"Mesmo já tendo afirmado que uma candidatura chapa pura pode ser uma hipótese concreta, entendo que muitas etapas e entendimentos precisam ser cumpridos, dentro e fora do nosso partido, até que seja tomada uma decisão sobre o perfil da nossa chapa", disse.

Distantes de Lula (PT) e de Flávio Bolsonaro (PL) nas pesquisas de intenção de voto, Zema e Caiado passaram a admitir a possibilidade de se unirem já no primeiro turno das eleições e tiveram um encontro na última terça (26).

Caiado chegou a reconhecer a possibilidade de ser vice, mas depois mudou de tom, dizendo que



O presidenciável Ronaldo Caiado, ex-governador de Goiás Antônio Machado /Fotoarena/Folhapress

a conversa não chegou ao "nível de entendimento" sobre essa posição e que haverá um novo encontro com ele.

As discussões para uma candidatura puro-sangue, com Caiado e outro integrante do partido na vice, tiveram início em abril, conforme informou a coluna Pánel, da *Folha*. Na ocasião, Kassab era o nome mais citado na legenda, como forma de dar peso institucional à candidatura.

O presidente do PSD está em Lisboa para participar do Fórum de Lisboa, evento capitaneado pelo ministro do STF (Supremo

Tribunal Federal) Gilmar Mendes e que ficou conhecido como "Gilmarpalooza". Junto com ele estão outros líderes do partido, como Jorge Bornhausen e Heráclito Fortes.

O objetivo de anunciar Kassab como vice seria contornar a irritação de integrantes da legenda diante da forma como foi ventilada a hipótese de Caiado ser vice de Zema, em vez do contrário.

Os rumores sobre a tomada de decisão circulavam desde antes de Kassab embarcar para a Europa. O presidente do PSD, contudo, vinha respondendo a inter-



**Muitas etapas e entendimentos precisam ser cumpridos, dentro e fora do nosso partido, até que seja tomada uma decisão sobre o perfil da nossa chapa**

**Gilberto Kassab**  
presidente do PSD

locutores que a decisão só será tomada em junho, deixando em aberto tanto a possibilidade de alianças quanto uma chapa com Caiado e um vice do partido.

Membros do PSD que ficaram em São Paulo avaliam que, mesmo que houvesse alguma definição, Kassab e Caiado postergariam a divulgação para evitar anúncio em meio ao evento de Gilmar.

No fim da manhã deste sábado, Caiado deu uma entrevista em Porto Alegre e, sem citar a possibilidade de Kassab ser seu vice, disse que o mais importante é que a centro-direita seja capaz de construir uma aliança que derrote Lula nas eleições.

Ele citou as conversas com Zema, dizendo que o foco principal do diálogo é nesse sentido. "É lógico que nós estamos conversando. Mas conversando também buscando, neste momento, que não haja uma desagregação da centro-direita. Que a gente possa chegar harmônicos lá no segundo turno. Para que problemas que ocorram com um candidato ou outro não venham afetar [a possibilidade de] bater o Lula no segundo turno", disse.

A discussão de uma aliança entre Zema e Caiado à Presidência ocorre depois do desgaste de Flávio diante do caso "Dark Horse", alvo de críticas de Zema e Caiado, e da vantagem aberta por Lula na última pesquisa Datafolha.

No levantamento, Lula (40%) ampliou de 3 para 9 pontos percentuais a diferença para Flávio (31%) na simulação de primeiro turno. Caiado e Zema marcam, respectivamente, 4% e 3%.

Na entrevista, Caiado disse que o PSD tem montado palanque nos estados, o que seria importante para a candidatura e citou São Paulo, com Tarcísio de Freitas (Republicanos), como exemplo. Tarcísio, porém, já fez diversas declarações dizendo que pedirá votos para Flávio Bolsonaro.

**Elio Gaspari**

O colunista está de férias

## Raquel avança no PE com agenda no interior e foco em temas locais

Josué Seixas

**RECIFE** O avanço de Raquel Lyra (PSD) na corrida eleitoral de Pernambuco, após meses atrás de João Campos (PSB) nas pesquisas, é atribuído por aliados e analistas à aprovação de sua gestão, à intensificação da presença no interior do estado e à tentativa de manter a disputa concentrada em temas locais.

Pesquisa Datafolha divulgada nesta quinta-feira (28) mostra a governadora à frente do ex-prefeito do Recife na simulação de segundo turno, com 51% a 44% das intenções de voto. Brancos e nulos somam 4%, e 1% não soube responder. A margem de erro é de três pontos percentuais para mais ou para menos.

O levantamento mostra praticamente uma inversão no cenário em relação a abril, quando ele tinha 52% das intenções de voto, e ela, 42%. Naquele mês, Campos tinha a possibilidade de liquidar

a eleição ainda na primeira etapa, com 50% ante 38% de Raquel.

O atual levantamento, realizado de 25 a 27 de maio, também aponta aprovação de 67% ao governo estadual. O índice é de 72% entre os moradores de áreas e de 61% entre os da região metropolitana do Recife.

Pessoas próximas à governadora afirmam que o resultado acompanha movimento percebido internamente nos últimos meses, sobretudo após uma sequência de ações em áreas como segurança, saúde e habitação.

Aliados citam reformas em hospitais, medidas voltadas à moradia e agendas frequentes no interior. A avaliação no entorno da governadora é de que a presença constante fora da região metropolitana começou a produzir efeitos eleitorais.

Interlocutores de Raquel também avaliam que estadualizar a disputa favorece sua campanha. A governadora passou a se asso-

ciar cada vez mais aos símbolos do estado, como cores, peças e a bandeira, além de repetir o lema "Meu país Pernambuco".

A leitura é que a nacionalização do debate beneficia João Campos, que vem reforçando aproximações públicas com Lula.

Campos, além disso, desde que deixou a Prefeitura do Recife para poder disputar o governo, intensificou agendas no interior e passou a reforçar referências a seu pai, o ex-governador Eduardo Campos, e ao período em que o PSB comandou Pernambuco.

A campanha dele também tenta reforçar uma imagem de continuidade administrativa e proximidade popular, estratégia semelhante à utilizada em sua passagem pela prefeitura.

Por ora, Raquel tem maior intenção de voto entre homens (53%, ante 44% das mulheres), além de outros segmentos, como os eleitores de Flávio Bolsonaro (69%).

**51%**

É a intenção de voto no segundo turno registrada para Raquel Lyra (PSD) na pesquisa Datafolha divulgada no dia 28/5. Em abril, ela tinha 42%. Com o crescimento, ela passou a liderar a corrida eleitoral de Pernambuco

**44%**

É intenção de voto no segundo turno registrada para João Campos (PSB) no levantamento de maio. Em abril, ele liderava com 52%

Já Campos vai melhor entre mulheres (47%, ante 38% dos homens) e eleitores de Lula para presidente (55%).

O cientista político Adriano Oliveira dos Santos, professor da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), afirma que a disputa no estado deixou de assumir características de ruptura e passou a se aproximar de um cenário de continuidade administrativa.

"Essa eleição é uma eleição de seguir em frente, não de mudança", afirmou. Segundo ele, a aprovação da gestão estadual reduziu o espaço para uma candidatura sustentada na ideia de renovação.

Na avaliação do professor, a campanha de Raquel conseguiu consolidar no eleitorado a percepção de que o governo "está trabalhando", principalmente fora da região metropolitana. Já João Campos, segundo ele, corre o risco de criar uma imagem muito vinculada ao legado familiar ao reforçar referências ao pai.

## política

# Órgãos liberam 135 para evento de Gilmar e pagam parte das viagens

Fórum de Lisboa diz que 'Gilmarpalooza' é estritamente acadêmico e que decisão de participar cabe a cada instituição; dois tribunais citam gastos de R\$ 692 mil em diárias

Mateus Vargas

BRASÍLIA Órgãos públicos dos três Poderes autorizaram a viagem de ao menos 135 autoridades e funcionários para o Fórum de Lisboa, evento capitaneado pelo ministro Gilmar Mendes, do STF (Supremo Tribunal Federal), e conhecido como "Gilmarpalooza".

A 14ª edição do Fórum de Lisboa será realizada de 1º a 3 de junho. O encontro é marcado pela presença de autoridades do meio político e do Judiciário, além de eventos sociais paralelos — em 2024, o então banqueiro Daniel Vercaro esteve nas celebrações que ocorrem fora dos muros da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

Parte das diárias e passagens será custeada com verba pública. Apenas o Tribunal de Justiça do Piauí e o TCU (Tribunal de Contas da União), que divulgaram valores relativos às viagens, pagaram R\$ 692 mil juntos em diárias a seus membros e funcionários.

O número de viagens, porém, ainda é subestimado, já que o levantamento considera apenas nomes localizados em Diários Oficiais e em sites de órgãos ligados à União, estados e municípios.

A lista localizada pela reportagem é formada principalmente por servidores que não ocupam cargos do primeiro escalão. Ainda não houve publicação em Diário Oficial autorizando a ida de ministros do governo ao evento, por exemplo — o que não significa que eles não estarão presentes.

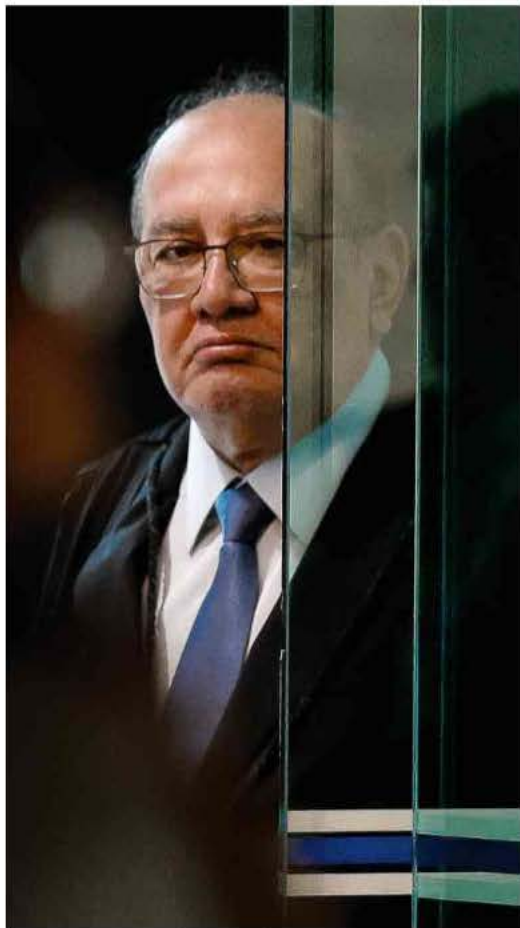
A Câmara dos Deputados também não divulgou quais parlamentares terão despesas pagas. O órgão afirmou que apresentará as informações assim que os dados estiverem consolidados.

O Fórum também não divulgou ainda a lista de participantes. Em nota, a organização disse que o encontro em Portugal é estritamente acadêmico, promovido por instituições de ensino e pesquisa, voltado ao debate jurídico, institucional e científico de temas de interesse público.

"A eventual participação de servidores ou agentes públicos decorre de decisão autônoma dos respectivos órgãos aos quais estão vinculados, observadas as normas administrativas próprias de cada instituição. A organização do evento não possui qualquer ingerência sobre autorizações administrativas, afastamentos funcionais ou eventual custeio realizado por terceiros", afirmou.

Nos dados levantados pela reportagem, a AGU (Advocacia-Geral da União) é o órgão com mais viagens autorizadas. São ao menos 22, sendo que ainda não há informações no Painel de Viagens do governo federal sobre o preço dos deslocamentos e diárias.

Já a comitiva do Tribunal de Jus-



O ministro do STF Gilmar Mendes, que lidera o Fórum de Lisboa. Pedro Ladeira - 26.fev.26/Folhapress



**A organização do evento não possui qualquer ingerência sobre autorizações administrativas, afastamentos funcionais ou eventual custeio realizado por terceiros**

Fórum de Lisboa

tiça do Piauí terá 13 nomes e gastará R\$ 392 mil apenas em diárias.

O TCU terá 13 representantes, sendo 4 ministros, e pagará R\$ 300 mil em diárias. Além do Fórum, que começa em 1º de junho, parte do grupo esteve no Encontro Internacional sobre Consensualismo, realizado na sexta-feira (29).

O governador de Tocantins, Wanderlei Barbosa (Republicanos), levará ao menos oito pessoas ao evento, incluindo a primeira-dama, Karynne Sotero Campos, que terá passagem paga pelo governo local. Ela também acompanhou o marido em edição anterior.

Questionado, o governo estadual não informou qual será o valor pago em diárias, hospedagens e passagens da comitiva. Disse apenas que a agenda de Barbosa é parte da estratégia de fortalecimento da presença institucional do Tocantins em espaços de debate, "além da apresentação das potencialidades estaduais nas áreas de infraestrutura, logística, agroindústria e sustentabilidade ambiental".

O governador será palestrante no painel "Energia como ativo estratégico na economia verde e digital", diz ainda a gestão.

O próprio ministro Gilmar Mendes entrou em contato com auto-

ridades e figuras de destaque para reforçar o convite neste ano, especialmente a integrantes do STJ, em meio às tensões políticas causadas pelo escândalo do Banco Master e após a defesa de um código de ética pelo presidente do STF, Edson Fachin.

Em entrevista à *Folha*, Gilmar negou que o cenário político esvaziaria o evento e rebateu críticas sobre sediar o Fórum fora do país e receber autoridades que mais tarde se tornaram alvo de investigações.

"Estamos fazendo talvez um dos maiores eventos que já fizemos, com mais de 470 palestrantes e disputas por lugar. Talvez pessoas que não queiram ir ao Fórum e queiram ser simpáticas à ideologia da *Folha* estejam ecoando isso, mas não percebemos isso, felizmente", afirmou.

"Não sei quem plantou essa ideia que o problema é o 'Gilmarpalooza', mas para nós é uma coisa muito 'naïve' [ingênua]", disse ele.

Como os dados são parciais, não há como comparar de forma precisa a presença em cada edição do evento. Em 2024, a reportagem havia somado 160 autoridades liberadas dias antes do evento.

Os dados levantados pela *Folha* apontam que integrantes de 54 órgãos diferentes receberam aval até o dia 29 de maio para viajar ao evento.

Ao menos quatro senadores pediram liberação para a viagem: Camilo Santana (PT-CE), Eduardo Gomes (PL-TO), Laércio Oliveira (PP-SE) e Cid Gomes (PSB-CE). Procurado, o Senado não confirmou o total de parlamentares que irá ao evento nem os valores envolvidos nas viagens.

Eles apresentaram ao Senado pedido para "desempenhar missão do exterior", acompanhado do convite do Fórum. O documento afirma que o encontro terá como tema a "Nova Ordem Internacional, Tecnologia e Soberania: Desafios Democráticos, Econômicos e Sociais".

Dois seguranças do ex-presidente Michel Temer (MDB) também foram autorizados a acompanhá-lo em Portugal.

Em nota, o Fórum de Lisboa afirma ainda que a participação em congressos, seminários e fóruns acadêmicos "integra, historicamente, atividades de aperfeiçoamento, intercâmbio técnico e produção de conhecimento, compatíveis com os princípios da administração pública e da capacitação institucional".

"O Fórum de Lisboa possui programação pública, acadêmica e plural, reunindo professores, pesquisadores, magistrados, juristas e especialistas nacionais e internacionais para discussão de temas relevantes ao direito, à democracia e às instituições", diz a organização do evento.

## Ex-conselheira do CNJ é nomeada por Kassio para coordenar área internacional do TSE

BRASÍLIA O presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), Kassio Nunes Marques, nomeou a juíza e ex-conselheira do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) Renata Gil para comandar a recém-criada diretoria de assuntos internacionais da corte.

Renata foi presidente da AMB (Associação de Magistrados Brasileiros) e é namorada do ministro Dias Toffoli, do STF (Supremo Tribunal Federal). Ela deixou o cargo de assessora do governador interino do Rio, Ricardo Couto, para assumir a nova função, oficializada na última quarta (27).

Kassio assumiu a presidência do TSE em 12 de maio. Ele propagou nos bastidores querer se diferenciar de Alexandre de Moraes, que comandou a corte na última eleição presidencial, e impor um estilo menos intervencionista e de mais diálogo no tribunal.

Procurado pela *Folha*, Kassio não se manifestou. Ele justificou a interlocutores a criação da diretoria que será ocupada por Renata afirmando que a corte precisa de observadores estrangeiros participando do período eleitoral para estreitar a relação com organismos internacionais e dar transparência ao pleito.

O presidente do TSE também disse internamente que sua escolha se devia ao fato de Renata ter sido presidente da AMB, com experiência no trato com órgãos internacionais.

Magistrada na Justiça do Rio de Janeiro desde 1998, Renata é graduada em direito pela Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Foi a primeira mulher a presidir a AMB, de 2020 a 2022. Antes, esteve à frente da Amaerj (Associação dos Magistrados do Estado do Rio de Janeiro), entidade que comandou por dois mandatos consecutivos.

Dias Toffoli disse que eventual ilação que vincule a nomeação ao fato de ser namorada dele era um gesto de misoginia.

Renata repetiu essa posição. "Sou juíza há 28 anos, fui juíza eleitoral por 17 anos, conduzi as eleições no meu estado [Rio de Janeiro] em um período eleitoral inteiro. Também fui condutora da observação eleitoral em 2022 com o ministro [Luís Roberto Barroso], com o ministro Alexandre [de Moraes], com o ministro [Edson] Fachin. E a minha história se resume a ser namorada do ministro Dias Toffoli?", questionou.

Como diretora de assuntos internacionais do TSE, Renata ficará vinculada diretamente à presidência da corte.

Ela integrará o tribunal num momento em que Kassio prevê turbulências devido à polarização eleitoral, segundo ele disse a assessores.

## OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman  
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman da Folha tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000

## Escala 6x1, Bolsa Família e outros dinheiros

Cobertura teve mais textos a favor da mudança de jornada, mas os contrários ganharam destaque

Alexandra Moraes

A aprovação do fim da escala 6x1 na Câmara não foi exatamente surpresa, depois de semanas de muito corte e costura institucional. Quis o destino, porém, que ela viesse na esteira da polêmica gerada pelas opiniões do apresentador Luciano Huck a respeito do Bolsa Família.

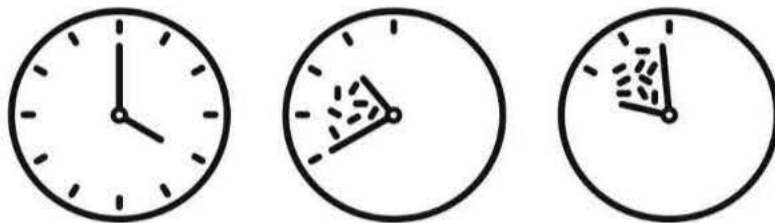
O tratamento desses dois temas guarda uma estranha semelhança e se difere daquele recebido pela votação na Câmara que aprovou um "isentaço" para entidades religiosas e pela nova ajuda ao agro no Senado.

Sobre a 6x1, tentei monitorar na Folha o que vinha a favor e contra as propostas de mudança da jornada de trabalho.

Com ajuda da IA (Claude/Anthropic) e pesquisando milhares de textos desde setembro de 2024, achamos 297 com avaliações sobre a mudança na 6x1. Eram 61,3% mais favoráveis, 22,9% mais contrários e 15,8% neutros. Vale lembrar que a leitura guarda subjetividade, mesmo feita por máquina, e que esse resultado obviamente não é científico. Mas ele nos oferece uma pequena brecha.

Se os textos que refletiam posicionamentos mais favoráveis à mudança na 6x1 eram mais numerosos no jornal, os que traziam dados ou argumentos contrários a ela acabaram ganhando lugares VIP, como as capas do impresso, de "registral histórico".

Em fevereiro, quando o debate esquentou, a Folha produziu duas manchetes barulhentas numa mesma semana, com "Redução da jornada pode diminuir PIB em 6,2%; centrais apontam ganhos" e "Brasileiros trabalham menos que a média mundial, aponta ranking". Esta última desceu tão mal



que, na época, ganhou uma coluna da ombudsman só para ela.

Mais tarde, vieram outros dados. "Apoio a fim da escala 6x1 sobe e chega a 71% dos brasileiros, diz Datafolha" e "Vagas de um a dois salários mínimos puxam 87% da alta no emprego desde 2023". Era outra movimentação.

Curiosamente, na última terça, quando os jornais davam foto do papa para ilustrar a importância de sua encíclica sobre inteligência artificial, a Folha esnobou a imagem do pontífice para estampar na capa um protesto pelo fim da escala 6x1 na avenida Paulista, pouco antes da votação.

Depois da aprovação, voltaram os empresários: "Empresários querem adiar fim da 6x1; Alcolumbre evita compromisso".

Já a frase de Luciano Huck sobre o Bolsa Família só não foi to-

talmente ignorada pela Folha porque o F5, editoria dedicada a celebridades, registrou protestos de ex-BBBs. Foi também um colunista do F5, Thiago Stivaletti, que avaliou a postura do "apresentador-empresário" e as críticas a ela. "Em evento no sábado (23), ele [Huck], que já considerou se candidatar à Presidência, reproduziu o velho pensamento da elite de que os beneficiários do Bolsa Família 'criam um monte de atalhos para conseguir ficar no programa ad eternum' (em outras palavras, preguiçosos que não querem trabalhar)".

A questão estava servida, mas demorou mais alguns dias para chegar a outros cantos do jornal (em "Estudos refutam tese de Luciano Huck sobre 'dependência eterna' no Bolsa Família" e "Luciano Huck não está tão errado so-

**Se os textos que refletiam posicionamentos mais favoráveis à mudança na escala 6x1 eram mais numerosos no jornal, os que traziam dados ou argumentos contrários a elas acabaram ganhando lugares VIP, como as capas do jornal impresso**

bre o Bolsa Família; veja vídeo"). Talvez a Folha estivesse escalada por já ter servido de plataforma para ideias semelhantes de outros empresários, como nos episódios do "rei do ovo" e da fake news sobre aposentadoria de beneficiários. Mas parecia indiferença demais para o tamanho da polêmica.

No Estado, o economista Pedro Fernando Nery aproveitou e soltou "Me ajuda, Luciano", repetindo bordão dos pedidos de caridade ao apresentador. Nery lembrava que o Bolsa Família tem passado por cortes sucessivos e que, "enquanto sociedade, nunca discutimos quanto queremos gastar" com o programa.

Também informava que o benefício perdeu 30% de seu valor desde 2020. E que "o governo vem cortando o orçamento e o valor real, talvez porque concorde em algum grau com questionamentos como o feito por Luciano". "A discussão deveria se dar de forma mais aberta", afirmava.

Deveria mesmo. A própria Folha poderia colaborar para melhorar a qualidade do debate, mais um que permanece abaixo da linha da pobreza no país.

Sem tanta comoção, uma comissão do Senado aprovava renegociação de "R\$ 170 bilhões a R\$ 180 bilhões em dívidas de produtores rurais". E com outra PEC, ainda mais discreta, a "Câmara barra cobrança de impostos de igrejas para construção de templos e compra de helicóptero", informava o jornal na quarta (27).

A proposta "abre brecha para impedir qualquer tributação (federal, estadual ou municipal) sobre bens, serviços e consumo, por exemplo a compra de helicópteros, veículos, alimentos, microfones ou serviços de limpeza".

Quanto custaria isso? Ainda estamos por saber. Alguém apareceu pedindo responsabilidade fiscal ou insinuando que as comunidades religiosas estariam "encostadas" no dinheiro público? Não estava no relato.

## Ditadura queimou corpos em usinas, diz MPF

Ação pede responsabilização por crimes; Paraíba diz que não foi intimada, e AGU, que busca informações

**PORTO ALEGRE** O Ministério Público Federal está processando a União e o estado da Paraíba por violações de direitos humanos contra trabalhadores rurais durante a ditadura militar.

Entre as acusações estão tortura, assassinatos e desaparecimentos forçados de trabalhadores rurais e integrantes das Ligas Camponesas no período de 1964 a 1981. A ação civil pública, ajuizada pelo órgão na terça-feira (26), aponta indícios de que perseguidos políticos foram levados a usinas de açúcar onde foram mortos e tiveram os corpos incinerados em fornalhas.

A Procuradoria-Geral do Estado da Paraíba afirmou que ainda não foi intimada e, por isso, não pode se pronunciar. A AGU (Ad-

vocacia-Geral da União) disse em nota que já foi intimada "e no momento está solicitando subsídios aos órgãos competentes".

Segundo a Procuradoria, agentes públicos e grupos armados ligados a latifundiários atuaram de forma coordenada para perseguir lideranças do movimento.

O órgão cita a confissão de um agente identificado como cabo Chiquinho, da Polícia Militar, a uma assistente social. Ele disse que as vítimas foram conduzidas para uma usina, onde foram executadas e tiveram os corpos destruídos nas fornalhas.

A ação destaca os casos dos militantes João Alfredo Dias, conhecido como Nego Fuba, e de Pedro Inácio de Araújo, conhecido como Pedro Fazendeiro, que

são oficialmente considerados os primeiros desaparecidos políticos da ditadura militar no Brasil.

Relatórios da Comissão da Verdade apontam que Pedro Fazendeiro desapareceu após se apresentar voluntariamente ao Exército após ser incluído em um inquérito militar, e foi submetido a torturas antes de sumir.

Já Nego Fuba, sapateiro e vereador eleito em Sapé, teve o mandato cassado dias após o golpe militar, em uma iniciativa de afastar líderes próximos às Ligas Camponesas. Foi preso no mesmo ano, levado ao 15º Regimento de Infantaria do Exército, em João Pessoa, e nunca mais foi visto.

O processo pede responsabilizações gerais e individuais pelas violações cometidas no período

**+** Cerca de 40 mil integraram Ligas Camponesas

As Ligas Camponesas eram grupos de trabalhadores mobilizados por melhores condições de trabalho no campo e reforma agrária. O movimento nasceu na década de 1940, ligado ao PCB (Partido Comunista Brasileiro), e ganhou força nos anos 1950 a partir de mobilizações rurais em Pernambuco

e requer também a responsabilização póstuma do coronel Ednardo D'Ávila Mello, do major José Benedito Montenegro de Magalhães Cordeiro e do coronel da Polícia Militar Luiz Ferreira Barros, apontados como responsáveis pelos desaparecimentos de Nego Fuba e Pedro Fazendeiro.

As medidas incluem interrupção de pensões e benefícios vinculados aos três militares, ações regressivas contra espólios e herdeiros para ressarcir valores pagos pelo Estado e revogação de homenagens em bens públicos.

A ação pede ainda que o poder público apresente desculpas oficiais, abra arquivos sobre a repressão e inclua a história das Ligas Camponesas nos currículos escolares da Paraíba.

## Flávio Bolsonaro é terrorista?

Senador é aliado de Bacellar, apontado como chefe do núcleo político do CV

### Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

Flávio Bolsonaro é aliado de Rodrigo Bacellar, ex-presidente da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. A Polícia Federal considera Bacellar "o chefe do núcleo político do Comando Vermelho". Ou seja: se o Departamento de Estado americano estiver certo, Flávio é aliado de um importante líder terrorista. Flávio Bolsonaro também já se declarou "irmão" de Daniel Vorcaro, dono do Banco Master.

O Master tinha relações tão próximas com a Reag Investimentos, acusada de lavar dinheiro do PCC, que, segundo matéria da Folha de 28 de agosto de 2025, administrava o fundo que era dono da casa de Vorcaro. Ou seja, se o Departamento de Estado americano estiver certo, Flávio Bolsonaro ganhou R\$ 60 milhões inexplicáveis de um sócio da turma que lavava dinheiro do grupo terrorista PCC.

Discordo do Departamento de Estado americano: embora o CV e o PCC mantenham um reinado de terror nos territórios que ocupam, isso é diferente do que faz a Al Qaeda, ou do que fazia o IRA irlandês. CV e PCC não têm objetivos políticos ou ideológicos.

O único argumento realmente bom a favor da nova definição proposta pelo Departamento de Estado americano é justamente o conjunto de vínculos suspeitos entre o CV, o PCC e o bolsonarismo.

Final, o bolsonarismo realizou o único atentado terrorista incontestável de nossa história recente: a tentativa de explodir o aeroporto de Brasília na véspera de Natal de 2022, conduzida por um ex-assessor do ministério de Damare Alves e um comparsa. Um dos terroristas, inclusive, estava no Congresso no dia 30 de novembro de 2022, quando a banca bolsonarista se reuniu para pedir golpe de Estado.

O atentado da véspera de Natal se encaixa muito melhor na definição tradicional de terrorismo do que as barbaridades perpetradas por CV e PCC. Os terroristas de Brasília buscavam, por métodos violentos dirigidos à população civil, criar um clima de caos que levasse a uma adesão dos militares à tentativa de golpe de Estado conduzida por Jair Bolsonaro.

Flávio Bolsonaro é o herdeiro da liderança do movimento que fez o atentado da véspera de Natal em 2022. Mesmo assim, sou generoso o suficiente para hesitar antes de chamar Flávio Bolsonaro de terrorista. O que resta investigar é se Flávio e outros líderes bolsonaristas são criminosos comuns, como os do CV ou os do PCC.

As novas descobertas da PF mostram que o dinheiro dos aposentados roubado pelo governo bolsonarista do Rio de Janeiro e transferido à quadrilha Banco Master chegava a quase R\$ 4 bilhões. Ainda na semana passada, foi feito um acordo para fechar um rombo de R\$ 6,5 bilhões do BRB que o governo bolsonarista do Distrito Federal deu para o Master.

Discordo de quem acha que Flávio Bolsonaro, o CV e o PCC são terroristas, mas respeito os argumentos de quem acha que são.

O que é indiscutível é que não podemos deixar Flávio usar essa polêmica para abafar um escândalo que tirou de cofres públicos administrados por bolsonaristas um mínimo de R\$ 10 bilhões que poderiam ter sido usados para treinar e pagar o salário de um policial para patrulhar a rua em que você mora.

Ao invés disso, foram gastos com surubas de políticos de direita, uisque em evento de US\$ 1 milhão e o filme do Bolsonaro.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros  
SEB. Maíraldo Anjos / Lara Mesquita TER. Joel Pinheiro da Fonseca  
QUA. Elio Gaspari qui. Conrado H. Mendes  
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SÁB. Demétrio Magnoli



Tati Bernardi, Itamar Vieira Junior, Ruy Castro, Carla Madeira e Rosa Monteiro na CasaFolha. Mathilde Missionero/Folhapress, Zanone Fraissat/Folhapress, Zanone Fraissat/Folhapress, Rafaela Araújo/Folhapress e Adriano Vizoni/Folhapress

## CasaFolha, plataforma com quase 40 cursos já lançados, agora chega à smart TV

Aulas estão disponíveis em aparelhos Samsung e LG; Marcelo Gleiser é a novidade em junho com lições sobre os mistérios do Universo

Uirá Machado

**SÃO PAULO** Os cursos da CasaFolha, plataforma de streaming com aulas exclusivas lançada pela Folha no final de 2024, agora podem ser vistos em smart TVs da marca Samsung e LG.

Basta abrir a loja de aplicativos (Samsung App Store ou LG Content Store), buscar por "CasaFolha", fazer o download e entrar com os dados de assinante.

O aplicativo na smart TV dá acesso ao mesmo conteúdo já disponível para celular e computadores. São 37 cursos exclusivos comandados por grandes personalidades em diferentes áreas, como a Monja Coen, que fala sobre meditação, o cineasta José Padilha, que aborda a arte de contar histórias, a escritora Carla Madeira, que trata de escrita criativa, e o ensaísta Luiz Felipe Pondé, que ensina filosofia.

Além disso, novos conteúdos são incluídos todos os meses. Em maio, estreou o curso "A morte é um dia que vale a pena viver", da médica geriatra e paliativista Ana Claudia Quintana Arantes. No dia 17 de junho, o astrônomo Marcelo Gleiser, um dos cientistas brasileiros de maior renome internacional, lança aulas inéditas sobre mistérios do Universo.

Para assistir aos cursos da plataforma no celular, no computador ou na smart TV, é preciso ser assinante da CasaFolha.

É possível se vincular à plataforma pelo endereço casafolhasp.com.br/assine. A assinatura, com desconto promocional de 67%, sai por R\$ 19,90 por mês no plano anual (R\$ 59,90 sem a promoção) e inclui acesso ilimitado a todas as notícias da Folha no site e no aplicativo para celular e tablet.

Quem já é assinante da Folha não precisa de nova assinatura. Basta fazer o upgrade por R\$ 10 adicionais no plano do jornal em casafolhasp.com.br/upgrade.

### Como assinar a CasaFolha

Para assinar a plataforma, basta entrar em casafolhasp.com.br/assine. A assinatura, com desconto promocional de 67%, sai por R\$ 19,90 por mês no plano anual (R\$ 59,90 sem a promoção) e inclui acesso ilimitado a todas as notícias da Folha no site e no app. Quem já é assinante do jornal pode fazer o upgrade em condições especiais para ter à disposição todo o conteúdo da CasaFolha. Basta acessar casafolhasp.com.br/upgrade.

Lançada em setembro de 2024 pela Folha, a CasaFolha apresenta conteúdos em formato de "masterclasses", que podem ser acompanhados sob demanda. Os professores são profissionais consagrados no Brasil e no exterior. Eles dividem seus conhecimentos e compartilham experiências que os levaram ao sucesso.

Os assuntos abordados são distribuídos em sete blocos temáticos. A Jornada Literária, por exemplo, reúne grandes escritores do Brasil e do exterior.

Além de Carla Madeira, autora de "Tudo É Rio", o bloco tem nomes como Itamar Vieira Junior, autor de "Torto Arado", com um curso de escrita criativa; Ruy Castro, que ensina técnicas para a escrita de não ficção; Tati Bernardi, que fala sobre crônicas e escrita autobiográfica; e a espanhola Rosa Montero, que trata de criatividade e arte na hora de escrever.

Outro núcleo é a Jornada do Conhecimento, com Pondé e os grandes pensadores, Gleiser e os mistérios do Universo e Clóvis de Barros Filho, com a "Filosofia para uma vida que vale a pena".

Já a Jornada Transformação Pessoal e Bem-Estar oferece aulas voltadas ao equilíbrio e desenvolvimento humano.

Entre outros, estão nesse bloco cursos como "Criar filhos no século 21", da psicanalista Vera Iaconelli, "Diversidade e antirracismo", da psicóloga social Cida Bento, e "O potencial do cérebro", da neurocientista Suzana Herculano-Houzel.

Na Jornada Comunicação e Criatividade, há, entre outros, cursos de jornalismo com Sérgio Dávila, diretor de Redação da Folha, e de fotografia com Bob Wolfenson.

Há ainda outras jornadas: Dinheiro e Carreira, com pessoas que têm amplo reconhecimento do mercado em assuntos como liderança e evolução profissional (com nomes como o ex-ministro Pedro Malan); Alta Performance, que reúne profissionais envolvidos com o esporte de elite (caso do ex-jogador Rafi); e Gastronomia, voltada à culinária (com Helena Rizzo e Ivan Ralston).

Virada Cultural reúne 4,8 milhões de pessoas, movimentando R\$ 1,1 bilhão e tem 99% de aprovação



Aponte a câmera de seu celular ou tablet e saiba mais



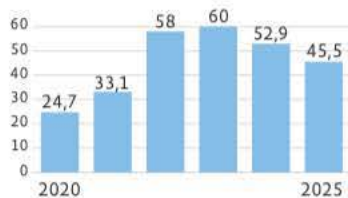
PREFEITURA DE SÃO PAULO  
aqui o trabalho não para

EstúdioFOLHA:

## Deterioração do modelo energético em números

### É mais difícil reter água no lago das hidrelétricas

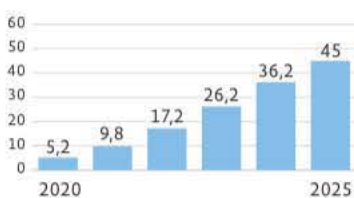
Em % de capacidade de armazenamento



Fonte: Volt Robotics

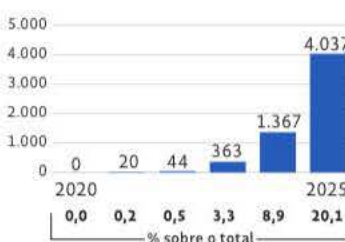
### Geração por painel solar nas casas avança

Capacidade instalada, em GW



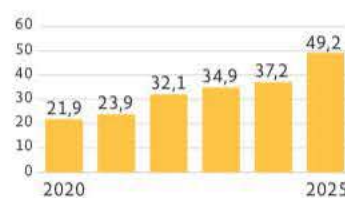
### Cresce o corte de energia

Em MWh médios



### Subsídios bateram no teto

CDE, Conta de Desenvolvimento Energético, em R\$ bilhões



# Lula 3 e Congresso encarecem luz em R\$ 1 trilhão

Ministério critica cálculo de frente de consumidores e diz ser indispensável considerar benefícios de medidas

Alexa Salomão

SÃO PAULO Levantamento da Frente Nacional dos Consumidores de Energia contabiliza que o terceiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e a atual legislatura do Congresso criaram uma despesa extra na conta de luz da ordem de R\$ 985 bilhões até 2050.

Ou seja, quase R\$ 1 trilhão em novos custos para tarifa de energia elétrica já está contratado e vai entrar ao longo do tempo —sem considerar as demais despesas que naturalmente aparecem todos os anos, como reajustes tarifários, correção da inflação ou o efeito das bandeiras.

O valor equivale a seis vezes o orçamento anual do Bolsa Família ou cinco vezes o orçamento do Minha Casa, Minha Vida. Se o montante fosse compartilhado, seria possível dar quase três salários mínimos para cada um dos 213 milhões de habitantes do país.

Os gastos incluem despesas não previstas do Tratado de Itaipu, prorrogação de benefícios e incentivos a projetos de renováveis e a contratação de fontes para suprir a falta de geração em períodos do dia, em leilão criticado.

O Ministério de Minas e Energia afirmou que “considera inadequada e superficial a metodologia utilizada para atribuir, de forma agregada, supostos ‘custos extras’ às políticas públicas adotadas no setor elétrico brasileiro” (leia mais na pág. A17).

Essa leva de custos vai escalar uma tendência já altista. Em janeiro de 2023, a conta de luz de uma família de classe média em São Paulo, que consumisse cerca de 200 kWh por mês, gastava R\$ 185 com energia. Em maio deste ano, o custo com o mesmo consumo havia subido para R\$ 220 por mês —um aumento médio de 18,4%, enquanto a inflação do período foi de 16,7%.

Apesar de o país estar com excesso de geração renovável e barata, no ano passado, a energia elétrica residencial foi o item individual de maior impacto sobre o IPCA, a inflação oficial.

“O setor está uma desordem. Como falta arcabouço para todas as mudanças que estão transformando a área de energia, ora o governo, ora o Congresso, às vezes os dois juntos, fazem ações desconexas para atender deman-

## Custos adicionados à conta de luz entre janeiro 2023 e março de 2026

Medida	Valor, em R\$ bilhões	Período	Justificativa
2º LRCAP – 2026	515,7	Até 15 anos	Fez a contratação de hidrelétricas, térmicas a gás, biometano e carvão para reserva de capacidade
Jabutis das eólicas offshore	197	25 anos	Congresso prorrogou incentivo a renováveis e obrigou contratação de PCHs, hidrogênio no NE e eólica no Sul
MP 1300 + MP 1304	114,58	25 anos	Previu a contratação de usinas até 50 MW e a carvão, além de compensação a renováveis do curtailment
MP 1212	112,5	25 anos	Prorrogou por mais 36 meses os benefícios tarifários para projetos de energia renovável
Descumprimento do Tratado de Itaipu	21,1	4 anos	Os governos de Brasil e Paraguai violam o tratado de Itaipu ao negociar ajustes tarifários
MP 1.232	14	15 anos	Custo das flexibilizações previstas para a recuperação da Amazonas Energia
Acordo consensual sobre PCS	9	8 anos	Descumprindo o contrato do leilão, MME e TCU fecham acordo empresas, alterando valores
3º LRCAP – 2026	0,978	Até 10 anos	Contratou térmicas a óleo combustível, óleo diesel e biodiesel para serviço de reserva de capacidade

Fonte: Frente Nacional dos Consumidores de Energia

das desse ou daquele setor, e o resultado é esse aí”, diz o presidente da Frente, Luiz Eduardo Barata.

“A prioridade, seja quem ganhe a eleição, é reformar o setor de energia já em 2027. Sem isso, vamos ficar nessa cantilena até que, uma hora, a conta não vai fechar.”

A frente não está sozinha. A forma como Executivo e Legislativo atuam na área de energia atrai críticas principalmente na iniciativa privada.

“O setor elétrico virou uma fábrica de penduricalhos sem sentido, que encarecem a produção, acabam com a competitividade das empresas e aumentam o custo de vida da população. É um modelo que penaliza o país e dá benefícios a um conjunto de parasitas”, afirma Lucien Belmonte, porta-voz do União Pela Energia, movimento que reúne mais de 70 setores da indústria brasileira.

O risco das soluções pontuais e o tamanho do problema estrutural estão bem retratados em um evento recente: a crise gerada pelo leilão de reserva de capacidade na forma de potência, mais conhecido pela sigla LRCap.

A forma como o MME conduziu o certame acabou gerando um custo de R\$ 546 bilhões na conta de luz —mais da metade da megadespesa já contratada.

Aqui cabe uma explicação sobre o contexto e a necessidade desse tipo de leilão.

Grosso modo, os leilões tradicionais com hidrelétricas e térmicas comercializavam energia. A garantia de fornecimento fazia parte do pacote. Com o avanço das fontes renováveis, solar e eólica, prevalece a venda de energia, mas essas fontes não conseguem garantir entrega a qualquer momento porque são intermitentes. Vento vai e vem, sol também.

O cenário se complicou com as placas solares nos telhados.

O Brasil tem uma grande rede de abastecimento, que é controlada pelo ONS (Operador Nacional do Sistema Elétrico). Ele determina o que fica ligado e desligado para manter oferta e demanda alinhadas, pois tanto a falta quanto o excesso provocam apagões.

O ONS controla parques solares e eólicos, mas não tem acesso ao fluxo no topo das residências. As

placas inundam o sistema com volume crescente de energia. A geração distribuída tinha 26 GW (gigawatts) de capacidade instalada em 2023. Em 2025, já eram 45 GW. Para equilibrar, o ONS corta usinas que estão sob seu controle, em inglês, amplia o curtailment. Em 2023, cortou 3,3% da oferta. No ano passado, 20%.

O final do dia também virou momento crítico. O pôr do sol suspende a oferta de energia solar, exatamente quando as pessoas chegam em casa, ligam a luz e tomam banho no chuveiro elétrico. Esse momento é chamado de horário de ponta. É preciso entrar com outro fornecimento rapidamente, para manter o equilíbrio entre oferta e demanda.

O governo não conseguiu mexer na estrutura desse enrosco, que tende a piorar. Por tudo isso, o LRCap é considerado fundamental para manter a segurança do sistema: ele compra garantia de entrega. Para que isso ocorra, a lógica é contratar projetos só para ficar à disposição.

O primeiro leilão do gênero ocorreu em 2021, e é consenso no setor que o MME deveria ter feito certames anuais, contratando pequenos volumes e colocando todas as fontes para disputar juntas, o que elevaria a concorrência e tenderia a reduzir o preço.

Um calendário regular e previsível também ajudaria as empresas interessadas no certame a organizar sua participação, bem como a compra de equipamentos para modernizar usinas existentes ou pôr de pé novos projetos.

No entanto, o que se viu foram derrapadas institucionais que, além do custo de três dígitos, alimentam uma polêmica ruidosa.

O MME protelou os certames por três anos. O cronograma dos dois LRCaps saiu em 23 de outubro de 2025, marcando o leilão para 18 e 20 de março de 2026 —no meio de um boom de data centers que exige mais energia. As empresas interessadas em participar pensaram para conseguir equipamentos e pagaram caro. Os preços ficaram de duas a três vezes acima dos níveis históricos.

Para complicar, algo deu errado no cálculo dos preços-teto. Por serem considerados baixos demais, foram recebidos por forte reação dos investidores.

Continua na pág. A18

**Total das despesas contratadas**

**R\$ 1 tri** é o custo contratado desde janeiro de 2023 e que vai impactar a conta de luz até 2050

### O VALOR EQUIVALE A:

**6,3 vezes** o orçamento anual do Bolsa Família, de R\$ 158 bi

**5 vezes** o orçamento anual do Minha Casa Minha Vida, de R\$ 200 bi

**4,3 vezes** o aporte anual para Educação, de R\$ 234 bi

**3,7 vezes** o investimento público anual em Saúde, de R\$ 271 bi

## economia

PAINEL S.A.

Alex Sabino (interino)  
painelsa@grupofolha.com.brCRISTIANE SOUZA  
Presidente da Casa Gallo

## ‘Há oportunidade de dobrar venda do azeite’

CEO da Casa Gallo planeja estimular o uso do produto no preparo da comida, não só na finalização

Primeira mulher brasileira a ocupar a presidência da Casa Gallo, Cristiane Souza, 51, navegou na repaginação da marca no país e na crise da safra da azeitona em 2024, que fez disparar o preço do azeite.

No comando de uma operação iniciada em 1919 no Brasil, a Gallo tem agora a meta de crescer 100% no setor em que já é líder de mercado. Um dos pilares da estratégia é fazer o consumidor incorporar o azeite na culinária, não apenas na finalização de pratos. A empresa também mudou embalagens e colocou no mercado produtos premium.

\*

**A Casa Gallo tem meta de dobrar a operação brasileira, que já representa 60% do faturamento global da empresa. Isso não é também arriscado?** A gente tem uma oportunidade imensa de fazer esse volume [de vendas] dobrar. Existe um caminho para abraçar o mercado de gorduras no Brasil. A gente tem produto para continuar endereçando essa questão. Mas temos o

dever, como marca líder, de fazer a consumidora entender o azeite e a substituição do óleo.

**O que significa isso?** O futuro da categoria está em colocar o uso diário [do azeite] na culinária pelo uso saudável. Quem o utiliza na culinária todos os dias usa dez vezes mais azeite. É uma tendência de saudabilidade.

**Por isso há uma diversificação de portfólio da Casa Gallo?** A gente fala que o azeite faz muito parte da culinária. Cada vez mais as pessoas que cozinham em casa querem ter a sensação de que são chefs. Por isso, temos a marca clássica, o extravirgem, agora o Rossio de Abrantes, que possui formulação diferenciada com preço diferenciado. Está entre 150% e 180% mais caro do que o preço médio dos azeites.

**A Gallo passou por um rebranding e se tornou Casa Gallo. Esse processo está finalizado?** Está. Terminamos com uma nova garrafa, que comunica melhor com o cliente. É mudança na manei-

ra como vamos endereçar a nossa comunicação e fazer o consumidor levar o azeite para casa.

**O quanto a crise da safra da azeitona em 2024 e o aumento do preço do azeite influenciaram as vendas da Gallo?** O Brasil representa mais de 50% do volume vendido da marca. A gente está em 80 países e cresce ano a ano mais de 6%. Dois anos atrás, sofremos muito com a safra da azeitona. Agora retomamos o preço do azeite de R\$ 30 a R\$ 35. Mas o mercado é resiliente. Quando o preço baixou, a venda retomou. Em março, tivemos 25% de crescimento. A gente tem na gôndola o produto de 500 ml e o de 250 ml. O nosso portfólio permitiu que a gente passasse por esse momento. Aconteceu a diminuição do volume médio [de consumo]. Por isso que, nessa retomada do consumo, focamos na culinária, não apenas na finalização.

**Mas naquele momento, quando houve a crise, não houve uma queda significativa?** No momento em que o preço foi a R\$ 80,



**Cristiane Souza, 51**  
1974, Umuarama (PR) Formada em administração pela PUC-SP, tem MBA pela FGV (Fundação Getúlio Vargas). Trabalhou na Unilever por 25 anos, liderando diferentes áreas comerciais e digitalização dos negócios. Assumiu a presidência da Casa Gallo no Brasil em 2023

a classe A/B permaneceu com volume importante. A pessoa que só consegue comprar uma garrafa por ano teve mais dificuldade de se manter fiel à marca.

**A Casa Gallo também tem azeitonas, vinagres e pimentas. São categorias com papel estratégico ou funcionam como complemento?** Tem papel estratégico. A gente tem produto para brigar em óleos mais comuns. Podemos ampliar o poder de atuação.

**O segmento de azeites é muito pulverizado...** Na verdade, é populado. É setor em que três marcas controlam 70% do mercado. Temos mais de 300 marcas de azeite no Brasil, mas a maioria é pequena, desenvolvida para uma rede específica.

**A sra. é a 1ª mulher brasileira a comandar a Gallo, uma empresa centenária de origem portuguesa. Seu perfil abriu portas, criou resistências ou mudou a forma como a subsidiária se relaciona com a matriz?** Como brasileira, conheço muito o nosso hábito de consumo. Essa minha chegada abre portas em alguns momentos. Mas não estou sozinha. Portugal continua trazendo a tradição e as questões de relevância da marca.

## Lula 3 e Congresso encarecem luz em R\$ 1 trilhão

Continuação da pág. A16

O MME, admitindo equívocos, fez a revisão. Em três dias, anunciou aumentos de 80% a 100%, com diferenças mínimas entre usinas já existentes e projetos que ainda vão ser construídos. Como os leilões estavam atrasados, foi feita a contratação de quase 19 GW, uma Itaipu e meia. Não houve disputa com todas as fontes. Foi gás com gás. Carvão com carvão.

“O volume de 19 GW é excessivo e há outras opções. Do jeito que está, o custo é muito pesado para a indústria”, afirma o presidente em exercício da Fiemg (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais), Bruno Melo Lima.

O que se viu a seguir foi discórdia em estado bruto. Instalou-se uma guerra de narrativas entre apoiadores e opositores ao leilão, que incluiu briga judicial e questionamentos do TCU (Tribunal de Contas da União).

## Jabutis

Já os parlamentares se tornaram muito atuantes em criar e prolongar especialmente subsídios, para atender pedidos de setores e não raro até de uma empresa.

Na manobra mais utilizada, um parlamentar é escolhido para inserir a emenda dentro de algum PL (projeto de lei) ou MP já em tramitação, atendendo alguma demanda. O chamado “jabuti”.

A leva mais famosa de “jabutis” da atual legislatura entrou no projeto que tratava da criação do marco legal de eólicas em alto-

mar, as eólicas offshore.

A proposta saiu focada do Senado, onde foi elaborada, mas ficou eivada de “jabutis” quando tramitou na Câmara. Ganhou R\$ 550 bilhões em custos extras: obrigatoriedade no uso de térmica que nunca desliga, prorrogação de contrato de térmica a carvão, extensão de subsídio para quem quer painel solar no telhado.

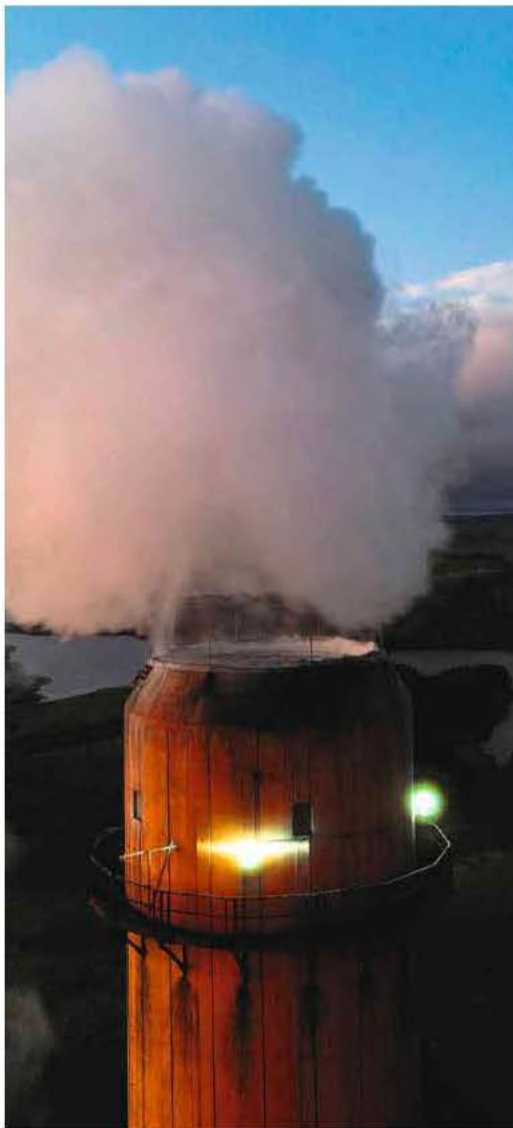
Alertado, Lula vetou. O Congresso, porém, derrubou os vetos, gerando uma conta de R\$ 197 bilhões em 25 anos.

Os especialistas destacam que o MME tem um time técnico competente, e, quando o trabalho desse grupo ganha espaço para além das pressões políticas, o resultado é um benefício coletivo que deveria ser padrão, não exceção.

O caso mais emblemático desse período foi a fixação de um teto para a CDE (Conta de Desenvolvimento Energético), que reúne subsídios de diferentes políticas públicas. Seus custos davam saltos. Os encargos somaram R\$ 24 bilhões em 2021. Foi para R\$ 35 bilhões em 2023. Fechou o ano passado em R\$ 49 bilhões. A expectativa é que elevação seja mais lenta — falta regulamentar a lei.

## É indispensável considerar os benefícios, diz ministério

Em nota enviada à Folha, a assessoria de imprensa do MME não questionou o valor do aumento, mas explicou que considera inadequada e superficial a metodologia utilizada. “É indispensável considerar ‘nessa conta’ os benefícios proporcionados por essas políticas que visam, inclusive, reduzir custos, além de proporcionar segurança energética, expansão da oferta, de infraestr-



Usina de Candiota 3, no RS; ‘jabutis’ prorrogaram contratos de termelétricas a carvão. Diego Vara - 9.mai.25/Reuters

tura, aumento da confiabilidade do sistema e modernização do setor elétrico”, afirmou o texto.

“Importante destacar, ainda, a atração de bilhões em investimentos e milhares de empregos gerados no setor.”

A nota destaca que, diante do trabalho da pasta, “a caracterização de que as ações adotadas pelo governo federal constituiriam medidas pontuais, desconexas ou desprovidas de visão sistêmica não reflete o conjunto de iniciativas atualmente em curso no setor elétrico brasileiro.” O entendimento do ministério é que há uma “estratégia estruturada de modernização do setor”.

Em relação ao LRCAP, a assessoria afirmou que foi “o maior leilão da história do país” e que a contratação de potência flexível, “fundamental para a expansão das energias renováveis e a segurança do sistema elétrico, apresentou custo cinco vezes menor que o leilão semelhante realizado em 2021, promovido pelo governo passado”.

O MME disse ainda que a economia estimada pode chegar a R\$ 94 bilhões, com “redução dos impactos tarifários nos primeiros anos de contrato”.

Tal economia, porém, é questionada pelo setor. Segundo cálculos de quem acompanha o mercado, realizados os devidos ajustes por inflação para tornar os preços comparáveis, o preço médio do leilão de 2021, hoje, ficaria em R\$ 1,046 milhão pelo MW ao ano, enquanto o leilão de 2026 ficou na casa de R\$ 2,4 milhões. Ou seja, os preços do leilão deste ano são 123% maiores, ou mais que o dobro do leilão anterior, já considerando a inflação do período.

# CVM derruba regra que obrigaria empresas a divulgar dados de sustentabilidade

Revogação de resolução vem após pressão de companhias abertas, que se queixavam de custo com auditoria, e é vista como revés na agenda verde

## ECONOMIA SUSTENTÁVEL

Tamara Nassif e Gabriel Gama

SÃO PAULO A CVM (Comissão de Valores Mobiliários) revogou, em resolução publicada na sexta-feira (29), a obrigatoriedade de divulgação de informações financeiras sobre sustentabilidade.

Pelas regras previstas, empresas de capital aberto no Brasil seriam obrigadas a publicar relatórios de clima e sustentabilidade a partir de 2027, segundo a resolução 193/2023. Os documentos conteriam informações detalhadas sobre ativos vulneráveis aos impactos ambientais e metas de emissões dos gases do efeito estu-

fa. Com a derrubada da norma, os reportes voltam a ser voluntários.

O recuo da CVM vem após pressão do setor. A Abrasca (Associação Brasileira das Companhias Abertas) protocolou um ofício no fim de 2025 pedindo a derrubada das regras ou o adiamento por três anos. O argumento usado era que a implementação da norma traria um custo alto às empresas, que poderia chegar a 70% dos gastos em auditoria, e sobrecarregaria as companhias considerando outras mudanças legais recentes, como a reforma tributária.

"As alterações visam a aperfeiçoar o modelo de adoção voluntária, preservando a transparên-

cia e a comparabilidade trazidas pela necessidade de observância dos padrões contábeis, mas resgatando o necessário respeito à liberdade das entidades para estimar os custos e benefícios esperados de suas decisões sobre como usar os recursos dos investidores", disse a CVM ao mudar a regra.

A resolução, aprovada pelo colegiado, é assinada por João Accioly, presidente interino da instituição. No dia 20, o Senado aprovou o nome de Otto Lobo para o cargo, mas ainda não foi nomeado.

A derrubada da obrigatoriedade é um revés na agenda de sustentabilidade da CVM. Especialistas viam a resolução 193/2023

## ESG é mais que regra imposta, diz associação

Em nota, a Abrasca comemorou a decisão da CVM e afirmou que defende a relevância dos temas relacionados a ESG "como elemento estratégico para a geração de valor de longo prazo, a adequada gestão de riscos e o fortalecimento do relacionamento transparente com investidores e demais stakeholders".

O presidente-executivo da Abrasca, Cátulo Cândido, ainda disse que o compromisso das empresas abertas com a sustentabilidade "não deve ser sustentado exclusivamente por imposições regulatórias, mas sim de uma compreensão de que práticas responsáveis são essenciais para a criação de valor no longo prazo".

como um combate ativo ao "greenwashing" ("lavagem verde", em inglês), prática na qual companhias inflam ou mentem sobre seus compromissos com a preservação da natureza.

No texto anterior, os relatórios teriam de mostrar riscos e oportunidades ambientais que poderiam afetar o fluxo de caixa das empresas, o acesso a financiamento ou o balanço patrimonial. Os documentos também teriam de conter a porcentagem dos ativos da companhia que estivessem vulneráveis ao clima, explicitar os fatores que poderiam impactar as atividades, como a transição energética, e mostrar se a companhia pretendia alterar os negócios ou a alocação de recursos devido às mudanças climáticas.

Na prática, por exemplo, uma companhia de saneamento teria de indicar no relatório de clima o quanto a variação da disponibilidade de água provocada pelas mudanças climáticas ameaça seu patrimônio. No relatório de sustentabilidade, teria de descrever os impactos dos sistemas de tratamento de resíduos, ao mesmo tempo em que poderia citar os benefícios que teria com a restauração de matas ciliares.

# Decisão dos EUA de considerar PCC e CV organizações terroristas vai afetar o Pix? Leia perguntas e respostas

SÃO PAULO A decisão dos EUA de considerar o PCC (Primeiro Comando da Capital) e o CV (Comando Vermelho) como organizações terroristas levantou temores entre autoridades do governo Lula (PT) sobre os efeitos no Pix e possíveis sanções ao meio de pagamento instantâneo.

Os desdobramentos da medida sobre o sistema financeiro brasileiro ainda são incertos. Mas, na análise do Executivo, é possível que o instrumento de transações seja visto como um facilitador para a circulação do dinheiro usado pelo crime organizado —o que pode servir de argumento para penalizar bancos e instituições financeiras do país.

O receio tem também como contexto as investigações do governo Donald Trump sobre o Pix, em curso desde o ano passado. Entenda os principais pontos sobre a relação entre o meio de pagamento e a decisão dos Estados Unidos.

\*

## Por que o Pix apareceu como fator de risco na decisão dos EUA?

Em entrevista à GloboNews na sexta-feira (29), o ministro Dario Durigan (Fazenda) afirmou que, como o instrumento já tem sido questionado pelo governo Donald Trump em diversas frentes, há o risco de que o Pix seja vinculado às facções criminosas. O sistema já é alvo da principal investigação comercial aberta contra o Brasil, iniciada no ano passado.

"Pode-se considerar, a partir de alguma informação que chegue aos Estados Unidos, que as facções criminosas estão usando o



Iniciais do Primeiro Comando da Capital pichadas em casa em SP Alexandre Meneghini - 29.mai.26/Reuters

Pix. Assim, que haja um ataque ao Pix, uma suspensão, e que empresas que usem o Pix sofram punições", explicou o ministro. "Faremos todo o esforço e não haverá prejuízo ao uso do Pix pela população brasileira", complementou.

O risco também foi citado na nota oficial do governo em crítica à decisão dos Estados Unidos. Nela, o Executivo menciona que o sistema "incomoda interesses estrangeiros".

Técnicos do governo ouvidos pela Folha afirmam que um efeito sobre o Pix só ocorreria em um caso extremo, caso o governo norte-americano entenda que a ferramenta de transação instantânea facilita a movimentação financeira das facções criminosas.

## Como o Pix poderá ser afetado?

Pela legislação dos EUA, a classificação de um grupo como organização terrorista estrangeira (FTO, na sigla em inglês) chance-la ao governo a fiscalização ampla de instrumentos financeiros que podem ser usados por essa facção, permitindo aumento de sanções, vigilância sobre operações suspeitas e bloqueio de recursos.

O rastreamento do fluxo de recursos costuma ser um dos primeiros passos nesse monitoramento. O precedente mexicano é exemplo de como esse tipo de atuação acontece: no ano passado, o Tesouro dos EUA chegou a bloquear transações de instituições financeiras sob suspeita de lavagem de dinheiro para o narcotráfico.

## Quais os riscos econômicos para o Brasil?

Para Welber Barbal, sócio do Barbal Parente Pinheiro Advogados, na prática, fazer negócios com o Brasil vai ser visto como mais arriscado. Bancos, seguradoras, fundos e multinacionais podem rever laços comerciais por receio de terem financiado, ainda que indiretamente, uma operação que acabou conectada a uma FTO.

"O Pix entra nesse contexto por ser amplamente disseminado no Brasil. Não só a população como um todo o usa mas eventualmente o crime organizado também pode utilizá-lo", diz Luiz Miguel Santacreu, analista de instituições financeiras da Austin Rating.

Assim, qualquer instituição que tenha ligação com recursos associados às facções, mesmo que de forma indireta, pode ser monitorada pelas autoridades americanas. No último ano, investigações da Polícia Federal têm apurado como organizações criminosas se articulam dentro da economia formal, inclusive na Faria Lima.

"É um aspecto que pode afetar o sistema financeiro, mas restrito às instituições eventualmente envolvidas com o crime. Não acredito que os EUA adotariam uma medida deliberada [como o bloqueio definitivo do Pix no Brasil] para afetar o sistema brasileiro como um todo", diz Santacreu.

## Por que o Pix está sendo investigado pelos EUA?

O sistema de pagamento entrou na mira do governo Trump em 2025 no contexto da investigação comercial ampla sobre o Brasil, feita nos termos da Seção 301 da Lei de Comércio dos EUA.

"O Brasil também parece se envolver em uma série de práticas desleais com relação a serviços de pagamento eletrônico, incluindo, entre outras, a promoção de seus serviços de pagamento eletrônico desenvolvidos pelo governo", diz trecho do relatório que comunicou a investigação, em julho.

As ditas "práticas desleais" estariam prejudicando gigantes financeiros dos EUA, em especial bandeiras de cartão de crédito e serviços privados semelhantes ao Pix, como Venmo e Zelle. **TV**

Colaboraram Matheus dos Santos e Felipe Mendes

Leia mais em Cotidiano

## economia | longevidade

# Longevidade desafia INSS e impõe mudanças ao mercado de trabalho

Em cerca de três anos, país terá mais pessoas acima de 60 anos do que crianças e adolescentes com até 14 anos; gasto público com aposentadorias soa alerta

Cristiane Gercina e Leonardo Viecelli

**SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO** Quando decidiu se aposentar, Gercina Silva Bueno, 58, reuniu a família e mostrou uma planilha com cálculos de gastos, em especial com a filha Manuella, à época com oito anos. Era pandemia, e sua percepção de futuro mudou.

Para cuidar de si e da família, deixou a rotina como bancária após 34 anos, a maior parte como gestora de investimentos para empresas do mercado financeiro.

A decisão veio após o marido, Marcos Antônio Bueno, 63, passar 11 dias intubado. "Eu levava o notebook comigo ao hospital para poder atender ali", conta.

Gercina representa um Brasil em acelerada transformação demográfica, cuja longevidade traz desafios e oportunidades. Em cerca de três anos, o número de pessoas com 60 anos ou mais deve passar o de crianças e adolescentes com até 14 anos no Brasil, segundo projeções do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) analisadas pela Folha. O país tende a enfrentar mudanças em diferentes áreas, incluindo a economia.

Suportar a demanda maior por aposentadorias, aumentar a produtividade do trabalho e aproveitar o potencial dos mais velhos faz parte dos principais desafios, dizem analistas, que veem no mercado de trabalho o espaço onde a revolução deve acontecer.

"Acho que vou chegar aos 90, e é para isso que me cuido", diz ela, que acorda às 5h todos os dias, organiza a ida da filha à escola, faz atividade física, estuda e faz seus investimentos. A meta é correr a primeira meia maratona neste ano.

A ex-bancária começou a trabalhar aos 12 anos. O primeiro emprego formal foi aos 16. Aos 18, ela foi contratada no Itaú, onde fez carreira. Ao se aposentar, contava com a renda do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) após 35 anos de contribuição e o benefício de previdência privada do banco. Se tivesse começado a contribuir depois da reforma da previdência, ela teria que ter esperado mais. Pelas regras, a idade mínima é de 62 anos.

As previsões do IBGE mostram que o número de pessoas de 60 anos ou mais deve alcançar 40,1



A ex-bancária Gercina Bueno, 58, que mudou de vida após se aposentar. Zanone Fraissat/Folhapress

## Número de idosos no Brasil deve superar o de jovens em 2029

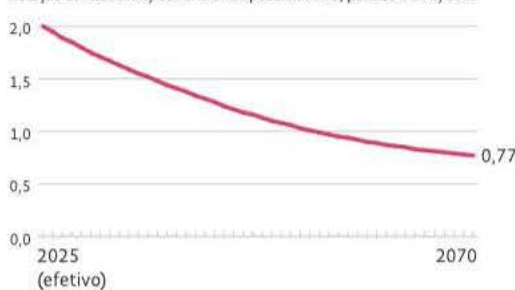
População estimada em cada ano, em milhões



Fonte: IBGE

## Projeção de contribuintes para a Previdência Social

Relação contribuinte/beneficiário aposentadoria, pensão e BPC/Loas



Fonte: Rogério Nagamine, doutor em economia e especialista em Previdência

milhões em 2029, superando em 2,2% o contingente de 0 a 14 anos, previsto em 39,2 milhões.

"É um marco. Pela primeira vez teremos mais idosos do que crianças e adolescentes", diz o demógrafo José Eustáquio Diniz Alves, pesquisador aposentado do IBGE.

"A data não sabemos bem, pode até ser em 2028 ou 2030. Dependendo do comportamento da fecundidade e da mortalidade."

A população de 60 anos ou mais tende a sair de 15,2 milhões, em 2000, para 75,3 milhões, em 2070, alta de quase 400%. Já o grupo de crianças e adolescentes de 0 a 14 anos deve cair a menos da metade, passando de 52,3 milhões em 2000 para 23,8 milhões em 2070, redução de 54%.

## Ganhos de produtividade

Com mais idosos e menos jovens, será necessário ao país obter ganhos de produtividade na economia, produzindo mais com menos, e a principal pressão será na Previdência Social, aponta o consultor da Câmara dos Deputados Leonardo Rolim.

Ele diz que o envelhecimento acelerado ameaça a sustentabilidade do atual modelo previdenciário brasileiro, de repartição solidária, no qual os mais novos, em idade ativa no mercado de trabalho, sustentam as aposentadorias e pensões dos mais velhos.

Com base em projeções do IBGE e orçamentárias, ele destaca que o número de pessoas acima de 65 anos — requisito das aposentadorias por idade dos homens hoje no Brasil — deve sextuplicar até 2070, enquanto a população em idade ativa começará a cair.

O Brasil gasta hoje 8,26% do PIB apenas com o financiamento de benefícios do RGPS (Regime Geral de Previdência Social). O déficit deve fechar o ano de 2026 em R\$ 338,6 bilhões. Ao todo, a Previdência paga mais de R\$ 1,3 trilhão em benefícios por ano, incluindo o BPC (Benefício de Prestação Continuada), que é da assistência social.

Em 2070, a despesa do RGPS vai consumir 13,26% do PIB se não houver mudanças, com déficit previsto em R\$ 91,4 bilhões, segundo projeções do Ministério da Fazenda até 2100, atualizadas para a LDO 2027. O ano de 2050 traz um marco de preocupação para estudiosos do setor.

É a partir dele que deve haver a equiparação de um contribuinte para cada aposentado, o que torna o modelo de repartição inviável sem mudanças. Hoje, há cerca de 2 contribuintes por aposentado, mas, em 2019, quando a reforma da Previdência foi aprovada, havia 4,5 pessoas em idade ativa (16 a 59 anos) para cada pessoa com mais de 60 anos. Nem todos em idade ativa são contribuintes.

Estudos do pesquisador Rogério Nagamine estimam que, em 2060, essa relação diminuirá para 1,5 pessoa em idade ativa por pessoa acima de 60 anos. Em 2070, a

projeção indica que haverá apenas 1,3 pessoa em idade ativa para cada pessoa acima de 60 anos.

Segundo ele, a combinação entre aumento da expectativa de vida e queda acelerada da fecundidade reduz a base de trabalhadores ativos e amplia o número de aposentados, sem que haja ainda uma solução para isso que não seja nova reforma da Previdência.

Para Nagamine, mudanças nas regras devem entrar no debate a partir de 2027, incluindo revisão de aposentadorias especiais, alterações na previdência dos militares e combate a distorções provocadas pela pejotização e pelo MEI (Microempreendedor individual), que reduzem a arrecadação.

Apesar do desafio fiscal, a longevidade não deve ser vista como problema. O aumento da participação de pessoas acima de 60 anos no mercado de trabalho, como já ocorre, pode trazer benefícios econômicos e sociais.

Dados do IBGE mostram que, em 2024, 1 a cada 4 pessoas a partir de 60 anos estava ocupada no Brasil. O rendimento médio das pessoas com 60 anos ou mais já descontada a inflação era de R\$ 3.108, 14,6% superior ao da faixa de 14 anos ou mais. "Às vezes a pessoa se aposenta, para de trabalhar e piora a saúde, até pelo isolamento social", afirma Nagamine.

O pesquisador da FGV Social Marcelo Neri diz que o envelhecimento brasileiro ocorre de forma muito mais rápida do que em países desenvolvidos e que isso exige soluções. O número de jovens entre 15 e 29 anos, hoje próximo de 50 milhões, deve cair pela metade até o fim do século.

Segundo ele, o país perde o chamado bônus demográfico e passa a enfrentar um "ônus demográfico", com maior necessidade de gastos em Previdência, saúde e cuidados e tendo como principal foco reinserir as pessoas mais maduras no mercado. Neri aponta como desafios a baixa escolaridade média do brasileiro e a dificuldade de adaptação digital dessa população.

Continua na pág. A21

## Série aborda desafios da longevidade

Este é o primeiro capítulo da série sobre Longevidade que a **Folha** publica no ano em que completa 105 anos.

As reportagens vão discutir o impacto do envelhecimento nas contas públicas, a pressão sobre o sistema de Previdência e as transformações no mercado de trabalho.

Especialistas também mostram desafios e oportunidades para empresas de áreas como habitação, turismo e varejo, bem como reflexões sobre o que significa viver mais e melhor em meio ao aumento do custo de vida.

## colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinícius Torres Freire, Roberto Campos Neto / Marcos Lisboa / Candido Bracher / Ana Paula Vescovi | SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cúcolo / Michael Viriato  
 TER. Michael França / Cecília Machado, Mauro Zafalon | QUA. Bernardo Guimarães / Jerson Kelman, Vinícius Torres Freire | QUI. Solange Srouf, Vinícius Torres Freire, Rômulo Saraiva  
 SEX. Bráulio Borges, Vinícius Torres Freire | SÁB. Marcos Mendes / Laura Müller Machado



economia

Governo Lula prorroga medidas para conter alta de combustíveis

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) prorroga as medidas de contenção de preços dos combustíveis adotadas a partir de março, entre elas a subvenção ao diesel e ao gás de cozinha e a isenção de tributos federais sobre o querosene de aviação e o biodiesel.

As ações foram adotadas pelo Executivo para conter os efeitos da guerra no Irã sobre os preços de combustíveis e passagens aéreas, cujos aumentos preocupam o presidente em ano eleitoral.

Uma MP (medida provisória), um decreto presidencial e uma portaria do Ministério da Fazenda foram publicados no Diário Oficial da União nas edições de sexta-feira (29) e deste sábado (30) para formalizar a renovação dos benefícios.

Na subvenção ao diesel, o governo implementou algumas modificações no desenho da fórmula de forma que o benefício final totalize R\$ 1,47 por litro.

O benefício será pago a partir desta segunda (1º) e tem duração prevista até 31 de dezembro deste ano, com possibilidade de revisão pelo Ministério da Fazenda a cada dois meses.

Uma segunda subvenção, no valor de R\$ 0,3515 por litro de diesel A (puro, sem mistura de biodiesel), foi instituída no lugar da isenção de tributos federais sobre o combustível. O pagamento será feito tanto a produtores nacionais quanto a importadores a partir de 1º de junho e tem duração prevista de dois meses (ou seja, até 31 de julho).

Um decreto do presidente também prorroga por dois meses a subvenção ao gás de botijão (GLP) de 13 kg. O benefício, equivalente a R\$ 11 por botijão, vale tanto para produtores quanto importadores do produto. Com isso, o custo estimado inicialmente em R\$ 330 milhões será ampliado a R\$ 660 milhões.

"A medida tem por objetivo garantir a estabilidade de preços e proteger o poder de compra das famílias brasileiras", diz o governo.

Outro decreto estendeu até o dia 31 de julho a isenção tributária sobre venda e importação de querosene de aviação e biodiesel. No início da semana passada, o governo havia lançado subsídio à gasolina, de R\$ 0,44 por litro.

FRAZÃO EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA. Ano Cláudia Carolina Campos Frazão. Leilão realizado na UCLSP sob o nº 816, com escritura de sua matrícula 1052...

FRAZÃO EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA. Ano Cláudia Carolina Campos Frazão. Leilão realizado na UCLSP sob o nº 816, com escritura de sua matrícula 1052...

BIASÍ LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA. 1º Leilão: dia 09/06/2026 às 14h00. 2º Leilão: dia 16/06/2026 às 14h00. EDUARDO CONSORTINO. Imóvel oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI - prepósito em exercício)...

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA. COMUNICADO Nº 154/2026. SELEÇÃO DE AUXILIAR DE SERVIÇOS GERAIS PARA AMÉRICO BRASILENSE...

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA. COMUNICADO Nº 155/2026. SELEÇÃO DE ENFERMEIRO PARA SERRANA...

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA. COMUNICADO Nº 156/2026. SELEÇÃO DE REPARADOR GERAL PARA RIBEIRÃO PRETO...

GUARIGLIA LEILÃO QUARTA-FEIRA - 03/06/2026 - 09h00 - APROXIMADAMENTE 150 VEÍCULOS. PRESENCIAL E ONLINE. VISITAÇÃO: 02/06/2026, das 12h às 17h e 03/06/2026, das 07h às 09h...

BIASÍ LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA. 1º Leilão: dia 09/06/2026 às 14h00. 2º Leilão: dia 16/06/2026 às 14h00. EDUARDO CONSORTINO. Imóvel oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI - prepósito em exercício)...

BIASÍ LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA. 1º Leilão: dia 09/06/2026 às 14h00. 2º Leilão: dia 16/06/2026 às 14h00. EDUARDO CONSORTINO. Imóvel oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI - prepósito em exercício)...

BIASÍ LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA. 1º Leilão: dia 09/06/2026 às 14h00. 2º Leilão: dia 16/06/2026 às 14h00. EDUARDO CONSORTINO. Imóvel oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI - prepósito em exercício)...

BIASÍ LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA. 1º Leilão: dia 09/06/2026 às 14h00. 2º Leilão: dia 16/06/2026 às 14h00. EDUARDO CONSORTINO. Imóvel oficial inscrito na JUCESP nº 616 (JÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI - prepósito em exercício)...

GUARIGLIA LEILÃO QUARTA-FEIRA - 03/06/2026 - 09h00 - APROXIMADAMENTE 150 VEÍCULOS. PRESENCIAL E ONLINE. VISITAÇÃO: 02/06/2026, das 12h às 17h e 03/06/2026, das 07h às 09h...



## economia

## Números do PIB refletem o ciclo eleitoral

Impulso fiscal faz economia testar os limites de sua capacidade produtiva

Samuel Pessôa

Pesquisador do BTG Pactual e do FGV Ibre e doutor em economia

A economia cresceu 1,1% no primeiro trimestre de 2026 ante igual período do ano passado. A forte expansão contrasta com três trimestres em que a economia avançou, respectivamente, 0,3%, 0,1% e 0,3%. A desaceleração acentuada do segundo até o quarto trimestre do ano passado resultou da política monetária muito contracionista e, sobretudo, da política fiscal contracionista em 2025, especialmente no segundo semestre.

O investimento surpreendeu e cresceu 3,5% no primeiro trimestre, e a construção civil, que caminha com o investimento, também surpreendeu e cresceu 2,9%. A indústria de transformação não foi bem e cresceu somente 0,1%. A política monetária, com o encarecimento do crédito, tem afetado a venda de bens de consumo durável, enquanto a reativação do programa Minha Casa, Minha Vida explica parte do bom comportamento do investimento. A Fazenda espera reativar a indústria de transformação com os estímulos à renovação da frota de caminhões, táxis e veículos de aplicativos com os R\$ 30 bilhões do programa do BNDES Move Brasil.

Em ano eleitoral, é natural que o gasto primário cresça. O governo, independentemente da orientação ideológica, estimula a economia esperando dividendos eleitorais. Não tem sido diferente em 2026. O gasto primário real, que em 2025 cresceu somente 1,5%, deverá avançar 5% em 2026. Adicionalmente, os empréstimos dos bancos públicos aceleraram-se bastante na virada de 2025 para 2026.

O nível da economia nos últimos três trimestres tem se mantido 1,8% acima do observado no mesmo período do ano anterior. Com a economia mais forte no primeiro semestre, provavelmente o crescimento de 2026 sobre 2025 deverá fechar em 2% ou até um pouco acima. A economia crescerá em 2026 acima do potencial e, portanto, a taxa de desemprego não deverá se elevar. Após uma consistente redução da inflação de serviços nos últimos 12 meses, passaremos a ter inflação de serviços em aceleração.

Um sinal de que o crescimento no primeiro trimestre de 2026 ocorre com uma economia que testa os limites de sua capacidade produtiva é que a quantidade exportada se reduziu no trimestre e a quantidade importada elevou-se.

O choque de preços com a guerra no Irã e a economia mais pressionada, em razão do impulso fiscal do ano eleitoral, sinalizam que a inflação será aproximadamente um ponto percentual maior do que se imaginava ao final do ano. Desse aumento, 3/5 devem-se ao conflito no Oriente Médio e 2/5 à maior força da economia. Ambas as surpresas indicam que o Banco Central terá menos espaço para reduzir juros em 2026.

Navegaremos 2026 com juros elevados e com condições financeiras do setor privado, principalmente das pequenas e médias empresas, em contínua deterioração. A onda de recuperações judiciais não diminuirá neste ano. Os seguidos programas de refinanciamento das dívidas das famílias, os dois programas Desenrola, do governo federal, geram algum alívio momentâneo e empurram para o futuro os problemas financeiros das famílias.

Em algum momento após as eleições, haverá moderação do crescimento do gasto público e os juros ainda continuarão elevados, pois a inflação continuará muito acima da meta e ainda crescente. O momento da reversão cíclica terá chegado. Não será 2015, mas será pior do que se imaginava há seis meses.

**Em algum momento após a eleição, haverá moderação do crescimento do gasto público e os juros seguirão altos. A reversão cíclica terá chegado. Não será 2015, mas será pior do que se imaginava há seis meses**



À esq. e ao centro, frames de vídeos postados no perfil oficial de Durigan no Instagram; à dir., ministro responde, em vídeo gravado, a perguntas feitas à influenciadora Nath Finanças. Dario Durigan no Instagram e Nath Finanças no Instagram



## Ministro aposta em bastidores e memes para divulgar ações da Fazenda nas redes sociais

Perfil de Durigan ganha 3.200 seguidores em um mês, alta de 30%; estratégia contrasta com a de Haddad, que publicava entrevistas

Luany Galdeano

BRASÍLIA O ministro da Fazenda, Dario Durigan, ampliou a presença nas redes sociais após assumir o cargo, em uma estratégia que o diferencia de seu antecessor, Fernando Haddad (PT). Nos perfis do Instagram e do X (ex-Twitter), o atual ministro combina conteúdo institucional e bastidores de agências públicas, responde pessoalmente a comentários e segue celebridades como Anitta e o jogador Vinicius Junior.

Desde que Durigan tomou posse, seu perfil cresceu nas métricas das redes sociais. Houve um aumento de 3.200 seguidores em um mês, uma alta de 30%. Já o engajamento, medido por indicadores como número de curtidas e comentários, foi de 10,4% — maior do que a média para perfis similares, de 8%. Os dados são da plataforma digital Not Just Analytics.

A fase atual da página de Durigan no Instagram é tida como experimental, segundo integrantes da Fazenda, testando o equilíbrio entre o conteúdo institucional e os bastidores de agências públicas. O perfil também é usado pelo próprio ministro.

Há uma tentativa de humanizar a imagem do titular da Fazenda. Em uma agenda em Washington, em abril, a legenda de um post no Instagram de Durigan durante evento do FMI (Fundo Monetário Internacional) diz: "Vocês acham que o ministro da Fazenda está o tempo todo no ar condicionado? As Spring Meetings [reuniões de primavera] do FMI me botaram para andar!".

Logo no início de sua gestão, o ministro ficou responsável pelo Novo Desenrola, programa anunciado para reduzir a alta do endividamento no país e, a reboque, elevar a popularidade de Lula nos meses anteriores à eleição. Durigan fez uma divulgação extensiva sobre o programa em seu perfil.

Isso levou o ministro a fixar em sua página do Instagram uma parceria com a influenciadora Nath Finanças, que produziu, com o ministro, um vídeo de tira-dúvidas sobre o programa. A publicação teve 3.658 curtidas e 66,8 mil visualizações.

"Pessoas que admiro viam na comunicação uma coisa mais setorizada, uma relação com a imprensa. Isso dava conta do Ministério da Fazenda. Hoje, tem um desafio de explicar para as pessoas. Então, vou insistir num modelo tradicional, de falar com setoristas? Acho que a gente precisa falar em rede social e expandir para onde o povo está", afirmou Durigan no programa Roda Viva.

Em nota, a Fazenda afirma que há um desafio do ministro e de sua equipe de explicar de forma acessível assuntos políticos e técnicos, como a reforma tributária e os impactos de eventos internacionais sobre o Brasil. Isso incluiu falar nas redes sociais e em outros ambientes de circulação de informação.

Auxiliares do ministro afirmam que parcerias com outros influenciadores são cogitadas para a divulgação de futuros programas do governo a serem lançados neste ano.

Ao se tornar ministro, Durigan repassou à equipe a orientação de ampliar a presença nas redes sociais, segundo pessoas próximas a ele.

No perfil institucional da pasta, o trabalho é feito pela própria equipe do Ministério da Fazenda, que é formada por servidores e terceirizados da agência CDN, cujo contrato com a pasta é de R\$ 17 milhões de março de 2026 a março de 2027. Uma funcionária que havia sido cedida ao Ministério do Planejamento foi reincorporada à Fazenda com o objetivo de revisar o conteúdo.

Durigan segue 1.300 perfis dos mais variados nas redes. Entre

eles, Anitta, Taylor Swift e Vinicius Junior.

No X, o ministro segue um número menor de perfis, incluindo o de Ivanka Trump, filha de Donald Trump.

Em outra postagem, nos stories (publicação temporária no perfil do Instagram), o ministro aderiu ao meme "pai de menina" e deixou à mostra acessórios que usou para arrumar as filhas. Também nos stories, Durigan fez uma enquete após entrevista ao programa Bom Dia, Ministro, do CanalGov, em que questionou os seguidores sobre qual música teria escolhido para encerrar sua participação no programa.

A presença nas redes sociais também abre um espaço maior para críticas, que já existiam desde que ele era secretário-executivo. As objeções de parte da população à política econômica de seu antecessor, Fernando Haddad, que renderam o apelido de "Taxad", também respingaram no atual ministro. Ele recebeu comentários críticos a ações do governo, algo que ganhou escala desde que assumiu o cargo.

A estratégia de Durigan se diferencia da de Haddad, agora pré-candidato ao governo de São Paulo pelo PT. No cargo de ministro, Haddad publicava sobretudo cortes de entrevistas e falas públicas, além de fotos de agendas institucionais. Eram raros vídeos em que o então ministro falava diretamente com a câmera.

Já Durigan posta conteúdo específico para o público das redes. Isso inclui, por exemplo, bastidores de como se prepara para agendas públicas e vídeos em que explica programas de governo aos internautas.

É uma prática adotada mais timidamente desde que era secretário-executivo na pasta, cargo de número 2 de Haddad. Na época, se apresentava nas redes com vice-ministro da Fazenda.



Motociclista carrega mochila do candidato Ivan Cepeda, que lidera as pesquisas, na praça Bolívar, em Bogotá Rodrigo Buendia - 29.mai.26/AFP

# Colômbia avalia nas urnas continuidade de seu primeiro governo de esquerda

Aliado de Petro lidera pesquisas, mas vê ultradireita se aproximar, enquanto candidata do uribismo patina; país tem onda de violência 10 anos após acordo de paz com as Farc

Daniela Arcanjo

**BUENOS AIRES** Neste domingo (31), a Colômbia avaliará nas urnas o primeiro governo de esquerda da história do país, sob o avanço da ultradireita e em meio a uma onda de violência que, dez anos após a assinatura dos Acordos de Paz com as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), colocou novamente a criminalidade no topo da lista de preocupações dos eleitores.

Estão em jogo apenas os cargos de Presidência e Vice-Presidência. O Legislativo já foi decidido em votação de março deste ano, quando o Pacto Histórico, partido do presidente Gustavo Petro, elegeu 25 senadores. Ao ampliar a liderança na Casa, se tornou o maior bloco da Câmara de Representantes, com 36 eleitos.

É improvável que a eleição se resolva no primeiro turno. De acordo com as últimas pesquisas, os colombianos estão divididos entre três presidenciáveis.

O líder é o apadrinhado de Petro, Iván Cepeda, com 44,6% das intenções de voto, segundo levantamento da empresa Invamer divulgado na semana passada, com margem de erro de três pontos percentuais. Formado em filosofia na Universidade de Sófia, na Bulgária, o candidato foi representante na Câmara antes de alcançar o cargo de senador, que ocupa atualmente.

Ele chega à votação com as credenciais de defensor de direitos humanos e articulador de diversos esforços para a paz no país, marcado por um conflito armado de mais de seis décadas. Consta no seu currículo também o antagonismo com um dos mais influentes políticos da Colômbia, Ál-

varo Uribe —foi a partir de um embate com Cepeda no Senado que o ex-presidente terminou condenado a 12 anos de prisão, um caso ainda em aberto.

A candidata do uribismo, por sua vez, é Paloma Valencia. Há anos a advogada do partido Centro Democrático tenta ser o novo rosto da direita tradicional, cuja figura máxima é o político que governou a Colômbia de 2002 a 2010 sob a bandeira da luta contra o terrorismo, com o apoio dos EUA.

Neta de Guillermo León Valencia, presidente de 1962 a 1966, Paloma é senadora desde 2014 e, em tempos mais simples, seria a única opositora com chances de ir para o segundo turno com Cepeda. Mas, com 14% das intenções de voto, está em terceiro lugar, e, nas últimas semanas, afastou-se do segundo colocado: o advogado Abelardo de la Espriella, candidato a Bukele colombiano.

Está tudo ali —o boné, a barba cuidadosamente alinhada, as provocações aos adversários, o discurso impiedoso contra criminosos. A fórmula é providencial para políticos de direita na Colômbia, que registra um aumento de atentados das guerrilhas e vê a ordem pública volta a ser o problema número 1 do país para quase 41% da população. Segundo a Invamer, o presidente de El Salvador é o líder mais admirado pelos colombianos, à frente de Trump, Lula e Milei.

As últimas pesquisas apontam uma diferença de cerca de dez pontos percentuais de Espriella em relação a Cepeda, mas o que chama a atenção é a sua trajetória ascendente —saiu de 21,5% das intenções de voto, no final de abril, para 31,6% na penúltima semana de maio.

## Raio-x da Colômbia



**Área:** 1.141.748 km<sup>2</sup> (pouco menor que o Pará)

**População:** 53,4 milhões (pouco maior que a dos estados de São Paulo e Santa Catarina)

**PIB (nominal):** US\$ 418,82 bi (ante US\$ 2,19 tri no Brasil)

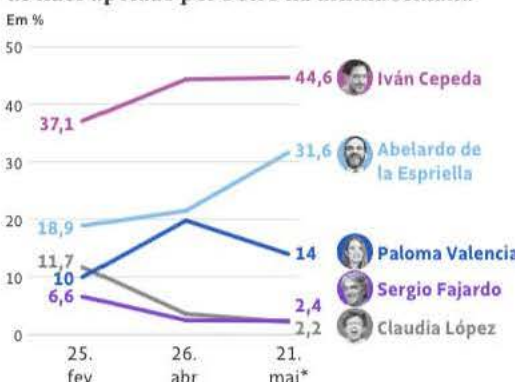
**PIB per capita\*:** US\$ 22.349,4 (ante US\$ 22.338,5 no Brasil)

**IDH:** 83° entre 192 países (Brasil é 84°)

\* Com paridade de poder de compra

Fontes: Britannica, IBGE, UNFPA, PNUD e Banco Mundial

## Candidato de ultradireita se aproximou de líder apoiado por Petro na última semana



\*A pesquisa mais recente foi feita entre os dias 13 e 20 de maio e tem margem de erro de 3%

Fonte: Invamer

Sem experiência política, o candidato do Movimento de Salvación Nacional ficou conhecido pelos clientes que defendeu: além de membros de grupos paramilitares, David Murcia Guzmán, criador de um esquema de pirâmide que lesou mais de 200 mil pessoas, e Alex Saab, suposto laranja do ditador Nicolás Maduro e acusado de lavagem de dinheiro.

Ao longo da campanha, Espriella disse que mandaria o Exército para as ruas para cuidar da segurança e afirmou que assinaria "sem dúvida" a extradição de Petro caso os EUA pedissem. "Eu mesmo me sacrifiquei e o levei", disse no início de maio.

Antes da corrida, em julho de 2025, afirmou que iria estripar pessoas de esquerda. "É preciso erradicar essa praga", disse.

Restam aos outros candidatos, como Sergio Fajardo e Claudia López, porcentagens que não chegam aos 3% para cada um. O estrangulamento do centro revela a polarização entre os pró e anti-Petro —na pesquisa de maio da Invamer, os eleitores se dividem entre 50,4% que desaprovam a gestão e 45,8% que a aprovam.

Até agora, no entanto, os que desaprovam não conseguiram se unir em torno de uma candidatura, desorganização que se deve em partes ao vácuo deixado por Miguel Uribe Turbay, pré-candidato assassinado durante um comício no meio do ano passado.

Apesar do sobrenome em comum com Álvaro Uribe, Miguel não é parente do ex-presidente. Na verdade, ele é filho da jornalista Diana Turbay, sequestrada em 1990 pelo traficante Pablo Escobar e morta no ano seguinte.

O atentado contra o senador reviveu a Colômbia das décadas de 1980 e 1990, quando cinco presidenciáveis foram mortos em atentados. O número dá a dimensão da violência política da época —o próprio pai de Cepeda, Manuel, foi morto em agosto de 1994, um mês após assumir como senador pelo Partido Comunista.

O episódio é central na trajetória do candidato, que cobrou o Estado colombiano por violações de direitos humanos e se envolveu em iniciativas de paz, incluindo algumas que levariam ao acordo com as Farc, em 2016.

Caso eleito, Cepeda quer retomar o diálogo com a ELN (Exército de Libertação Nacional), conhecida como a última guerrilha da Colômbia e, até agora, resistente às tentativas de ceder à "paz total" prometida por Petro.

Para a cientista política Angie Katherine González, pesquisadora na Universidade de Oxford, apesar das derrotas, o presidente soube captar as mudanças que a população aspirava após tantos anos de violência, e isso explica a capacidade de empregar um apadrinhado no segundo turno.

"Nenhum governo havia discutido reforma do sistema de saúde, independentemente de ela ter sido boa ou ruim", afirma sobre a iniciativa de Petro, uma das tantas incompletas. "Só recentemente nossa história nos permitiu perceber que outras coisas, como meio ambiente, educação e saúde, importam. Ainda não conseguimos sair da lama, mas pelo menos tiramos a cabeça."

mundos

## Tabuleiro político chacoalha em Bogotá

Polarização é fenômeno relativamente novo na corrida presidencial do país

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Buenos Aires. É autora de 'O Ano da Cólera'

Há muito ruído em torno da ideia de que o pêndulo da política colombiana continuará do lado da esquerda ou se migrará para a direita neste domingo (31). Legítima, mas, no caso colombiano, ela não esgota a discussão.

A verdadeira transformação é uma remexida no tradicional tabuleiro político. Durante décadas, a cúpula do poder ficou concentrada em poucas famílias: Pastrana, Samper, Santos, Gaviria, Turbay, Galán. Eram representantes de uma elite bogotana distante dos campos de café, da fronteira com a Venezuela, da Amazônia, da costa empobrecida e dos territórios dominados pelo crime organizado.

Essa elite monopolizou o dinheiro e a política nacional. Ideologicamente, transitava entre direita liberal e social-democracia moderada. A polarização é um fenômeno relativamente novo na Colômbia.

Por décadas, a esquerda democrática teve pouca voz. Para boa parte dos colombianos, a palavra "esquerda" era associada à violência praticada por grupos armados como as Farc, o ELN e o M-19. Mesmo após os acordos de paz firmados com o M-19, o Quintín Lame e, anos depois, as Farc, essa percepção não desapareceu. Nos dois primeiros casos, antigos integrantes participaram da Assembleia Constituinte que elaborou a Constituição liberal de 1991.

A ideologia do que resta desses grupos foi corroída pelo narcotráfico. A violência permaneceu, sustentada por alianças entre dissidentes das guerrilhas e facções transnacionais do crime organizado. O primeiro grande abalo no sistema veio com Álvaro Uribe. Embora oriundo de uma família rica, ele não pertencia ao núcleo tradicional do poder bogotano. Era um caudilho regional de Antioquia que reorganizou a política em torno da linha dura contra guerrilhas e cartéis, nem sempre obedecendo os direitos de seus adversários.

O segundo grande abalo ocorreu em 2022, com a eleição de Gustavo Petro. Sua gestão acumulou erros, sobretudo na segurança e na relação errática com outras instituições do Estado. Ainda assim, construiu uma imagem positiva em partes do interior por defender a reforma agrária, promover programas voltados aos deslocados pela violência e ampliar o acesso à saúde em regiões precárias.

Petro consolidou a percepção de que a esquerda pode governar dentro das regras democráticas.

A jornalista María Jimena Duzán resumiu esse processo ao afirmar que o governo Petro "não foi tão ruim quanto a direita sustenta, nem tão bom quanto o presidente afirma". Segundo ela, existe hoje "um país que se sente representado nessa esquerda de Petro e que vota em um partido legalmente constituído".

Essa talvez seja a principal novidade da Colômbia contemporânea. Pela primeira vez, a esquerda disputa o poder não como promessa de ruptura revolucionária, mas como continuidade possível de governo.

A direita também mudou. O desgaste do uribismo abriu espaço para correntes mais radicalizadas e personalistas, como a do advogado Abelardo de la Espriella.

Assim, as candidaturas que despontam na disputa são fruto da mesma transformação histórica. Elas nasceram da erosão do sistema dominado pelas famílias tradicionais, da desmobilização parcial da esquerda armada, da ascensão do uribismo e da normalização da esquerda institucional sob Petro.

DOM. Sylvia Colombo **SEG.** Bianca Santana  
TER. Mundo Leu **QUA.** Rui Tavares **QUI.** Lúcia Guimarães  
SEX. Laura Greenhalgh **SÁB.** Igor Patrick

# Tráfico não vai acabar sem combate à pobreza, afirma candidata na Colômbia

Cláudia López, ex-prefeita da capital que concorre à Presidência, defende cumprimento do acordo de paz com as Farc e proteção a ex-guerrilheiros arrependidos; ela está em 5º lugar em pesquisas

## ENTREVISTA CLAUDIA LÓPEZ

Sylvia Colombo

**SÃO PAULO** Ela foi a responsável por administrar uma megalópole como Bogotá durante a pandemia de coronavírus. Claudia López, 56, carrega uma sólida formação acadêmica: cursou administração pública na Universidade Columbia (Nova York), depois passou por Yale e pela Universidade Northwestern (Chicago).

Considera, porém, o desafio de governar a Colômbia como algo que vai necessitar de mais do que sua trajetória política e acadêmica. López disputará a eleição presidencial, cujo primeiro turno ocorre no próximo domingo (31).

A candidata se consolidou uma imagem ligada à renovação política, à pauta ambiental e aos direitos civis. Casada com a senadora Angélica Lozano, da Aliança Verde, virou símbolo da luta pelos direitos da comunidade LGBTQIA+.

A última edição da pesquisa Invamer mostra a candidata na quinta posição na corrida presidencial, com 2,2% das intenções de voto. Em primeiro está Iván Cepeda (44,6%) — herdeiro político de Gustavo Petro, seguido do conservador Abelardo de la Espriella (31,6%), da apadrinhada de Álvaro Uribe, Paloma Valencia (14%), e do centrista Sergio Fajardo (2,4%).

\*

**Sua candidatura representa uma vitória para as mulheres colombianas?** Sim, claro, mas eu prefiro me concentrar nos desafios e no plano de governo. Claro que um olhar feminino sobre certas questões, como a da paz, da reconciliação e da violência contra a mulher, será distinto.

Não apenas na Colômbia, mas no mundo, estão surgindo cada vez mais lideranças femininas.

**Mas hoje vivemos num mundo em que há uma onda de populismo autoritário machista muito difícil de peitar. O papel das mulheres fica mais duro?** Verdade. E não apenas na Colômbia, mas em outros países também. Me preocupa o Brasil, com as pesquisas dando tão pouca diferença entre Lula e o filho de [Jair] Bolsonaro.

Uma derrota de Lula pode parar projetos e alianças do atual governo da Colômbia e diminuir os planos de estratégia comum para salvar a Amazônia, cujo espaço compartilhamos.

**Petro e Lula haviam considerado uma aproximação. Daria con-**



Sebastian Barros - 3 Jun.25/Reuters

### Claudia López, 56

É ex-prefeita de Bogotá, ex-senadora e formada em administração pública pela Universidade Columbia (EUA), com estudos em Yale e Northwestern. Ganhou projeção nacional por reportagens investigativas sobre corrupção e pela defesa de pautas ambientais, sociais e LGBTQIA+

**tinuidade a isso? E o que pensa sobre o Mercosul?** Sempre houve uma relação boa entre os países, até mesmo nos tempos de Uribe aqui e Lula no Brasil. Não vejo atrito ou algum ponto específico de desacordo. Claro que Lula e Petro têm mais afinidades, e isso é bom para ambos os países.

Como mandatária, em termos de geopolítica regional, terei de me preocupar sobretudo com a Venezuela, com a ajuda para democratizar o país, dar alento ao migrante, fornecer logística e estrutura para reconstruir vias.

Em política internacional, a prioridade é o futuro da Venezuela e qual papel a Colômbia terá nele.

**O principal desafio para a senhora será a luta contra o narcotráfico?** Não. Há um problema anterior a ele e que deve ser levado a sério o mais rápido possível. Temos de ajudar os desvalidos, porque, do modo como funciona o mundo hoje, o tráfico ilegal de drogas não vai acabar sem vencer as desigualdades e sem boas políticas relacionadas a bem-estar, saúde e educação. Penso que é necessário olhar para os indivíduos e, para além disso, pensar num reforço do aparato repressivo.

**Hoje vê avanço no que diz respeito à violência política e aos crimes comuns?** Não apenas vejo uma Colômbia diferente, como ela de fato existe. No meu tempo, fez-se a paz com guerrilhas, como a do M-19 e grupos paramilitares. Formou-se um partido político de ex-guerrilheiros. A maioria desses ex-combatentes que largou as armas integrou-se à política e, mesmo assim, muitos deles foram assassinados por gangues inimigas não desmobilizadas. Basta olhar para o passado político do candidato Iván Cepeda. Seu pai pertenceu a esse partido que se formou após a paz com a guerrilha, e por isso foi assassinado.

É legítimo que as antigas Farc [Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia] se preocupem com a possibilidade de serem assassinadas após baixarem as armas segundo o acordo com o Estado. Essa é uma das razões pelas quais o acordo de paz não pode ser deixado pela metade.

Eu me comprometo a cumprir por inteiro o acordo de paz, com ênfase no fato de que o Estado tem de garantir a vida dos que apoiaram o tratado e aderiram à devolução de suas armas. Deve haver uma política de inserção positiva para quem se arrependeu.

“

É legítimo que as antigas Farc [Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia] se preocupem com a possibilidade de serem assassinadas após baixarem as armas segundo o acordo com o Estado. Essa é uma das razões pelas quais o acordo de paz não pode ser deixado pela metade

# Ex-detentos integram consultoria global para reformar a segurança pública

Iniciativa reúne 34 pessoas de 19 países, incluindo 2 brasileiros que cumpriram pena; consultores propõem justiça restaurativa

## DIAS MELHORES

Renan Marra

SÃO PAULO A educadora Dandara Zainabo, 28, descreve como traumáticos os cinco anos que passou presa no Rio de Janeiro. Mulher trans, ela diz ter dividido uma cela numa unidade masculina. Em liberdade, transformou a experiência no cárcere em atuação política e, atualmente, dedica-se à elaboração de propostas para segurança pública direcionadas a líderes de vários países.

A iniciativa é da ONG Incarceration Nations Network (INN) e foi apresentada em abril na Cidade do Cabo, na África do Sul — uma escolha simbólica, segundo os organizadores, pelo histórico de segregação do país. Trata-se, acrescentam, da primeira consultoria de segurança pública do mundo formada por pessoas que foram presas.

Batizada de Global Freedom Consulting Agency (agência de consultoria para a liberdade global), a iniciativa reúne 34 egressos do sistema prisional, agora consultores, de 19 países. Entre eles estão dois brasileiros. Todos foram selecionados após apresentarem projetos de destaque nas áreas de justiça e segurança.

"Esses profissionais poderão atuar junto a governos interessados em desenvolver políticas públicas de justiça com base em lideranças que conhecem, na prática, os efeitos do encarceramento", diz a americana Baz Dreisinger, fundadora da INN. "Isso nunca foi feito antes, em nenhum país, e esperamos que a consultoria atravesse fronteiras."

Dreisinger, também professora na Escola John Jay de Justiça Criminal da Universidade da Cidade de Nova York, lançou a iniciativa

após 25 anos de atuação em prisões nos Estados Unidos e em outros países. Ao longo desse período, disse ter concluído ser essencial que pessoas com experiência direta no sistema carcerário ocupem posições de liderança nos debates sobre segurança pública.

A INN é financiada por organizações filantrópicas. Já os integrantes da consultoria podem ser contratados por fundações, instituições acadêmicas, agências governamentais e até administrações prisionais interessadas em desenvolver projetos.

Entre as áreas de atuação da consultoria está a justiça restaurativa, abordagem que prioriza a reparação dos danos provocados por um conflito, em vez de concentrar esforços na punição do infrator. A proposta busca envolver vítimas, autores e a comunidade em diálogos, com o objetivo de construir acordos e reparar impactos materiais e emocionais.

Em geral, o debate sobre segurança pública está centrado em mecanismos de punição, não de proteção, afirma Dandara Zainabo. Autoridades falham ao ignorar critérios como raça e gênero na formulação de políticas, diz.

Dandara foca a construção de políticas de apoio para pessoas trans dentro e fora das prisões. No Brasil, ela sugere a produção de um censo penitenciário que contabilize essa minoria. O objetivo, afirma, é que as autoridades consigam planejar espaços mais acolhedores para esse grupo.

Não existe hoje no país um censo penitenciário nacional amplo voltado de forma exclusiva à população trans. Nos últimos anos, a Secretaria Nacional de Políticas Penais passou a divulgar notas técnicas sobre a população LGBTQIA+ encarcerada, mas ativistas afirmam que os dados são



A carioca Dandara Zainabo é uma das participantes da Global Freedom Consulting Agency. Zanone Fraissat - 30.ago.24/Folhapress



Gaúcho Rodrigo Sabiah, 42, criou cooperativa voltada à geração de trabalho para ex-detentos. Divulgação

incompletos e subnotificados. Uma das críticas é que muitos registros penitenciários têm como base categorias binárias de "homem" e "mulher", o que dificulta identificar com precisão as pessoas transexuais.

Dandara não diz o motivo que a levou à prisão. Como educadora, afirma evitar perguntar a ex-detentos quais crimes cometeram porque, segundo ela, o olhar sobre essas pessoas "precisa ser humanizado". Durante os cinco anos em que esteve presa, diz ter vivido em uma "máquina de ódio" capaz de transformar detentos em uma "bomba para a sociedade".

A experiência, diz, reforçou sua defesa de um sistema menos punitivo e mais voltado à correção, à educação e à reintegração social. Após deixar a prisão, fundou a Associação Mama Thula, que oferece apoio jurídico a mulheres cis e trans em conflito com a lei.

O outro brasileiro que integra a iniciativa é Rodrigo Sabiah. Após deixar a prisão, em 2012, ele criou uma cooperativa de reciclagem para gerar trabalho para ex-detentos e fundou o projeto Reciclando Vidas, que promove ações em comunidades, escolas e prisões nas áreas de empreendedorismo social, reintegração e justiça restaurativa. Hoje também dá palestras sobre sua trajetória.

Cerca de 11 milhões de pessoas estão atualmente encarceradas em todo o mundo, e esse número vem crescendo de forma contínua, destaca a INN. De 2008 a 2011, a população prisional aumentou em 78% dos países e, de 2000 a 2016, registrou alta de quase 20%, segundo a organização.

Desse total, mais de 3,2 milhões ainda não foram condenadas e aguardam julgamento, permanecendo legalmente inocentes. Além disso, cerca de 1 em cada 5 presos cumpre pena por crimes relacionados a drogas, sendo que 83% desses casos envolvem apenas posse, diz a ONG.

"Quando a gente fala sobre sistema prisional, a gente está falando, sim, de uma máquina mortífera. E não preciso ir tão longe, se você olhar para o Cecot [penitenciária de segurança máxima em El Salvador], você vai perceber uma prisão que funciona 24 horas com as luzes ligadas, na qual as pessoas já não têm mais identidade porque são iguais. [...] O local é quantitativo, não qualitativo como deveria ser", diz Dandara.

"A gente tem soluções concretas porque a gente viu de dentro. Não há nada melhor do que destruir a violência quando você é alguém que sentiu ela."

## Rússia gasta US\$ 28 bilhões além do previsto na Guerra da Ucrânia

Max Seddon e Anastasia Stognei

BERLIM | FINANCIAL TIMES Os gastos da Rússia na Guerra da Ucrânia estão a caminho de estourar o orçamento em pelo menos 2 trilhões de rublos, equivalentes a US\$ 28 bilhões (cerca de R\$ 157,4 bilhões na cotação anual) neste ano, de acordo com um documento obtido pelo Financial Times, aumentando a pressão sobre as finanças do Kremlin diante

de um déficit crescente.

O Ministério das Finanças estimou em fevereiro que o gasto excedente no conflito poderia chegar a 4 trilhões de rublos este ano em um "cenário negativo", segundo a carta do ministro da pasta, Anton Siluanov. Espera-se um gasto excedente de 4 trilhões de rublos na guerra em 2027 e 2028.

O documento solicitou ao gabinete o congelamento de 2,9 trilhões de rublos em gastos plane-

jados fora do conflito para este ano, 5,4 trilhões de rublos para 2027 e 7,1 trilhões de rublos para 2028, para cobrir o custo crescente da guerra. O pedido evidencia as dificuldades da Rússia em financiar o conflito. O país alocou quase 40% do orçamento deste ano para defesa e segurança.

O Kremlin planejou um déficit orçamentário de 3,8 trilhões de rublos para 2026. Nos primeiros quatro meses deste ano, no

**R\$ 157,4 bilhões**

é o valor que deve superar o orçamento previsto para este ano na Rússia com a Guerra da Ucrânia. O estouro é de pelo menos 2 trilhões de rublos, equivalentes a US\$ 28 bilhões

entanto, o orçamento da Rússia já está com um déficit de 5,9 trilhões de rublos — ou 2,5% do PIB —, o maior desde que Putin ordenou a invasão da Ucrânia em 2022. Os gastos com a guerra estão obscurecendo um clima econômico já sombrio na Rússia. O país cortou neste mês sua previsão de crescimento para 2026 em quase um ponto percentual. Agora espera que o PIB cresça 1,4% em 2027.



Agentes da Polícia Civil em operação em comunidades da zona norte do Rio de Janeiro, onde o Comando Vermelho tem ampliado atuação Eduardo Anizelli - 8.Jan.25/Folhapress

## Classificação dos EUA ocorre em meio a fortalecimento de CV e PCC

Facções brasileiras passam por expansão local e internacional impulsionada por lucro bilionário do tráfico de cocaína; efeito da medida americana ainda é tido como incerto

**SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO E RECIFE** A decisão dos Estados Unidos de classificar o CV (Comando Vermelho) e o PCC (Primeiro Comando da Capital) como organizações terroristas ocorre em um momento de acentuada expansão local e internacional dessas facções criminosas.

Os grupos de origem paulista e fluminense têm ampliado o controle territorial e se fortalecido com as cifras bilionárias oriundas principalmente do tráfico de drogas. É central nesse contexto o fluxo da cocaína vinda dos países produtores, Colômbia, Peru e Bolívia, a mercados consumidores europeus.

A medida do governo de Donald Trump deverá expandir significativamente o poder de atuação contra as facções brasileiras, como prevê a legislação americana, o que é alvo de críticas do governo Lula (PT). Ainda não são conhecidas, contudo, as medidas práticas que serão adotadas para combater a atuação desses grupos criminosos.

Entidades de pesquisa em segurança pública dizem que a decisão surtirá pouco efeito, enquanto a oposição a Lula aposta que haverá enfraquecimento de CV e PCC.

Especialistas e autoridades envolvidas no combate direto às facções avaliam que a mobilização americana chega num momento de fortalecimento crescente do crime organizado, que não parece dar sinais significativos de fragilidades mesmo diante de planos, projetos e operações policiais diversas.

O cenário nas últimas duas dé-

cadadas foi de expansão vertiginosa, sem que o Estado tenha conseguido conter efetivamente essa atuação, apontam. O PCC vive o ápice do seu processo de internacionalização. Trata-se de um movimento que a facção começou a adotar com mais intensidade nos últimos dez anos.

Conforme a Promotoria de São Paulo, a facção conta com 40 mil membros, com braços de atuação que chegam a outros 27 países, além do Brasil. O governo Trump, por exemplo, afirma que PCC e CV estão presentes em 12 estados americanos, sem detalhar quais.

O fluxo da droga gera um faturamento bilionário e desencadeia mecanismos cada vez mais sofisticados de lavagem de dinheiro.

No último ano, chamou atenção o uso de bancos digitais e plataformas de pagamento, as chamadas fintechs, na teia de lavagem da facção, aspecto que poderá ser levado em consideração na adoção de sanções econômicas americanas.

Investigações capitaneadas pelo Ministério Público paulista e pela Receita Federal, além da Polícia Federal, têm identificado a atuação do grupo em setores da economia formal, como o mercado de combustíveis e licitações públicas em áreas como transporte, a exemplo do que foi revelado pelas operações Carbo-noculto e Fim da Linha.

"O enfrentamento ao crime organizado deve se dar pelo fluxo financeiro. Temos que acabar com isso de subir morro atrás de traficante, tipo de operação que fa-

zemos há 30 anos sem resultado. É preciso sufocar a cadeia de abastecimento do crime", diz Mário Sarrubbo, ex-secretário nacional de Segurança Pública e procurador-geral de Justiça de São Paulo de 2020 a 2024.

A internacionalização da facção ficou evidente na operação Sharks, deflagrada em 2020, que mapeou a logística de fornecimento de drogas a partir do Paraguai e da Bolívia rumo a países da Europa. O fluxo de droga por essa rota só se intensificou desde então.

O promotor Juliano Atoji, do MP-SP, ressaltou em entrevista à Folha este mês que o PCC se especializou na diplomacia, mas é um grupo ultraviolento, a exemplo do assassinato do delator Antonio Gritzbach, no aeroporto de Guarulhos em novembro de 2024.

"Eles nunca abandonaram a violência e são um grupo ultraviolento. Nos ataques de 2006, agiram como um grupo terrorista, patrocinando a desordem. Mas viram que foi um prejuízo. Os integrantes notaram que, na ausência de enfrentamento com o Estado, conseguiam estabelecer [maiores] lucros, crescer financeiramente", afirma.

No caso do Comando Vermelho, a decisão dos EUA acontece enquanto a facção fluminense tem expandido sua atuação pelo Brasil, com rotas de tráfico que vêm de países vizinhos.

Isso tem levado a um aumento das disputas entre grupos criminosos tanto no Rio de Janeiro quanto em outras partes do país —principalmente nas regiões

**Medida passa a valer a partir de 5 de junho**

Secretário de Estado, Marco Rubio, disse que facções "se estendem muito além das fronteiras do Brasil, por toda a nossa região e até nosso país".

“

**O enfrentamento ao crime organizado deve se dar pelo fluxo financeiro. Temos que acabar com isso de subir morro atrás de traficante, o que fazemos há 30 anos sem resultado**

Mário Sarrubbo ex-secretário nacional de Segurança e ex-procurador-geral de Justiça de São Paulo

**27 países**

é a quantidade de nações onde a presença do PCC foi identificada, além do Brasil, conforme dados do Ministério Público de SP

Norte e Nordeste. Os dados vêm de investigações policiais e estudos de institutos de segurança pública. Estudo do Instituto Fogo Cruzado em parceria com o GENI-UFF (Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense) mostra que o CV foi o grupo armado que mais expandiu áreas de influência na região metropolitana do Rio nos últimos anos.

Segundo o levantamento, a facção avançou principalmente sobre territórios antes dominados por milícias e grupos rivais.

Os pesquisadores também destacam os impactos da violência armada na rotina da população, incluindo fechamento de escolas, interrupção de linhas de transporte público e aumento da sensação de insegurança.

O combate à facção tem sido altamente letal, o que teve o ápice na operação policial que deixou 122 mortos na Penha e no Alemão em outubro de 2025, um recorde para a história do país.

A expansão da facção também se intensificou na Amazônia Legal. Relatórios do Fórum Brasileiro de Segurança Pública indicam que o grupo ampliou sua atuação em cidades estratégicas da região, impulsionado pelas rotas internacionais do tráfico de cocaína vindas da Colômbia e do Peru.

No Nordeste, a expansão do Comando Vermelho ocorre principalmente por meio da incorporação de grupos regionais e da criação de alianças locais.

"O PCC se expandiu mantendo um sistema de controle centralizado. Já o Comando Vermelho cresce mais pela capacidade de incorporar grupos locais. Por isso você não vê um PCC do Ceará, mas vê um CV do Ceará. São grupos que mantêm vínculos com a facção do Rio, mas desenvolvem atuação própria nos estados", afirma o sociólogo Luiz Fábio Paiva, professor da UFC (Universidade Federal do Ceará). Bruna Fantti, Josué Seixas, Mariana Zylberkan e Marco Antônio Carvalho



Kim Schiavo/PrefSP

# Virada Cultural reúne 4,8 milhões de pessoas, movimenta R\$ 1,1 bilhão e tem 99% de aprovação

Pesquisa da FGV aponta ainda que 94,8% dos entrevistados pretendem voltar na próxima edição; evento recolheu 18,6 toneladas de materiais recicláveis

A Virada Cultural, promovida pela Prefeitura de São Paulo, reuniu 4,8 milhões de pessoas e movimentou R\$ 1,1 bilhão na economia paulistana no último fim de semana. Esses são os dados da pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), encomendada pela Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa.

Segundo o estudo, 99% dos entrevistados afirmaram que recomendariam a Virada Cultural para amigos e familiares, enquanto 94,8% disseram que devem voltar na próxima edição. Entre aqueles que já conheciam o evento, 93,4% avaliaram a edição de 2026 como melhor ou igual à anterior.

A pesquisa ouviu 1.600 pessoas em todas as regiões da cidade e abordou a percepção sobre a programação, impacto turístico, fidelização e efeitos econômicos do evento.

De acordo com a FGV, 84,4% dos pesquisados classificaram a programação como ótima ou boa. Outro destaque foi o impacto no turismo: 84,8% dos turistas entrevistados afirmaram que a Virada foi o principal motivo da viagem a São Paulo no período do evento.

Segundo a pesquisa, 94,6% dos entrevistados consideraram positiva a realização de atrações culturais fora da região central da cidade. Com atividades simultâneas espalhadas pelos territórios da capital, a Virada Cultural consolidou a estratégia de ampliar o acesso à cultura em diferentes bairros da cidade.

O perfil do público identificado pela pesquisa aponta que 32,1% dos entrevistados tinham entre 26 e 35 anos, seguidos por 27% entre 18 e 25 anos. O público apresentou distribuição equilibrada entre homens (50,3%) e mulheres (48%). Em relação à escolaridade, 43,2% possuíam ensino superior completo e 11,1% pós-graduação.

Na faixa de renda familiar, o maior grupo identificado foi o de pessoas com renda entre R\$ 2.500 e R\$ 5.000 mensais, representando 34,3% dos entrevistados. Outros 23% afirmaram possuir renda entre R\$ 5.000 e R\$ 10 mil, enquanto 22,2% declararam renda entre R\$ 10 mil e R\$ 15 mil.

Além dos indicadores de aprovação, a pesquisa aponta que a Virada Cultural gerou R\$ 435,6 milhões em renda, aproximadamente 20 mil postos de traba-

lho e R\$ 177 milhões em tributos municipais, estaduais e federais. O impacto econômico do evento também contribuiu com R\$ 409 milhões para o Produto Interno Bruto (PIB) da cidade.

## ACESSIBILIDADE E DIVERSIDADE

A Prefeitura reforçou as ações de acessibilidade e inclusão com espaços reservados em todos os palcos para pessoas com deficiência, programação com Libras e audiodescrição e sessões adaptadas de cinema nos CEUs. A estrutura do evento também teve banheiros acessíveis.

Pela primeira vez, a Virada Cultural teve uma atividade no Centro TEA, criado para apoiar pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo e suas famílias, onde foi realizada uma atração para o público infantil.

Os músicos que participaram celebraram a dimensão popular da Virada Cultural, o contato direto com o público e a diversidade artística espalhada por toda a cidade durante as 24 horas de programação gratuita.

O cantor Seu Jorge destacou a dimensão democrática e o al-

cance do evento para artistas e público. O cantor afirmou ter se emocionado com a recepção do público no Vale do Anhangabaú, um dos 21 palcos da festa. "A Virada é também muito importante para nós, artistas, entrarmos em contato com pessoas que vêm de muito longe para nos assistir. Ver o Vale lotado foi emocionante demais para mim."

Bruno Gouveia, vocalista do grupo Biquíni Cavado, afirmou que a Virada "faz São Paulo viver e respirar música". "Esse é o festival do povo. A gente normalmente toca em casas noturnas muito caras, então é muito especial participar de um evento assim."

Tony Bellotto, dos Titãs, destacou a importância da gratuidade e da ocupação cultural da cidade. "A coisa mais legal da Virada é essa democracia: shows de graça em vários lugares da cidade. É sempre um prazer tocar para pessoas que muitas vezes não conseguem comprar ingresso."

## SUSTENTABILIDADE

A Central de Reciclagem instalada no Largo Paissandu coletou quatro toneladas de materiais recicláveis, entre alumínio, plástico, vidro e papelão. A operação funcionou 24 horas nos dois dias e mobilizou 165 catadores e catadoras que atuaram nos arredores dos principais palcos da região central, como Anhangabaú, República, São João e Largo do Arouche.

A ação garantiu geração de renda aos trabalhadores, que receberam diária de R\$ 250, alimentação e equipamentos de proteção. É uma iniciativa da Associação Nacional dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (Ancat), em parceria com o Instituto Rede Cata Sampa, com patrocínio da Loga e apoio da Prefeitura de São Paulo. Foram coletadas 18,6 toneladas de materiais recicláveis em todas as regiões e 84 toneladas de lixo, retiradas pelas equipes de varrição.

Vista aérea do palco no Anhangabaú da Virada Cultural deste ano

**VIRADA CULTURAL DE SÃO PAULO 2026**

**4,8 mi**

de pessoas participaram do evento

**99%**

de aprovação pelo público, segundo pesquisa da FGV

**94%**

dizem que podem voltar na próxima edição

**R\$ 1,1 bi**

foram movimentados durante a Virada



**A Virada é também muito importante para nós, artistas, entrarmos em contato com pessoas que vêm de muito longe para nos assistir. Ver o Vale lotado foi emocionante demais para mim**

SEU JORGE



**A coisa mais legal da Virada é essa democracia: shows de graça em vários lugares da cidade. É sempre um prazer tocar para pessoas que muitas vezes não conseguem comprar ingresso**

TONY BELLOTTO

## MORTES

coluna.obituário@grupofolha.com.br

JOSÉ HILÁRIO FERREIRA SOBRINHO (1965 - 2026)

## Preservou a memória negra do Ceará

Hilário Ferreira dedicou mais de 40 anos à pesquisa sobre escravidão no estado

Sofia Herrera

**FORTALEZA** Foi no bairro Piedade, em Fortaleza, que o adolescente Hilário Ferreira encontrou o movimento negro. Ao interpretar Barrabás numa encenação da Paixão de Cristo e sofrer racismo da plateia, aguentou o público, mas desde então nunca mais se calou.

Sociólogo de formação, foi um dos fundadores do Grupo de União e Consciência Negra (Grucon), criado em 1982, que articulou desde a entrada da capoeira nas escolas públicas até a consolidação dos estudos negros dentro da universidade. Nas décadas de 1980 e 1990, fazia intercâmbios entre a militância preta do Maranhão e a do Ceará, defendendo um marxismo que não ignorasse a questão racial.

Em 2005, defendeu sua dissertação de mestrado sobre o tráfico interprovincial de escravizados no Ceará. A pesquisa se tornaria referência para quem quisesse entender o apagamento de figuras como José Napoleão e a Preta Tia Simoa, trabalhadores negros que protagonizaram a greve dos jangadeiros de 1881, episódio que antecedeu a Lei Áurea.

O documentário "A Rebelião dos Jangadeiros" nasceu do contato com essa pesquisa. "Ele foi e voltou com a gente nas ideias, nos ajudou a atualizar o debate, fez provocações e nos deu um depoimento que nos ajuda a recontar esse capítulo, intencionalmente omitido dos livros de história do Ceará e do Brasil", diz Cinthia Medeiros, jornalista e diretora do documentário.

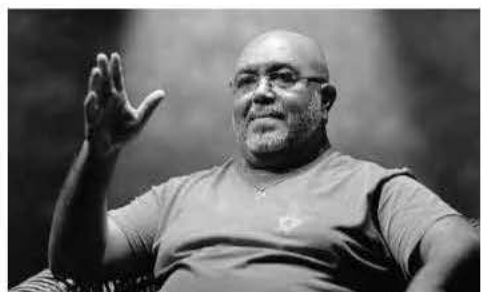
Iniciado no candomblé há mais de 20 anos em um terreiro em Salvador, Hilário não separava a espiritualidade de matriz africana do seu dia a dia. Desfilava com o Maracatu Rei de Paus e atuava como comentarista de afós no Carnaval de Fortaleza, tema que também pesquisava.

Para além do academicismo, gostava de encontrar os seus em mesas de bares e na Quarta D'Yansá, movimento de celebração da cultura ancestral no centro da cidade. Coordenava o coletivo Fortaleza Negra e organizava rodas de conversa em diversos bairros da cidade, traduzindo seus mais de 40 anos de pesquisa para jovens da periferia.

"Não importava a hora nem o dia, ele estava disposto a organizar um debate ou uma ação de campo com estudantes", diz Rai Kehinde, cientista social e membro do coletivo Negruras CE. "Ele abriu caminhos e seguirá abrindo, pois sua pesquisa é imortal. Não se pode falar da luta antirracista no Ceará sem citá-lo."

"Honrá-lo é também livrá-lo do estigma contra o qual ele sempre lutou: o apagamento que roubou dos negros o protagonismo na narrativa do movimento abolicionista e de tantas outras lutas que enfrentaram e ainda enfrentam", diz Cinthia.

Ele morreu no dia 8 de maio, após um infarto, no dia em que completava 61 anos.



Arquivo pessoal



O ditador venezuelano Nicolás Maduro é levado ao tribunal em Manhattan Adam Gray - 5.jan.26/Reuters

## EUA prenderam Maduro após incluir grupo Tren de Aragua em lista de terroristas

Precedente venezuelano mostra que medida amplia poderes de investigação e operações de Washington em relação ao Brasil

Daniela Arcanjo

**BUENOS AIRES** A inclusão da facção venezuelana Tren de Aragua na lista dos Estados Unidos de organizações terroristas, como vai ocorrer com o PCC (Primeiro Comando da Capital) e o CV (Comando Vermelho) na próxima sexta-feira (5), foi o primeiro passo de uma estratégia de pressão que culminou na captura do ditador Nicolás Maduro, no início deste ano.

O precedente não deve ser lido como uma sentença do que pode ocorrer no Brasil após Washington anunciar a medida, nesta quinta-feira (28) —facções de outros quatro países da América Latina foram designadas organizações terroristas desde que Donald Trump voltou à Casa Branca, e as consequências para as nações variam conforme o caso.

Ainda que seja improvável no Brasil, porém, o desfecho venezuelano mostra que a decisão amplia os poderes de investigação e operações dos EUA em relação ao Brasil, ameaça explorada pelo governo Lula (PT), crítico da medida, ao longo do dia.

De acordo com o Departamento de Estado americano, para ser considerada terrorista, a organização deve cumprir três requisitos: ser estrangeira; encaixar-se na definição determinada pela lei americana; e "ameaçar a segurança dos cidadãos americanos ou a segurança nacional" dos EUA.

Há mais de uma norma sobre a questão no país, mas a Lei Pública 105-277, por exemplo, que trata de relações exteriores, afirma que terrorismo é "uma violência premeditada e politicamente motivada perpetrada contra alvos não combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos". Encaixam-se na definição há

anos, segundo Washington, grupos como Estado Islâmico (Oriente Médio), Boko Haram (Nigéria), Hamas (Palestina), Al-Qaeda (Afeganistão) e Exército de Libertação Nacional (Colômbia).

Desde o início de 2025, no entanto, quando Trump voltou ao poder, as novas inclusões na lista passaram a ser dominadas por organizações latino-americanas —um reflexo da sua política externa voltada para a região, em contraste com a postura que vinha sendo adotada pelos EUA nas últimas décadas.

Na prática, o combate a essas organizações costuma passar para órgãos como a CIA, a agência de espionagem dos EUA, e o enfoque se torna mais militar do que com base na cooperação entre as polícias das duas nações.

A abordagem militar ficou clara no caso da Venezuela. Em setembro do ano passado, os EUA iniciaram o que seria uma ofensiva de meses contra supostos barcos que carregavam drogas no Caribe e no Pacífico, deixando mais de 100 mortos nos ataques.

O direito internacional não permite ataques contra pessoas que não ofereçam perigo iminente, a não ser que sejam combatentes inimigos em um conflito armado. Na ocasião, o governo justificou a ofensiva ao Congresso afirmando que facções da região haviam sido designadas organizações terroristas e que esses grupos ameaçavam os EUA e seus cidadãos.

Meses antes, Trump havia designado o Tren de Aragua organização terrorista, e, pouco depois do primeiro bombardeio, fez o mesmo com o Cartel de los Soles, um termo criado pela imprensa colombiana na década de 1990 para se referir a autoridades corruptas.

O governo do republicano passou os últimos meses de 2025 afir-

mando que a organização, cuja existência é negada por especialistas, seria formada por membros de alto escalão das Forças Armadas venezuelanas envolvidos com narcotráfico e acusando Maduro de liderar o grupo.

Após sua captura, porém, a queixa mudou —o ditador responde pelos supostos crimes de narcoterrorismo, conspiração para importação de cocaína e posse de metralhadoras. O Cartel de los Soles, definido na acusação como um "sistema de clientelismo" para encaminhar lucros do narcotráfico para "funcionários corruptos de baixa patente, incluindo civis, militares e agentes de inteligência", mal foi citado no documento de acusação.

Os outros quatro países latino-americanos que viram facções de seus territórios serem designadas organizações terroristas sob Trump foram México, Colômbia, Equador e El Salvador.

Em todos os casos, as nações passaram a ser vistas com mais desconfiança pelo setor produtivo, já que configura envolvimento em atividade terrorista, de acordo com a lei americana, "praticar um ato que o agente sabe, ou deveria razoavelmente saber", que proporciona ao grupo em questão "apoio material" —algo difícil de controlar quando as organizações criminosas estão tão incorporadas à sociedade.

As consequências políticas em cada país, no entanto, foram diversas. A presidente mexicana, a esquerdista Claudia Sheinbaum, afirmou na ocasião que, se a medida levasse a ações extraterritoriais, seu país não aceitaria. "Não aceitamos a violação da nossa soberania", afirmou, em uma retórica semelhante à adotada pelo governo Lula.

## Crônica proteica (15g)

Mal sabia eu que estávamos no começo da grande revolução proteica

**Antonio Prata**

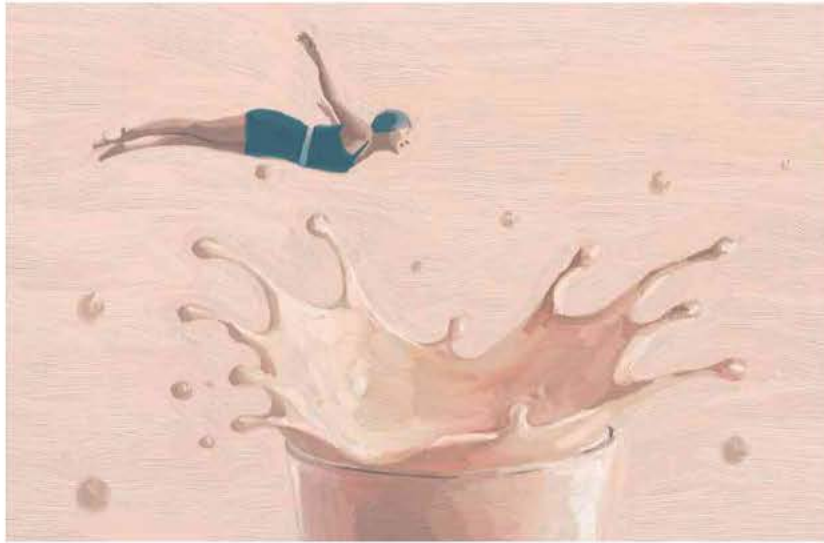
Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Painhas Batem"

Eu devia ter escrito essa crônica anos atrás, quando pedi um yakissoba e o garçom me perguntou: "Qual a proteína?". Fiquei olhando pra ele, atônito, como num pesadelo recorrente em que me vejo de volta à escola para fazer uma prova supostamente perdida lá por 1993.

Qual a proteína? Seria uma promoção do restaurante? Uma joint venture entre Lig Lig e Anglo Vestibulares? Tipo: diga quais os macronutrientes contidos no seu prato e leve grátis um refrigerante? Perguntará ele, em seguida —valendo um picolé— o comprimento da hipotenusa dos dois triângulos retângulos formados por uma diagonal cortando a mesa de 80 cm x 80 cm?

Percebendo minha hesitação, o cara deu uma ajuda: "Amigo: é com carne, frango ou tofu?". Confesso que, na hora, pensei tratar-se de uma esquisitice do garçom ou do restaurante. Mal sabia eu que estávamos no começo da grande revolução proteica e que em meses esta palavra, "proteína", antes restrita aos consultórios de nutricionistas e às embalagens dos alimentos, seria escrita, falada e consumida por todos os lados, de todas as formas, numa ascensão da obscuridade ao estrelato só comparável à de Michel Teló, em 2011, com "Ai, Se Eu Te Pego".

Não sei onde começou, nem



Adams Carvalho

**O whey, eu não sabia, era até outro dia um subproduto na preparação do queijo e durante boa parte do século 20 desfazer-se dele é que era o problema**

como ou por culpa de quem, mas em algum momento no início desta década decretou-se que faltava aminoácido na nossa dieta e o mercado tratou de responder à demanda. Hoje, nos caixas das farmácias, o Tylenol, o Luftal e o Advil quase não têm mais espaço, relegados a umas bandejinhas laterais —se fosse estádio, era arquibancada, atrás do gol, em dia de chuva.

Na numerada coberta, no meio do campo, só dá ela: barra de proteína, biscoito com proteína, waf-

fer com proteína, brownie com proteína, salgadinho com proteína, bolotas achocolatadas com proteína, suspiro com proteína. Sem falar, é claro, na pura e simples proteína com proteína: aqueles potões de whey, antes destinados apenas a fisioculturistas e competidores do Ironman, mas que hoje podem ser encontrados nos carrinhos de supermercado da mais pacata nonagenária de Higienópolis. (Fico intrigado se houve algum impacto no tricô ou nas palavras cruzadas.) Uma ma-

téria recente da revista americana The Atlantic conta que a busca por whey chegou a tal ponto que entramos numa era de escassez: não tem vaca no mundo pra dar conta de nossa sanha proteica. Desde o início do ano, o preço desta proteína, extraída do leite, subiu mais de 50%.

O whey, eu não sabia, era até outro dia um subproduto na preparação do queijo e durante boa parte do século 20 desfazer-se dele é que era o problema. Em alguns estados americanos as fábricas de laticínios jogavam nos rios em tamanha quantidade que chegava a envenenar os peixes. Agora é quase o contrário e se a demanda e o preço do whey continuarem subindo eu imagino, em breve, as fábricas entupindo os rios de bries e camemberts.

Alguém tem que dar um toque na proteína. Não sei se devem ser as vitaminas, que viveram décadas e décadas de sucesso na Premier League da saúde e hoje lutam na série B das preocupações alimentares. Quem sabe o Michel Teló, que frequentou o top 10 das mais tocadas no mundo todo e agora vende tanto quanto um tubinho de Cebion?

Não, não, nem vitaminas nem Teló, já sei quem tem que dar esse conselho — e como. "Queridona, você já passou de todos os limites de exposição. Ninguém sobrevive a tanto tempo debaixo dos holofotes. Falamos com conhecimento de causa. Por séculos nos gabamos de fazer parte do corpo de Cristo e do manjar dos deuses, respectivamente, e hoje somos perseguidos como os piores hereges do trato digestivo. Abre o olho. Um abraço amigo, Glúten e Lactose."

DGM, Antonio Prata | SE6, Becky S. Kerich / Giovana Madalosso | TER, Vera Iaconelli | QUA, Ilona Szabó de Carvalho / Jairo Marques | QUI, Sérgio Rodrigues | SEX, Tati Bernardi | SÁB, Oscar Vilhena Vieira / Luís Francisco Carvalho Filho

## Disparos em estação de metrô no centro de SP deixam cinco feridos

**Jónatas Fuentes e Paulo Eduardo Dias**

**SÃO PAULO** Um policial civil reagiu a uma tentativa de assalto no início da tarde deste sábado (30) dentro da estação São Bento do metrô, próximo à saída da ladeira Porto Geral, nas imediações da rua 25 de Março, no centro de São Paulo. Ele baleou um suspeito. Segundo os bombeiros, cinco pessoas foram atendidas na ocorrência, incluindo um bebê de 11 meses.

O bebê teria sido atingido de raspão no joelho e levado para atendimento médico. Seu estado de saúde não foi divulgado até o início da noite.

Outro homem que teria participado do crime fugiu para dentro da estação, e não havia sido encontrado até o horário de publicação desta reportagem.

Um dos feridos, identificado como o pai do bebê, foi atingido por disparos no braço —que provocaram uma fratura—, no abdome e na coxa. Ele foi levado ao pronto-socorro da Santa Casa e seu estado de saúde não foi informado.

Segundo a polícia, o agente

**29.935**

roubos foram registrados pela SSP-SP na cidade de São Paulo no período de janeiro a abril deste ano, uma queda de 13,37% em relação ao mesmo período do ano passado, quando houve 34.554 casos

lotado no interior do estado reagiu a uma tentativa de roubo após ter ido ao local comprar um notebook. Três criminosos, conforme apuração inicial, teriam conhecimento prévio do negócio, o que pode ter facilitado a abordagem.

A fuga e confusão dentro da estação paralisaram a circulação da linha 1-azul do metrô por 45 minutos entre as estações São Bento e Sé, lotando plataformas de outras estações do ramal.

Escadas rolantes da estação Sé, no centro da capital, foram desligadas para evitar superlotação. Uma passageira relatou ter esperado 20 minutos na plataforma. A circulação de trens da linha vol-

tou ao normal por volta das 13h.

Em nota, o Metrô disse que os agentes de segurança atuaram em apoio à Polícia Militar para atendimento a uma ocorrência de segurança pública, iniciada na entrada da estação São Bento.

"Durante o caso, uma denúncia de que um indivíduo havia acessado a via, obrigou a paralisação temporária da circulação de trens no trecho, para inspeção no local, o que acabou não se confirmando."

Em nota à Folha, a SSP (Secretaria de Segurança Pública) informou que o caso está sendo investigado com acompanhamento da corregedoria de polícia.

Este foi apenas mais um dos casos de roubo registrados na capital paulista, que representam cerca de 62% de todos os roubos no estado, segundo dados da SSP.

De janeiro a abril deste ano, a SSP registrou 29.935 roubos na cidade e 47.683 no estado.

Se comparados ao mesmo período do ano passado, os dados da capital diminuíram 13,37%, em relação aos 34.554 casos de 2025.

No estado, a queda foi de 17,64%, em relação aos 57.896 do primeiro quadrimestre de 2025.

A SSP destaca ter registrado em 2026 o menor número de roubos da história no primeiro quadrimestre no estado de São Paulo.



**LUGAR DE GENTE MUITO, MUITO FELIZ!**

**MAIS DE 1500 PRODUTOS COM PREÇO SUPER SUPER BARATO**

TEL: (11) 5033-2000  
(11) 98200-1400

**votomassa**



**Votomassa Bolante Flex 1kg "Cores" 300g**

De: 8,50  
**Por: 6,50**

**Idealle**



**Idealle Minerali Mix CX2.59m2**

De: 24,90  
**Por: 19,90**

**Coral**



**Coral Exiarte Brillante 3.6L Branco 5207672**

De: 184,90  
**Por: 147,90**

**AMPLA ESTACIONAMENTO:**  
200 VAGAS / R. ÁTICA, 47 - BROADKIN SÃO PAULO/SP

Ofertas válidas de 31/05/2026 a 08/06/2026 ou enquanto durarem as estoques. Preço FOB. Imagens meramente ilustrativas. Não incluem frete e outros encargos, taxas, impostos e multas. A loja reserva-se o direito de cancelar estas ofertas. Condição de pagamento em dinheiro à vista. Preço, frete, entrega - fixos.

**HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:**  
De segunda a sexta-feira, das 09:30h às 21:00h; Sábados, das 10h às 21h; Domingos e feriados, das 09h às 20h.




VENTE NOSSO SITE:  
(11) 5033-2020 [www.NICOM.com.br](http://www.NICOM.com.br)

cotidiano

# Festas Juninas do Nordeste terão shows e jogos

Cidades de Caruaru (PE) e Campina Grande (PB) concentram programações que atravessam o mês de junho

Josué Seixas

**RECIFE** O calendário das principais festas juninas do Nordeste começa nesta semana com programações que reúnem artistas do sertanejo, forró, pagode e música pop em cidades como Caruaru, Campina Grande, Maracanaú, Recife, Maceió e Natal. Em alguns locais, a programação inclui a exibição dos jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo.

Em Caruaru, no agreste de Pernambuco, a programação principal no Pátio de Eventos Luiz Gonzaga começa nesta sexta (29) e segue até 27 de junho. A festa na zona rural teve início em abril e, neste ano, terá 27 polos espalhados entre áreas urbanas e rurais.

Entre as atrações anunciadas

estão Wesley Safadão, Gustavo Lima, Luan Santana, Roberto Carlos, Thiaguinho, João Gomes, Belo, Bell Marques, Alok, Fagner, Sorriso Maroto e Xand Avião. Os jogos da seleção também serão transmitidos nas festas.

Em Campina Grande, na Paraíba, o São João será realizado entre 3 de junho e 5 de julho, com 33 dias de programação no Parque do Povo. A abertura terá apresentação do projeto Dominguiño, formado por João Gomes, Mestrinho e Jota Pê, além de Solange Almeida e Limão com Mel.

A programação reúne nomes como Roberto Carlos, Marisa Monte, Wesley Safadão, Henrique & Juliano, Simone Mendes, Matuê, Xand Avião, Nattan, Sorriso Maroto, Elba Ramalho e Pa-

**4 milhões** de pessoas é a estimativa de público nos 27 polos da festa de São João espalhados por Caruaru, no agreste pernambucano

blo. Roberto Carlos sobe ao palco em 14 de junho, enquanto Marisa Monte se apresenta no dia 12.

No Ceará, o São João de Maracanaú começa nesta sexta e terá programação distribuída entre maio e junho, no Parque de Eventos Narciso Pessoa de Araújo. Entre os artistas confirmados estão Wesley Safadão, Bell Marques, Xand Avião, Bruno & Marrone, Gustavo Lima, Alok, Simone Mendes, Taty Girl, Mari Fernandez e Raça Negra.

O evento ocorrerá em fins de semana selecionados até 27 de junho, sempre a partir das 18h.

No Recife, o São João será realizado entre 10 e 29 de junho, com mais de 1.200 apresentações distribuídas em 14 locais espalhados pela cidade. Entre as atrações es-

tao Elba Ramalho, Geraldo Azevedo, Jorge de Altinho, Lia de Itamaracá, Cristina Amaral, Quinteto Violado e Caju e Castanha.

Em Maceió, o São João Massayó será entre 22 e 29 de junho, com programação no Polo Jaraquá e encerramento no Benedito Bentes. Entre os artistas anunciados estão Gustavo Lima, Simone Mendes, Léo Santana, Sorriso Maroto, Ana Castela, Bell Marques, Luan Santana e Xand Avião.

Natal também terá programação na Arena das Dunas e no ginásio Nêlio Dias, entre os dias 5 e 28 de junho. Entre as atrações estão Xand Avião, Pablo, Simone Mendes e Bruno & Marrone. A prefeitura informou que haverá ônibus gratuitos e transmissão dos jogos da seleção nos dias 13 e 19.

## classificados

ligue 11 3224-4000 whatsapp 11 9 9646-9069

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse [folha.com/classificados](http://folha.com/classificados) Formas de pagamento **cartão de crédito, boleto bancário ou pagamento à vista** [classifiedos@grupofolha.com.br](mailto:classifiedos@grupofolha.com.br)

**SENAR-SP**  
ADMITE:  
**ANALISTA CONTÁBIL**

Graduação em Ciências Contábeis – CRC Ativo. Executar atividades contábeis da instituição, assegurando a correta escrituração, registro e análise das informações financeiras. Carga horária: 40h semanais. CNH B – Disponibilidade para viagens 100% Presencial – São Paulo – SP VT/VR/Convênio médico/Seguro de vida Enviar currículo para: [recrutamento@faespensar.com.br](mailto:recrutamento@faespensar.com.br). Assunto: Analista Contábil

Empresa de ônibus, localizada na Zona Sul de SP, contrata:  
**Pessoas Portadoras de Deficiência e Reabilitados pelo INSS**  
VAGAS PARA ÁREAS:  
**Administrativa Operacional Manutenção**

Desejável experiência e disponibilidade de horário.  
Enviar CV para: [vagas@wolffsp.com](mailto:vagas@wolffsp.com)

**COZINHEIRO (a) / AUX DE COZINHA / CHEFE DE COZINHA/ TECNICO EM NUTRIÇÃO** com experiência, para **ZONA LESTE DE SP / DIADEMA / SÃO BERNARDO DO CAMPO**. Interessados entrar em contato com Lais do RH – no horário das 08:00h às 16:00h, de segunda à sexta-feira, no telefone: (11)2672-9500 ou via Whatsapp (11) 91088-9790.

**EMPREGOS** **NEGÓCIOS**

**SENAR-SP**  
ADMITE:  
**ANALISTA DE ATeG**

Graduação em Agronegócio. Planejar, analisar e avaliar os processos e executar os projetos do departamento. Banco de dados, sistematização de informações, lançamentos e monitoramento do programa. Carga horária: 40h semanais. CNH B – Disponibilidade para viagens 100% Presencial – São Paulo – SP VT/VR/Convênio médico/Seguro de vida Enviar currículo para: [recrutamento@faespensar.com.br](mailto:recrutamento@faespensar.com.br). Assunto: Analista de ATeG

**SENAR-SP**  
ADMITE:  
**ASSISTENTE TÉCNICO EM ELETRÔNICA E AUTOMAÇÃO**

Curso Técnico em Eletroeletrônica/Automação. Montagem, testes, manutenção e suporte técnico de dispositivos eletrônicos analógicos e digitais, assegurando a confiabilidade e qualidade dos testes realizados e o adequado funcionamento dos sistemas eletrônicos e de automação. Carga horária: 40h semanais. CNH B – Disponibilidade para viagens 100% Presencial – São Paulo – SP VT/VR/Convênio médico/Seguro de vida Enviar currículo para: [recrutamento@faespensar.com.br](mailto:recrutamento@faespensar.com.br). Assunto: Assistente Técnico em Eletrônica e Automação

**IMPACTO**  
**Pessoas com Deficiência**  
Contrata-se para as áreas operacionais e administrativas.  
Para as regiões Sul, Oeste, Centro e Leste.  
Enviar currículo para o e-mail: [vagas@grupoimpacto.com.br](mailto:vagas@grupoimpacto.com.br)

**EMPREGADOS PROCURADOS**

**LEILÕES**  
LEILÃO DE ARTES  
PEÇAS SELECIONADAS DE COLEÇÕES PARTICULARES. DIA 02 DE JUNHO / 2026, AS 20H. CATALOGO ELANCES ON-LINE  
[www.larremata.com/leilao-arena-leiloes/025](http://www.larremata.com/leilao-arena-leiloes/025). INFORMAÇÕES: (11) 98193-7201 (com Juliana) CIDADE JARDIM – SÃO PAULO / SP. LUIZ ARENA LEILÃO OFICIAL JUCESP 265

**Almaviva EXPERIENCE**

**VAGAS EXCLUSIVAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E REABILITADAS PELO INSS**

Esta é a chance de fazer sua carreira em uma Multinacional Italiana!

**REPRESENTANTE DE ATENDIMENTO**

Necessário ter no mínimo 18 anos, ensino médio completo e conhecimentos básicos de informática, são vagas para Grande SP.

Benefícios: assistência médica e odontológica, vale-transporte, vale-alimentação, auxílio creche e seguro de vida.

Realize seu processo seletivo no link: <https://www.formacaomercadologica.com.br>

**JUNTE-SE A NÓS!**

**IMPACTO**  
**jovem APRENDIZ**  
Atuação em áreas diversas da empresa, visando o desenvolvimento e qualificação profissional em seu primeiro contato com o mercado de trabalho.  
Enviar currículo para o e-mail: [vagas@grupoimpacto.com.br](mailto:vagas@grupoimpacto.com.br)

**IMÓVEIS**

**LEILÃO DE VINHO**  
Dia 01 de junho às 20h. Oscar Freire 252, casa 7, somente on-line contato@dadaleiloes.com.br Leilão: José Roberto Bortolotto Junior. Tel 11-3731-9012

**AUXILIAR DE LIMPEZA**

LOCAL DE TRABALHO: Todas as regiões de São Paulo. Oferecemos: Vale transporte, vale alimentação e vale refeição.

Enviar currículo para o e-mail: [vagas@grupoimpacto.com.br](mailto:vagas@grupoimpacto.com.br)

**ACOMPANHANTES**

ANA FURACÃO  
Av. Jabaquara, 2604 metrô S. Judas A/C e P/R exp. cab. Fone: (11) 2362-8122.

PARA ANUNCIAR NOS CLASSIFICADOS FOLHA  
LIGUE AGORA  
11/3224-4000

**CORPUS**  
Saneamento e Obras Ltda.

**VAGAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD)**

BUSCAMOS PROFISSIONAIS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS PARA ATUAR EM DIVERSAS ÁREAS

Os interessados deverão enviar currículo e laudo médico, que descreva o tipo de deficiência apresentada e limitada decorrente para o e-mail abaixo.  
[curriculosp@corpust.com.br](mailto:curriculosp@corpust.com.br)

**MOEMA**

Vendo apto 58m², 4º and, Moema pássaros, mobiliado, 2 dorm, 2 banh, varanda, 1 vaga. Condomínio torre única, c/ piscina, salão festas, academia. ún. propriet. R\$800 mil.  
Marcar visita c/ propriet. via zap 11 - 99370-7691.

**ASSINE A FOLHA**  
[folha.com/assine](http://folha.com/assine)

Formas de pagamento **cartão de crédito, boleto bancário ou pagamento à vista**

Os anúncios com este símbolo têm fotos, para vê-las digite o código que acompanha o sinal no site [folha.com/classificados](http://folha.com/classificados)

[classifiedos@grupofolha.com.br](mailto:classifiedos@grupofolha.com.br)



Ararinhas-azuis em criadouro em Curaçá (BA), de onde foram transferidas pelo ICMBio para um centro em Petrolina (PE) para serem protegidas de vírus *Fabio Victor/Folhapress*

# Resgate na BA não dissipa dúvidas sobre o futuro de ararinhas-azuis

Ação retira 69 aves de criadouro para evitar vírus; empresa anuncia fim de programa de reintrodução e indica que não cuidará das 34 contaminadas que ficaram no local

Fabio Victor

**CURACÁ (BA) E PETROLINA (PE)** Nos últimos anos, o Brasil se acostumou a ver cenas da Polícia Federal chegando de madrugada a residências de suspeitos de malfeitos para surpreendê-los. Uma operação feita na última quarta (27) no sertão baiano repetiu esse script, mas, numa situação rara, os alvos do mandado de busca e apreensão eram 69 inocentes ararinhas-azuis (e duas araras maracanãs).

Ainda mais singular que o perfil da operação é a espécie que a motivou: a ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*), endêmica da caatinga brasileira, foi considerada extinta da natureza em 2000 e é uma das aves mais raras e cobiçadas do mundo.

Para isolá-las de um surto de circovírus, uma iniciativa conjunta entre o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade) e a PF as retirou de um criadouro particular em Curaçá e as transferiu para um centro de quarentena na Univasf (Universidade Federal do Vale do São Francisco), em Petrolina (PE).

Comandada pela bióloga Cláudia Sacramento, chefe da Coordenação de Emergências Climáticas e Epizootias do ICMBio, a operação durou 16 horas e contou com 40 pessoas, sendo 31 envolvidas diretamente na transferência (veterinárias e veterinários, entre os quais três peritos criminais da Polícia Federal especializados na área, biólogas, tratadores etc) e mais nove integrantes da PF.

Participaram também o Inema (Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, do governo da Bahia) e o Cemafauna (Centro de Conservação e Manejo da Fauna da Caatinga), da Univasf. A chefe de operações foi a bióloga Julia Barbosa, analista ambiental do ICMBio.

A reportagem da *Folha* acompanhou tudo. O grupo saiu de Petrolina num comboio de nove veículos às 2h50 da madrugada, chegando pouco antes das 6h ao Criadouro Ararinha-azul, na zona rural de Curaçá, quando o dia começava a raiar. Um veículo com o delegado Ulisses Ultchak, da PF em Juazeiro (BA), e cinco agentes, foi o primeiro a entrar no local.

Havia uma atmosfera de tensão, pois a empresa ignorou orientações do ICMBio desde a descoberta do surto e mantém uma relação tensa com as autoridades. O segurança não mostrou resistência.

Tyson James Chapman, funcionário responsável pelo criadouro, já estava acordado e se preparava para alimentar as aves. Ele foi uma das testemunhas a assinar o mandado de busca autorizado pela Justiça Federal em Juazeiro em resposta à solicitação do delegado Fabio Muniz, da PF em Salvador. Chapman não quis dar entrevista.

Para retirar as aves dos recintos —divididos na sede principal e na vizinha Fazenda Concórdia—, as equipes vestiram EPIs (equipamentos de proteção individual). Com ajuda de um puçá, veterinários e tratadores capturavam as ararinhas e seguiam um protocolo antes de colocá-las nas caixas de transporte.

Ao menos quatro aves contaminadas com o circovírus (segundo teste feito em dezembro) estavam no mesmo recinto de outras que testaram negativo, o que causou revolta na equipe. Causador da doença do bico e das penas dos psitacídeos, o patógeno é extremamente contagioso entre essa família que inclui araras, papagaios e periquitos. O circovírus não tem cura e pode matar as aves.

Em nota, o Criadouro Ararinha-azul disse cumprir os protocolos de biossegurança e que, em 31 de março, enviou às autoridades cópia de teste negativo das 103 aves do plantel. A informação é contes-



Veterinários examinam ararinha-azul retirada de criadouro em Curaçá (BA) *ICMBio/Divulgação*

tada pelo ICMBio, pois não há como aves comprovadamente contaminadas se livrarem do vírus.

A transferência ocorreu quase seis meses depois de a PF deflagrar uma operação para investigar um surto de circovírus no local. Batizada de Blue Hope (esperança azul), teve agora sua segunda fase.

O trajeto de volta para Petrolina foi percorrido em três horas.

Assim como na partida 16 horas antes, era escuro quando a equipe envolvida na operação se reuniu diante do quarentenário da Univasf para uma foto. Alguém puxou uma salva de palmas.

Centro de tudo aquilo, as ararinhas descansavam na residência provisória, onde não se sabe por quanto tempo ficarão nem para onde vão. O êxito no resgate não dissipou questões importantes.

Um inquérito da PF investiga como as aves contraíram o circovírus, se foram vítimas de maus-tratos e se houve obstrução da investigação por parte da empresa.

O Criadouro Ararinha-azul enviou comunicado ao Inema sobre "a iminência do encerramento" das suas atividades. "As recentes ações de fiscalização", prossegue o texto, "conduzidas sem interlocução institucional apropriada e sem a necessária coordenação prévia, produziram severos impactos sobre a continuidade do programa".

A empresa deu a entender que não pretende mais cuidar das 34 ararinhas comprovadamente contaminadas pelo circovírus que restaram em suas instalações, pois solicitou ao Inema a adoção das "providências necessárias para a destinação" das aves e a indicação de uma equipe para acompanhar o encerramento definitivo do programa de reprodução e reintrodução das ararinhas na natureza.

O ICMBio disse que, embora a contaminação tenha sido de responsabilidade do criadouro, já está mapeando parceiros que possam assumi-las e garantir a contenção do vírus. Sobre as recém-transferidas, o instituto estuda uma estratégia para evitar novo surto que comprometa o plantel saudável, para então retomar o programa de reintrodução da espécie na natureza.

O repórter viajou a convite do ICMBio



Agentes da PF e da Receita exibem ampolas de tirzepatida apreendidas com mulher na fronteira

## Preço e fiscalização falha alavancam entrada ilegal de canetas paraguaias no país

Mounjaro de 15 mg custa R\$ 3.499 no Brasil, e medicamento à base de tirzepatida vendido no país vizinho sai por R\$ 430

Marcelo Toledo e Danilo Verpa

**CIUDAD DEL ESTE (PARAGUAI) E FOZ DO IGUAÇU (PR)** O banner dentro da farmácia em Ciudad del Este, no lado paraguaio da fronteira com o Brasil, já deixa claro como funciona o comércio. Basta comprar uma caneta emagrecedora e marcar o estabelecimento nas redes sociais para ganhar um brinde. Em outro lugar, na compra de três unidades de 15 mg do mesmo medicamento, o cliente ganha uma unidade do remédio em sua versão de entrada, de 2,5 mg.

Com cerca de 300 mil habitantes, Ciudad del Este é o segundo município mais populoso do Paraguai, atrás apenas da capital, Assunção, e funciona como um grande centro de distribuição de produtos para atender principalmente o mercado brasileiro. Foi o que a reportagem constatou nas farmácias paraguaias em que esteve. Em todas, o movimento em busca de emagrecedores era de compradores brasileiros. O Paraguai tem cerca de 7 milhões de habitantes, pouco mais de 3% da população do Brasil.

Proibidas de serem comercializadas no Brasil, canetas emagrecedoras à base de tirzepatida — princípio ativo do Mounjaro — vendidas no Paraguai se espalharam pelo país. Os motivos são os preços baixos, a facilidade de compra no país vizinho e a fiscalização deficiente na principal porta de entrada de produtos contrabandeados.

Entidades médicas apontam riscos à saúde com o uso de medicamentos que não têm aval da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Até mesmo a ainda experimental retratrida tem sido alvo de apreensões, assim como



Painel próximo à aduana, em Foz, alerta sobre proibição de medicamentos paraguaios no Brasil

Fotos Danilo Verpa/Folhapress

peptídeos, e acenderam um sinal vermelho nos órgãos de repressão, que admitem não conseguir fiscalizar a maior parte dos pedestres e veículos que entram no país.

Há duas apresentações do medicamento no Paraguai: em canetas e também em ampolas, que ocupam menos espaço e por isso têm a preferência de pequenos e grandes contrabandistas para ingresso no Brasil.

“Não tem [só] aquilo que as pessoas entendem, as canetas emagrecedoras. Aqui faz tempo que isso mudou, são ampolas. É uma caixinha muito pequena com quatro ampolas”, disse Cláudio Roberto Caetano Marques, auditor fiscal da Receita Federal em Foz do Iguaçu.

As apreensões em Foz do Iguaçu dão uma dimensão do problema: enquanto no ano passado foram apreendidas 7.479 unidades entre maio — quando iniciou o veto ao

“ Não tem [só] aquilo que as pessoas entendem, as canetas emagrecedoras. Aqui [na fronteira] faz tempo que isso mudou, são ampolas

Cláudio Roberto Caetano Marques auditor fiscal da Receita em Foz do Iguaçu (PR)

ingresso no país — e dezembro, neste ano já foram 71.860 unidades apreendidas, 860,8% mais, segundo a Receita Federal. De acordo com Marques, o efetivo de fiscalização é insuficiente para cobrir toda a extensão da fronteira.

As canetas emagrecedoras são medicamentos agonistas de GLP-1, hormônio produzido naturalmente pelo corpo humano que atua no controle dos níveis de glicose no sangue e nos mecanismos de saciedade.

Medicamentos de pelo menos seis marcas paraguaias de tirzepatida com registro na Dinavisa (Direção Nacional de Vigilância Sanitária), a agência reguladora do país vizinho, são ofertados de forma ostensiva nas farmácias de Ciudad del Este visitadas pela Folha, com preços muito inferiores aos praticados no Brasil e com forte incentivo à compra da dosagem máxima, de 15 mg. A maioria é vendida em ampolas, e alguns estabelecimentos ensinam em cartazes como fracionar corretamente a medicação.

Adquirido no Brasil, o Mounjaro na dosagem de 15 mg custa R\$ 3.499 no e-commerce, com desconto da farmacêutica; já os preços das versões paraguaias de tirzepatida variam de R\$ 430 a R\$ 438 na mesma dosagem.

Ao contrário do que ocorre no Brasil, que exige a retenção da receita médica, no Paraguai a venda é livre e há promoções que dão emagrecedores como brinde.

Em um dos comércios, o preço em dólar é de US\$ 86 (cerca de R\$ 430), mas se o cliente comprar três unidades o valor unitário cai para US\$ 84 (R\$ 420). Há relatos também de venda do remédio com versão em pó, para diluição.

Em todos os estabelecimentos os funcionários alertam os interessados de que a entrada dos medicamentos no Brasil é ilegal e chegam a dar dicas de onde os produtos podem ser escondido no corpo — bolsos de calças ou casacos, dentro de peças íntimas e nos calçados, por exemplo.

“Há vários problemas, como o fato de não terem liberação da Anvisa. Há um desconhecimento do que se tem ali. O segundo problema é que entra no rol dos produtos muito lucrativos [para o contrabando], e também tem a questão sanitária, já que as canetas precisam de refrigeração e são transportadas em pneus, fundos falsos ou até mesmo no corpo, que tem temperatura muito acima do indicado para esse tipo de medicamento”, disse Luciano Stremel Barros, presidente do Idesf (Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social de Fronteiras), sediado em Foz.

A retratrida, que pode se tornar o principal foco do contrabando nos próximos meses, não é encontrada livremente nas farmácias paraguaias, mas aparece cada vez mais nas apreensões na Ponte da Amizade e na BR-277, que liga Foz a Curitiba.

Por meio de quatro resoluções, a Anvisa proíbe a venda, distribuição, fabricação, importação e o uso de tirzepatidas não registradas no Brasil, bem como de retratrida, além de determinar a apreensão dos produtos.

Fabricante do Mounjaro, a Eli Lilly afirmou que produtos que dizem

conter tirzepatida e que não são fabricados por ela não são Mounjaro, tampouco equivalentes a ele, e também não podem ser considerados medicamentos genéricos.

“Pela legislação brasileira, os genéricos devem demonstrar bioequivalência ao produto de referência e obter aprovação formal da Anvisa — nenhum dos dois requisitos foi atendido por qualquer tirzepatida do Paraguai — e classificá-los como ‘genéricos’ é enganoso e perigoso”, afirmou a farmacêutica.

A Lilly disse ainda que esses produtos não foram avaliados nem aprovados pela Anvisa e não passaram pelos estudos clínicos e controles exigidos pela legislação brasileira para a comprovação de eficácia e segurança.

“Sua comercialização no Brasil é ilegal e seu uso pode representar um sério risco à saúde dos pacientes.”

### Invasão de canetas emagrecedoras do Paraguai

As canetas oriundas do Paraguai têm entrada proibida no Brasil pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária)



### Táticas do contrabando para a entrada das canetas no Brasil

- Uso de ampolas no lugar das canetas, para ocupar menos espaço no transporte

- Venda do medicamento em pó, para diluição posterior

### Apreensões em Foz do Iguaçu (PR)



\* A partir de maio  
Fonte: Receita Federal em Foz do Iguaçu (PR)

# Astrologia é pseudociência e não deveria estar no dia a dia das pessoas, diz novo livro

Carlos Orsi, 55, reúne em obra o que a ciência diz sobre o tema; chance de acertos equivale ao resultado obtido com chutes

Ramana Rech

SÃO PAULO (SP) A astrologia deveria estar em museus e livros de história, não no dia a dia das pessoas. A avaliação é de Carlos Orsi, 55, autor do livro "What Science Says About Astrology" (o que a ciência diz sobre astrologia), lançado neste mês em inglês nos EUA.

Em experimentos, o número de vezes em que a astrologia se mostrou certa foi equivalente ao que seria observado se uma pessoa chutasse todas as respostas, segundo a obra — ainda sem previsão de lançamento em português.

"As pessoas começam a tomar decisões que têm consequências importantes, graves, baseadas em informações que, no fim, são falsas", diz o jornalista, diretor de comunicação do Instituto Questão de Ciência (IQC).

No último século, a estatística moderna e os computadores permitiram a ampliação dos experimentos com astrologia.

Um dos testes mais robustos foi conduzido em 2007 pelo David Voas, hoje professor de ciências sociais da University College London. Ele avaliou se alguns signos teriam maior compatibilidade amorosa.

O pesquisador examinou dados de 20 milhões de pessoas, obtidas no censo de 2001 da Inglaterra e do País de Gales. Como não havia consenso na literatura astrológica sobre quais signos eram compatíveis, o pesquisador optou por identificar se algum par de signos se casa com maior ou menor frequência do que aconteceria pelo acaso.

O resultado inicial demonstrou que havia 22 mil casais extras em relação ao que seria se os casais fossem sorteados ao acaso que compartilhavam do mesmo signo.

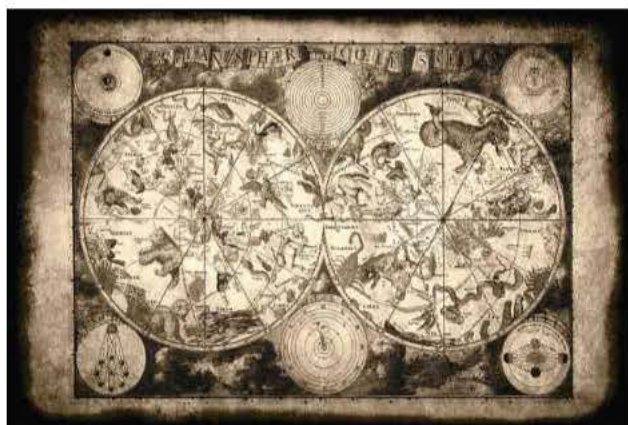
Chamou a atenção do cientista, porém, que o número de casais com a mesma data de aniversário também era maior do que o esperado. Ele descobriu que a forma como os dados eram coletados foi a origem do efeito.

O censo havia sido respondido por um dos membros da família, que, por esquecimento ou descuido, pode ter preenchido errado a data de aniversário do cônjuge.

Ao descontarem esse efeito, os pesquisadores não conseguiram observar qualquer tendência entre compatibilidade de signos.

"A astrologia, porque ela tem essa coisa gráfica dos mapas astrais, dos ângulos e fala em estrelas e planetas e forças, tem uma retórica que pode se aproximar da científica", diz Orsi.

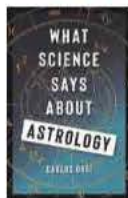
O autor reconhece que a astrologia tem uma importância histórica. Ela surgiu na Mesopotâmia e era adotada para prever ques-



Mapa astrológico antigo; o mais antigo horóscopo pessoal do qual se tem conhecimento data de 410 a.C. na Babilônia Starblue/Adobe Stock

## WHAT SCIENCE SAYS ABOUT ASTROLOGY

CARLOS ORSI



EDITORA

Columbia University Press

PREÇO

US\$ 26, brochura;  
US\$ 110, capa dura;  
US\$ 25,99, e-book  
(232 págs.)

tões de Estado, como guerras e pragas. Mais tarde, passou a ser usada também para questões biográficas individuais. O mais antigo horóscopo pessoal do qual se tem conhecimento data de 410 a.C. na Babilônia.

A astrologia teria sido uma das primeiras tentativas da civilização de fazer ciência. Os astrólogos ficavam a observar e registrar o que se passava no céu. Depois, tentavam interpretar os dados e aplicá-los ao dia a dia das pessoas. "Isso são coisas que a ciência faz", diz Orsi. "O problema é que ela [astrologia] era um projeto errado."

### Quais são os prejuízos?

No livro, Orsi afirma que a astrologia está ligada a uma forma de pensar que minimiza o papel da lógica, da evidência e do pensamento crítico, deixando pessoas vulneráveis à manipulação e à exploração.

Além de motivar decisões importantes com base em afirmações falsas, a astrologia tem propiciado o surgimento de formas de discriminação.

Em um estudo publicado em 2020, 800 voluntários na China

receberam cópias de um currículo para avaliar se contratariam ou não a pessoa descrita.

Alguns explicitavam o signo do candidato — o que não era incluído no país durante a aplicação do teste —, enquanto outros mencionavam apenas a data de aniversário. Com exceção desses pontos, as demais informações eram iguais em todos os currículos.

Os que explicitavam que o candidato era de virgem, signo mal visto na China, receberam uma intenção de contratação significativamente menor do que os demais.

Para Orsi, na astrologia, os acertos tendem a ser supervalorizados e os erros, descontados. Ele lembra que, a partir de certo número de previsões, o astrólogo tende a acertar algumas por questões de chance, não em razão da influência dos corpos celestes.

Mas, segundo o autor, as pessoas estão suscetíveis ao viés de confirmação, uma tendência humana de testar proposições buscando evidências que as confirmem.

Para verificar esse efeito na astrologia, o pesquisador britânico Geoffrey Dean, também citado no livro, distribuiu mapas astrais com interpretações contrárias ao que diziam as versões originais.

Por exemplo, se o mapa astral com os dados corretos dissesse que a pessoa era irritadiça, ela receberia uma versão que a descrevia como calma. As leituras invertidas foram aceitas 97% das vezes.

Na visão de Orsi, ainda como na Mesopotâmia, a astrologia resulta em uma sensação de controle sobre o futuro e supre a intolerância e a incertezas dos humanos.

Segundo o autor, hoje as pessoas utilizam a astrologia também como forma de autoconhecimento e de se conectar com o Universo sem se comprometer com alguma religião. Mas no longo prazo, diz Orsi, a tendência da astrologia é trazer mais problemas do que eventuais resoluções.

## Os elefantes e os besouros-rola-bosta

Quando grandes mamíferos não estão presentes, diversidade de besouros cai

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Entrar no site de um dos principais periódicos científicos do mundo e dar de cara com um besourinho encarapitado em cima de uma bola de cocô de proporções colossais (da perspectiva do inseto) definitivamente não estava na minha cartela de bingo, como dizem os jovens de hoje. Por mais engraçada que a imagem pareça, porém, há algo um bocadinho sério por trás dela — mais uma prova de como cada pedacinho da biosfera depende de efeitos dominos que nem sempre enxergamos ou imaginamos.

O bichinho da foto no site da revista Science é uma das quase 200 espécies de besouro-rola-bosta da savana da África Oriental. O nome dos bichos, claro, não podia ser mais autoexplicativo: sua vida é produzir bolotas com as fezes dos animais da savana, sustentando a si mesmos e a seus filhotes com esse abundantíssimo recurso alimentar.

Mesmo que você seja daquelas pessoas com estômago mais delicado, peço que não pare de ler ainda. É um trabalho sujo o do besouro-rola-bosta, mas alguém tem de fazê-lo. A capacidade que eles

têm de processar quantidades tremendas de cocô agiliza a reciclagem de nutrientes do ecossistema, dispersa sementes (fazendo, portanto, novas plantas germinarem) e, por incrível que pareça, até diminui a quantidade de picadas de moscas que transmitem doenças para seres humanos e o gado. (A equação é simples: menos esterco = menos moscas).

Ocorre que os besouros africanos são mais exigentes em seu cardápio do que se imagina, conforme mostrou um estudo publicado nesta semana. Os maiores entre os grandes mamíferos da savana, os elefantes (*Loxodonta africana*), são os principais produtores das fezes mais cobiçadas pelos insetos sofre

os rola-bosta, e, sem elas, a comunidade de espécies dos insetos sofre um abalo e tanto.

Os dados, apresentados por Finote Gijssman e seus colegas da Universidade de Princeton (EUA) em artigo na Science, começam com um experimento do tipo "bufê de cocô". Eles disponibilizaram fezes fresquinhas de nove espécies de mamíferos e verificaram que havia uma preferência clara por cocô de paquiderme — dois terços das espécies de insetos se dirigiram ao "prato" oferecido pelos elefantes.

O passo seguinte foi usar cercas capazes de excluir a presença dos gigantes em áreas padronizadas de savana. O resultado não foi nada simpático para os rola-bosta. Nos cercados, o número de indivíduos desse tipo de inseto caiu quase 70%, e o de espécies presentes ali diminuiu em 23%. Modelos dos pesquisadores indicam que o desaparecimento dos elefantes corria o risco de produzir extinções de besouros.

E não é só isso. O último dominó a cair, depois da diminuição de elefantes e de besouros, é o próprio processo da remoção de outros tipos de fezes e o transporte de sementes (as que foram expelidas nas fezes dos animais que comerem frutos) pela savana.

Tudo isso fica menos eficiente sem a interação elefante/rola-bosta, possivelmente porque, mesmo quando os besouros conseguem sobreviver sem o supercocô dos paquidermes, eles já não conseguem obter a mesma quantidade de energia. Portanto, crescem menos e se tornam rola-bostas de fezes menos eficientes. A mensagem é clara: é dessas conexões entre o gigante e o pequeno que a biosfera depende para continuar funcionando.



Capitão do PSG, zagueiro brasileiro Marquinhos levanta a taça e comanda a festa do time francês após título da Champions Franck Fife / AFP

# PSG bate o Arsenal, conquista o bi na Champions e consolida lugar na elite

Clube francês busca empate no tempo normal e vence na disputa por pênaltis

Luciano Trindade

SÃO PAULO Paris Saint-Germain passou mais de uma década gastando cifras bilionárias, colecionando estrelas e acumulando frustrações até conquistar sua primeira Champions League na última temporada. Um ano depois, já não precisa provar que pertence à elite do futebol europeu.

Neste sábado (30), o time francês alcançou o bicampeonato do maior torneio de clubes da Europa e ainda impediu o Arsenal de entrar para o seleto grupo de campeões.

A conquista consolida o PSG como uma potência europeia, algo que parecia improvável mesmo nos tempos em que Neymar, Messi e Mbappé simbolizavam um projeto tão ambicioso quanto incompleto.

O PSG tornou-se apenas o segundo clube neste século a conquistar a Champions em duas temporadas consecutivas. Até então, somente o Real Madrid havia alcançado esse feito, com os títulos de 2015/16 e 2016/17. A equipe espanhola ainda ampliaria a sequência ao levantar a taça também em 2017/18, completando um tricampeonato inédito na era moderna da competição.

Foi o segundo vice da equipe londrina na competição, e com um gosto amargo para o Brasil. O duelo teve um empate por 1 a 1 no tempo normal, permaneceu

sem gols na prorrogação e foi definido nos pênaltis. O PSG venceu por 4 a 3 e selou sua vitória com a cobrança desperdiçada pelo zagueiro Gabriel Magalhães.

Até então, o defensor, titular da seleção brasileira para a Copa do Mundo, fazia uma excelente partida. Com desarmes e cortes precisos, foi determinante para segurar o mais efetivo ataque desta edição da Champions.

Melhor defesa desta edição da Champions, a zaga do Arsenal só foi vazada em cobrança de pênalti. Na segunda etapa, Dembélé deixou o placar empatado, aos 19 minutos. Na etapa inicial, Havertz havia feito o primeiro gol do jogo logo aos cinco minutos.

Evitar sofrer gol era a maior aposta do Arsenal para encerrar a última grande lacuna de sua história, já que é o único dos clubes grandes da Inglaterra que nunca conquistou a Champions.

O time londrino abriu o marcador em um lance que misturou azar do brasileiro Marquinhos e oportunidade de Kai Havertz. O alemão aproveitou uma tentativa de corte malsucedida do zagueiro, ficou livre diante de Safonov e finalizou forte para balançar a rede.

A partir dali, a equipe inglesa passou a atuar de forma mais reativa, enquanto o PSG assumiu o controle da posse de bola e empurrou o adversário para seu campo defensivo.

Dono do melhor ataque da

## Marquinhos consola Magalhães e celebra conquista

As três últimas cobranças de pênalti da decisão da Champions foram batidas por brasileiros. Primeiro, Gabriel Martinelli converteu para o Arsenal. Depois, coube ao zagueiro Beraldo colocar o PSG na frente. O pênalti derradeiro ficou com Gabriel Magalhães, que chutou por cima do gol. As primeiras palavras de consolo pelo erro vieram de Marquinhos, mais um dos brasileiros que atuaram na final. Ele foi substituído durante a prorrogação e não esteve entre os bateadores. Antes de ir comemorar com os companheiros, foi até Magalhães para abraçá-lo. Os dois vão formar a dupla titular da seleção brasileira, como pilares do time formado por Ancelotti, na Copa do Mundo, que começa no próximo dia 11. O Brasil estreia contra o Marrocos.

competição, com 44 gols até a decisão, o time francês teve um primeiro tempo de pouco brilho ofensivo, mas conseguiu reagir depois do intervalo. Primeiro, chegou ao empate aos 19 minutos, quando Dembélé converteu uma cobrança de pênalti. Depois, na prorrogação, continuou a pressão, mas só conseguiu chegar ao triunfo nas penalidades.

A reação parisiense também encerrou algumas escritas recentes da competição. A decisão deste sábado foi a primeira final da Champions League desde 2018 a ter gols dos dois finalistas. Na ocasião, o Real Madrid derrotou o Liverpool por 3 a 1.

Para o Arsenal, restou mais uma vez a sensação de oportunidade perdida. Campeão inglês após 22 anos de espera, o clube londrino sonhava completar sua redenção com uma inédita conquista europeia. Entre os grandes da Inglaterra, continua sendo o único que ainda não venceu a Champions.

Essa sensação agora está se tornando comum para o PSG, que entrou para a galeria dos times com dois troféus da Champions.

Na história da competição, apenas sete clubes conquistaram a Champions em temporadas consecutivas. O recordista é o Real Madrid, que alcançou o feito duas vezes. Integram a lista Benfica, Inter de Milão, Bayern de Munique, Liverpool, Nottingham Forest e Milan.

## João Fonseca aconteceu. Que ele aconteça mais quatro vezes agora

### Análise

Luís Curro

SÃO PAULO "Aconteceu." Desse modo, em uma palavra, o narrador Renan do Couto, da ESPN, registrou a vitória épica de João Fonseca, 19, sobre Novak Djokovic, 39, em Roland Garros, um dos quatro Grand Slams do tênis, em uma partida emocionante, de cinco sets, que começou na tarde e acabou na noite parisiense.

Épica porque foi de virada, depois de desvantagem de 2 sets a 0, em jogo exaustivo de quase cinco horas de duração. Épica porque o adversário é considerado um dos melhores, se não o melhor, tenista da história.

O sérvio Djokovic tem 24 títulos de Grand Slams (3 em Roland Garros, 10 no Aberto da Austrália, 7 em Wimbledon, 4 no Aberto dos EUA). Ninguém ganhou tantos torneios de primeira linha, nem o espanhol Rafael Nadal (22), nem o suíço Roger Federer (20).

Escrevi nesta Folha, nesta sexta-feira (29), um texto sobre a Copa do Mundo de 1970 em que houve citação ao destemido João Saldanha, técnico que batia de frente com a ditadura e classificou o Brasil para o Mundial do México.

Nesta mesma sexta, digo que Fonseca é o novo João Sem Medo do nosso país. Em nenhum momento do duelo, diante de Djoko papa-títulos – mais de cem na carreira, o primeiro quando o carioca nem tinha nascido –, ele tremeu ou se abateu, mesmo em situação de reação impensável.

Cabeça sempre erguida, jogou ponto após ponto, game após game, confiando na sua juventude. Partida prolongada não era mau negócio. A cada game a mais, a cada set a mais, era nítido o desgaste físico do veterano Novak, 20 anos mais velho.

Não teve jeito. No mesmo saibro da quadra Philippe Chatrier em que consagrou-se quatro vezes (os três títulos mais o ouro olímpico em 2024), o gigante de 1,88 m caiu. (Leio que Fonseca tem a mesma altura e peso similar, 82 kg x 81 kg; curiosamente, pela TV, o sérvio parece mais alto e mais magro que o brasileiro.)

Lembrou-me muito a época de Gustavo Kuerten, nosso tricampeão de Roland Garros.

### ESPORTE AO VIVO

**Amistoso**  
15h45 Alemanha x Finlândia, ESPN e Disney+

**Brasileiro Série A**  
16h Vasco x Atlético MG, Prime Vídeo

16h Palmeiras x Chapecoense, Premiere

20h30 Cruzeiro x Fluminense - CazêTV, Record e Premiere

**Amistoso**  
18h30 Brasil x Panamá, Globo, Ge TV e Sportv

**Brasileiro Série A**  
20h30 Remo x São Paulo, Premiere



Acesse o QR Code e veja o principal da programação na TV e internet



Jogadores da seleção brasileira durante treino na Granja Comary, em Teresópolis (RJ) na quarta-feira (27) Rafael Ribeiro/Divulgação CBF

# Seleção dá adeus à torcida brasileira e começa a ganhar a cara da Copa

Carlo Ancelotti esboça equipe a ser utilizada no Mundial em amistoso contra o Panamá no Maracanã; ingressos estão esgotados

**TERESÓPOLIS** A caminho da Copa do Mundo, a seleção se despede da torcida brasileira na noite deste domingo (31). Em um amistoso com ares de festa, mas também de ajustes da formação a ser utilizada por Carlo Ancelotti na América do Norte, o time vai enfrentar o Panamá no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro —às 18h30, com transmissão de Globo, SporTV e ge tv.

Os ingressos estão esgotados desde o dia da abertura das vendas, 14 de maio, quando ainda não se sabia se Neymar seria convocado. Ele foi, mas, novamente lesionado, não estará em campo. O problema em sua panturrilha direita é mais sério do que vinha sendo divulgado, e até mesmo sua participação no Mundial está em risco.

O atacante de 34 anos vai sendo submetido a tratamento e trabalha para mostrar que terá condições de jogar nos Estados Unidos. E a equipe começa a ganhar forma, ainda que nem todos os 26 atletas chamados para o torneio estejam à disposição do comandante italiano neste momento.

A dupla de zaga titular só vai se juntar ao grupo em Nova Jersey. Marquinhos, do PSG, e Gabriel Magalhães, do Arsenal, foram liberados do início da preparação, em Teresópolis e no Rio, por causa da final da Liga dos Campeões da Europa, no sábado (30). O mesmo vale para Martinelli, do Arsenal, provável reserva do ataque de Ancelotti.

Bremer e Léo Pereira ficarão

com as vagas na defesa. E o restante do time já terá um desenho próximo daquele que deverá ser adotado na primeira rodada do Mundial. Luiz Henrique aparece ao lado de Matheus Cunha, Raphinha e Vinicius Junior no quarteto de ataque, bastante móvel, sem um centroavante fixo.

“A Copa do Mundo já começou”, afirmou o volante Casemiro. “O Maracanã é uma casa da seleção brasileira. Vai ser importante ter essa despedida, e o que nós queremos é fazer um grande jogo.”

O Panamá estará no Mundial graças a uma campanha sem derrota nas Eliminatórias. Liderou a chave que tinha Suriname, Guatemala e El Salvador, com três vitórias e três empates. Nos amistosos deste ano, empatou com a Bolívia, perdeu para o México e teve um empate e uma vitória diante da África do Sul.

Após o amistoso, a delegação brasileira passará a noite no Rio e embarcará na segunda-feira (1º) para Nova York. Os atletas ficarão hospedados na região de Nova Jersey e utilizarão o centro de treinamento do New York Red Bulls.

No último amistoso antes da Copa, no próximo sábado (6), a seleção enfrentará o Egito em Cleveland, já com todos os 26 convocados. A estreia no Mundial será contra o Marrocos, em 13 de junho, em East Rutherford. No Grupo C, a equipe ainda jogará contra Haiti (19 de junho, na Filadélfia) e Escócia (24 de junho, em Miami Gardens).

## BRASIL X PANAMÁ

### BRASIL

Alisson; Wesley, Bremer, Léo Pereira e Alex Sandro; Casemiro e Bruno Guimarães; Luiz Henrique, Matheus Cunha, Raphinha e Vinicius Junior

Técnico Carlo Ancelotti

### PANAMÁ

Mosquera; Córdoba, Ramos e Escobar; Murillo, Godoy, Carrasquilla, Martínez e Gutiérrez; Díaz e Waterman

Técnico Thomas Christiansen

Data 31 de maio de 2026 (domingo), às 18h30

Local Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro (RJ)

Transmissão Globo, SporTV e ge tv

Árbitro Daniel Schlager (ALE)



## CBF confirma Neymar com a camisa 10 na Copa; Matheus Cunha será o 9

A comissão técnica da seleção brasileira definiu neste sábado (30) a numeração do Brasil para a disputa da Copa do Mundo 2026 e confirmou que Neymar vai usar a histórica camisa 10 no torneio.

A numeração já será utilizada nos amistosos antes do Mundial, com o Panamá, neste domingo (31), e contra o Egito, no próximo sábado (6).

Camisa 10 do Brasil nas últimas três Copas do Mundo, Neymar contava com o apoio do elenco para voltar a usar o número na América do Norte.

Até então, Vinicius Junior era quem vestia a camisa eternizada por Pelé. O atacante do Real Madrid, porém, faz parte dos jogadores que desejavam ver Neymar novamente com a 10. Além disso, ele mantém forte ligação com a camisa 7, número que usa no clube espanhol.

## VEJA A NUMERAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA

- 1 Alisson
- 2 Wesley
- 3 Gabriel Magalhães
- 4 Marquinhos
- 5 Casemiro
- 6 Alex Sandro
- 7 Vinicius Jr.
- 8 Bruno Guimarães
- 9 Matheus Cunha
- 10 Neymar Jr.
- 11 Raphinha
- 12 Weverton
- 13 Danilo
- 14 Bremer
- 15 Léo Pereira
- 16 Douglas Santos
- 17 Fabinho
- 18 Danilo Santos
- 19 Endrick
- 20 Lucas Paquetá
- 21 Luiz Henrique
- 22 Gabriel Martinelli
- 23 Ederson
- 24 Ibañez
- 25 Igor Thiago
- 26 Rayan

# A incoerência de Ancelotti

Técnico da seleção trata Neymar como se ele estivesse em seu esplendor físico

## Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas do Mundo de 1966 (Inglaterra) e 1970 (México). É formado em medicina

Faltam onze dias para começar o Mundial. Apesar dos preços exorbitantes dos ingressos, das preocupações com os atentados por causa de tantas guerras, do rigor da polícia de imigração dos EUA e do altíssimo calor, com riscos de tempestades, efeitos climáticos e de paralização de partidas, os estádios estarão lotados e o mundo atento ao Mundial, torcendo por suas seleções e com esperanças de ver belas partidas.

A Copa do Mundo terá grandes avanços tecnológicos, o que é importante para a evolução do futebol. Porém, é preciso ter senso crítico. O número de chances claras de gols, desprezado nas transmissões das partidas por depender da visão no momento do lance e do conhecimento técnico, é muito mais importante do que o número de finalizações, tão valorizado, dentro ou fora do gol. Uma equipe pode criar várias chances de gols sem realizar uma única finalização, e também ao contrário.

Há também nas transmissões uma excessiva valorização de detalhes táticos. Muitos movimentos no campo são naturais e não dependem de planejamento e treinamento.

Hoje, na festa de despedida, no Maracanã, a seleção brasileira enfrenta o Panamá. Ancelotti deve escalar a equipe e organizar a estratégia de acordo com o que pretende utilizar na Copa do Mundo. Durante a partida, o técnico deverá fazer muitas substituições.

Neymar, segundo o relatório médico, vai ficar umas três semanas de repouso e ainda terá um período de recuperação física. Dificilmente, vai ter boas condições físicas para jogar na Copa na fase de grupos, o que contradiz as palavras ditas tempos atrás por Ancelotti, de que só iria para a Copa quem estivesse em ótimas condições físicas para atuar durante todo o tempo de todas as partidas.

É uma incoerência do treinador, embora Ancelotti possa fazer mudanças até a véspera da estreia. Ancelotti trata Neymar como se ele estivesse no esplendor técnico e físico de sua carreira.

O edema na panturrilha, relatado pelo departamento médico do Santos, não é uma doença. É um sinal físico por inúmeras causas. Uma delas é a lesão muscular.

Ancelotti já definiu duas formações táticas. Uma, usada contra a França e nos jogos anteriores, com Vinicius Junior pelo centro, dois pontas e mais o meia Matheus Cunha centralizado e próximo de Vini. Os dois pontas terão de atacar e defender. A outra formação, utilizada contra a Croácia, com Vini pela esquerda, um centroavante, um ponta direita e Matheus Cunha mais recuado e pela esquerda, na proteção do lateral. Com isso, Vini não precisa voltar para marcar pela esquerda, que melhora sua atuação.

Além de ter vários excelentes jogadores, a seleção poderá evoluir coletivamente na Copa e ficar mais intensa, compacta, capaz de, durante as partidas, utilizar vários tipos de marcação e de saber o tempo certo de alternar as transições rápidas da defesa para o ataque com a troca de passes e o domínio da bola.

A grande escritora Clarice Lispector era obcecada em saber o que vinha antes do pensamento. Isso acontece no futebol. Os grandes craques antevêm o lance e executam as jogadas antes de pensar. É um saber inconsciente, presente nas profundezas da alma.

# Grupo A terá apenas um confronto fora do México

Pela terceira vez na história das Copas, estádio Azteca recebe jogo inaugural; abertura será em 11 de junho

	México	Coreia do Sul	República Tcheca	África do Sul
<b>Participações</b>	18	11	10	4
<b>Em 2022</b>	32º lugar • Eliminado na 1ª fase	32º lugar • Oitavas de final (4x1 para o Brasil)	Não se classificou	Não se classificou
<b>Ranking da Fifa</b>	211º lugar 15º lugar	211º lugar 25º lugar	211º lugar 41º lugar	211º lugar 60º lugar
<b>Melhor colocação</b>	6º lugar • México-1970 e México-1986	4º lugar • Japão/Coreia do Sul-2002	20º lugar • Alemanha-2006	17º lugar • Japão/Coreia do Sul-2002
<b>Uniforme 1</b>				
<b>Como chegou à Copa?</b>	País-sede, não disputou as Eliminatórias	1º no Grupo B das Eliminatórias asiáticas	Repescagem europeia	1º no Grupo C das Eliminatórias africanas



**O professor**  
O mexicano **Javier Aguirre**, conhecido como El Vasco, foi jogador e disputou a Copa de 1986, quando o México foi eliminado nas quartas de final, nos pênaltis, pela Alemanha. Foi o técnico da seleção em 2002, e saiu; depois foi o mister na Copa-2010, e saiu; e voltou em 2024 para sua terceira passagem

**O k-ídolo**  
Aos 33 anos, **Heung-min Son** é o grande nome da seleção sul-coreana —é também o capitão e o cara com mais jogos pela equipe nacional. Desde que deixou o Tottenham, da Premier League, atua pelo Los Angeles FC —mas não vai sair do México na primeira fase

**A parede**  
Na repescagem, os tchecos não ganharam de ninguém, mas passaram nos pênaltis por Irlanda e Dinamarca, graças às defesas do **paredão Kovár**. Assim, se a República Tcheca conseguir uma vaga para a segunda fase da Copa, poderá ser campeã se levar todos os jogos para os pênaltis

**Às vezes, elas voltam**  
Não vai ter Jabulani, também não vai ter polvo Paul. Mas o Mundial de 2026 vai recuperar pelo menos um símbolo marcante da Copa-2010, da África do Sul, a sonora **vuvuzela**. Uhu



**A tabela**

México x África do Sul	11.jun, às 16h Cidade do México
Coreia do Sul x Rep. Tcheca	11.jun, às 23h Guadalajara
Rep. Tcheca x África do Sul	18.jun, às 13h Atlanta (EUA)
México x Coreia do Sul	18.jun, às 22h Guadalajara
África do Sul x Coreia do Sul	24.jun, às 22h Monterrey
Rep. Tcheca x México	24.jun, às 22h Cidade do México



**Você sabia?**

- Nas duas Copas em casa, o México jamais perdeu uma partida na fase de grupos
- Pela 2ª vez na história, o confronto México x África do Sul vai abrir a Copa; aconteceu antes em 2010, quando os sul-africanos eram os anfitriões

**Favoritazo**

- Com a torcida empurrando e sem nenhum rival de peso, os mexicanos devem passar em 1º
- Os sul-coreanos são favoritos para a 2ª vaga

# Bruno Guimarães vai à Copa com 'alma de jogador' e vivência de vila

Consolidado no futebol da Europa, volante preserva suas raízes na zona norte do Rio; atleta chama a atenção pela personalidade exibida em momentos desafiadores

## ★★★ SÉRIES FOLHA QUEM BUSCA O HEXA

Marcos Guedes

TERESÓPOLIS "Para nos vencer, o alemão ou suíço teria de passar várias encarnações aqui. Teria que nascer em Vila Isabel, ou Vaz Lobo. Precisaria ser camelo no Largo da Carioca. Precisaria de toda uma vivência de boteco, de gafeira, de cachaça, de malandragem geral", escreveu Nelson Rodrigues, em célebre texto publicado na revista Fatos & Fotos, em junho de 1962, em festa pelo bicampeonato mundial do Brasil, no Chile.

Na luta pelo hexa, em 2026, na América do Norte, a seleção terá seu legítimo representante de Vila Isabel, com uma vivência que pode fazer diferença contra alemães, suíços e outros adversários. Orgulhoso de suas raízes no tradicional e boêmio bairro do Rio de Janeiro, Bruno Guimarães, 28, as carrega nos uniformes que veste no futebol europeu.

A camisa 39 que ele usa no Newcastle – e usou anteriormente no Lyon – é uma referência ao número do táxi de seu pai em uma frota da zona norte carioca. Quando o atual volante do Brasil vivia na rua Oito de Dezembro, na vizinhança de Noel Rosa, eram as corridas de Dick que bancavam a família.

Bruno gosta de narrar o momento em que chegou ao Atlético Paranaense, em 2017, aos 19 anos. Foi após algumas dispensas em clubes grandes do Rio de Janeiro, o início no Audax Rio e uma boa passagem no Osasco Audax, da região metropolitana de São Paulo.

Ele debateu com o pai a camisa que escolheria na nova equipe e mencionou a ideia de trajar a 97, por causa do ano de seu nascimento. "Que tal 39?", retrucou Dick, segundo relato do jogador. "O 39 nos deu tudo o que temos, Bruno. Nossa casa, nossa comida, nossos móveis, suas chuteiras. Foi tudo por causa do táxi".

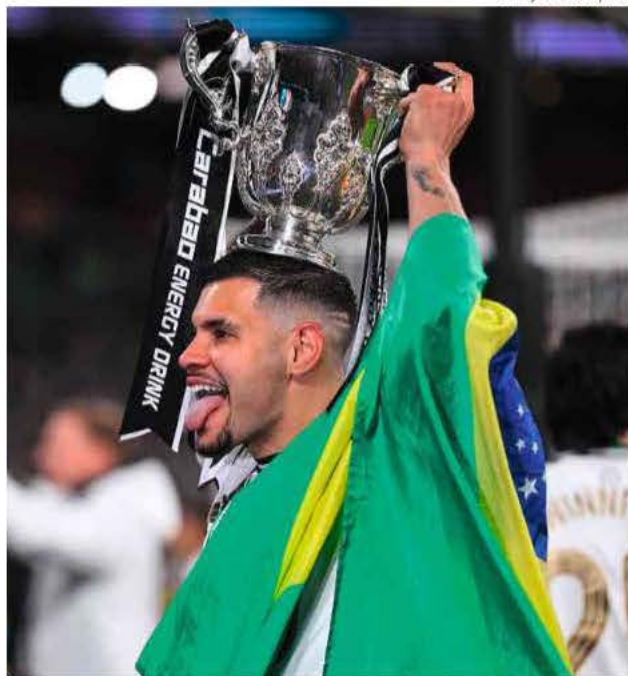
O jovem, então, foi ao clube decidido a aceitar a recomendação, porém recebeu do roupeiro um kit já com as roupas numeradas. Para seu espanto, era o número do táxi. Ele telefonou para o pai, em uma ligação com choro dos dois lados da linha. "Eu disse: 'Isso é um sinal, não se engane, aqui eu vou brilhar'".

Quem indicou sua contratação pelo Atlético foi o técnico Fernando Diniz, que o havia dirigido no Osasco Audax. "Ele tem alma de jogador. Quando o problema aparece, ele sabe encarar. Ele tem alma de jogador grande", afirmou o treinador, na ocasião.

Logo ficou claro que não eram palavras vazias. Peça-chave em triunfos relevantes da formação



Andy Buchanan/AFP



David Klein/Reuters



Franck Fife/AFp

### Bruno Guimarães, 28

**NOME**  
Bruno Guimarães  
Rodríguez Moura

**NASCIMENTO**  
16 de novembro de 1997,  
no Rio de Janeiro (RJ)

**CLUBE ATUAL**  
Newcastle

**47**  
Jogos na temporada  
2026

**10**  
Gols na temporada

**41**  
Jogos pela seleção

**COPAS DISPUTADAS**  
2022

### ➤ Série traça perfil dos enviados do Brasil na busca pela taça

A Folha dá sequência à publicação da série "Quem busca o hexa", que vai descrever a trajetória dos responsáveis da seleção brasileira na luta pelo título da Copa do Mundo de 2026. O jogador Alex Sandro, nesta edição, e mais seis jogadores, até o dia 3 de junho, terão suas personalidades e carreiras destrinchadas em textos que mostrarão também o momento de cada um.

paranaense – a Copa Sul-Americana de 2018 e Copa do Brasil de 2019 –, foi comprado pelo Lyon, manteve o nível alto na França e desembarcou no Newcastle como estrela no projeto de grandeza do clube inglês, comprado em 2021 pelo fundo soberano da Arábia Saudita.

A agremiação ainda não decolou como pretendia, mas alcançou seu primeiro título nacional de elite em 70 anos, a Copa da Liga Inglesa de 2024/25. Idolatrado pelos torcedores, o brasileiro foi raro destaque da equipe na última temporada.

Bruno chegou à seleção em 2020, pelas mãos de Tite, e não saiu mais. Presente na conquista do ouro olímpico com o time sub-23, nos Jogos de Tóquio – realizados em 2021, com um ano de atraso, por causa da pandemia de Covid-19 –, esteve também na Copa do Mundo de 2022, como reserva.

No ciclo atual, ganhou a posição e manteve seu prestígio com diferentes treinadores, o que não mudou com Carlo Ancelotti. Já sob comando do italiano, balançou a rede na vitória por 3 a 0 sobre o Chile, pelas Eliminatórias do Mundial, em setembro do ano passado. O jogo foi no Maracanã, onde torceu várias vezes pelo Vasco, a menos de dois quilômetros de sua velha casa em Vila Isabel.

Com Ancelotti, Bruno Guimarães vê a oportunidade de unir o molejo da zona norte carioca à disciplina tática europeia. Por isso, malandramente, tratou de celebrar o 3 a 0 pelo três e também pelo zero. "É um treinador italiano, né? Tomar poucos gols é fundamental", sorriu.

Na Copa do Mundo, para tristeza do jogador, a numeração vai de 1 a 26. Mas ele carregará o 39 na pele, tatuado na panturrilha direita.

### Preocupação

Antes de se apresentar à seleção brasileira, o volante deu um susto na comissão técnica. No domingo (24), ao participar do confronto contra o Fulham pela última rodada da Premier League, ele precisou ser substituído com muitas dores durante a derrota do Newcastle.

O brasileiro pediu atendimento médico e foi substituído com apenas 20 minutos de jogo. O lance causou temor de que ele pudesse o Mundial, mas o próprio jogador tratou de tranquilizar os torcedores e assegurar sua participação no torneio.

Em seu perfil nas redes sociais, o atleta revelou que teve apenas câimbras e por isso não permaneceu em campo.

"Tive febre por dois dias durante a semana e, durante a partida de hoje, senti câimbras nas duas panturrilhas! Nada com o que se preocupar. Agora é descansar e recuperar para estar 100% novamente", disse o meia.

A condição física dele passou a ser motivo de preocupação na reta final da temporada após ele ficar dois meses sem atuar por causa de uma lesão muscular no coxa. O meia retornou à ação no dia 18 de abril e atuou em todas as partidas do Newcastle desde então. Neste domingo (31), será titular no amistoso contra o Panamá.



## João Fonseca vence Novak Djokovic em Roland Garros, no maior resultado da carreira

**IMAGEM DA SEMANA** O tenista carioca João Fonseca, 19, derrotou o sérvio Novak Djokovic, 39, por 3x2, de virada, em partida de Roland Garros na sexta-feira (29) — o embate durou 4h53; neste domingo (31), o brasileiro enfrenta o norueguês Casper Ruud Guglielmo Mangiapane - 29.mai.26/Reuters

## DICAS DO EDITOR

**Sérgio Dávila**  
Diretor de Redação

## Decisão sobre PCC e CV prejudicará combate a facções

Promotor Lincoln Gakiya afirma que medida do governo Trump pode gerar sanções e afetar soberania brasileira; fim da escala 6x1 leva a mudanças para trabalhadores e empregadores



Acesse o QR Code para se inscrever e ler as reportagens

2<sup>a</sup>

### Entidades levam nomes ao governo em campanha por mulher negra no STF

Reportagem na **Folha** mostra quem são as mulheres que tiveram seus nomes levados a Lula como opção para o STF (Supremo Tribunal Federal). Elas foram citadas por entidades que pressionam para que o presidente opte por uma jurista negra para a corte.

De Brasília, os repórteres Vinícius Sassine e Thaísa Oliveira revelam que a gestão Caiado usou uma fintech investigada na Operação Carbono Oculto, suspeita de atuar como um banco paralelo do PCC. O Governo de Goiás diz que trocou de instituição e adotou medidas judiciais; BK Bank não responde.

3<sup>a</sup>

### Cláudio Castro é alvo da PF por recursos do Rioprevidência no caso Master

A **Folha** destaca a busca e apreensão da Polícia Federal contra Cláudio Castro (PL), ex-governador do Rio. Ele é suspeito de crimes financeiros em investimentos feitos na Rioprevidência (fundo de previdência de servidores do estado) relacionados ao banco Master.

Recomendo também um texto que explica o que pode mudar com o fim da jornada 6x1. A PEC (proposta de emenda à Constituição) que discute a medida foi apresentada na segunda-feira e precisa ser votada na Câmara dos Deputados e no Senado.

4<sup>a</sup>

### Motta leva PEC do fim da escala 6x1 a plenário da Câmara dos Deputados

De Brasília, a **Folha** informa que o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), decidiu antecipar a votação da PEC que acaba com a escala 6x1. Um parecer incluído na proposta pode acabar com limite de horas trabalhadas para até 434 mil celetistas que ganham salário igual ou superior a R\$ 21.188.

Recomendo a série 'Sobrecarregadas', que aborda a exaustão feminina. A primeira reportagem trata do efeito da cultura da produtividade a todo custo na saúde mental de mulheres.

5<sup>a</sup>

### Saiba o que mudará para trabalhadores e empregadores com o fim da escala 6x1

O que muda com o fim da 6x1 para empregados e empresas? A repórter Cristiane Gercina responde a essas e outras perguntas sobre como ficará o mercado de trabalho caso a proposta que avançou na quarta na Câmara passe pelo Senado e entre em vigor.

Recomendo também o especial de Turismo que aponta os destinos e os serviços prediletos do paulistano, segundo o Datafolha. Japão, Itália e Bahia lideram as listas de preferidos.

6<sup>a</sup>

### Classificar PCC e CV como terroristas vai prejudicar combate a facções, diz Gakiya

Destaco a entrevista com o promotor Lincoln Gakiya sobre a decisão do governo Trump de classificar o PCC e o Comando Vermelho como organizações terroristas. Ele diz à repórter Fernanda Mena que a medida vai prejudicar o combate às facções no Brasil.

Recomendo também a cobertura da **Folha** sobre a Feira do Livro de São Paulo. Veja 10 autores para acompanhar e a programação de debates e entrevistas promovidos pelo jornal no evento que começa amanhã.

## FRASES DA SEMANA

“

Não acho que o Brasil possa fazer muito. Não conseguiu impedir os EUA de ocuparem a Venezuela. O Brasil é um país fraco

**Mohammad Marandi**  
professor da Universidade de Teerã, na segunda-feira (25), em entrevista à **Folha**

“

O Brasil está entre os países com maior carga de trabalho no mundo. Ao mesmo tempo, convive há décadas com a estagnação

**Hugo Motta**  
presidente da Câmara dos Deputados na quarta-feira (27) após aprovação da PEC do fim da escala 6x1

“

CV e PCC são duas das mais perigosas organizações criminosas do Brasil. O alcance se estende por toda a região e ao nosso país

**Marco Rubio**  
secretário de Estado dos EUA em nota na quinta-feira (28), após decisão de classificar PCC e CV como terroristas

“

A segurança da população é importante demais para ser manipulada por traidores que confundem esses conceitos

**Palácio do Planalto**  
em comunicado alusivo à visita de Flávio a Trump na Casa Branca na quinta-feira (29)

“

Ele [João Fonseca] jogou pontos muito bons, foi agressivo, sacou forte. Jogou um tênis de outro nível

**Novak Djokovic**  
tenista tricampeão de Roland Garros sobre desempenho de João Fonseca em partida

FOLHA105  
DOMINGO, 31 DE MAIO DE 2026 B1

# ilus trisa simã spada ilus

## A voz das domésticas

Livro mostra como autoras  
negras transformam a  
presença de domésticas  
na literatura brasileira B4

Ilustração  
Fábio Menino



ilustríssima **ilustrada**

## MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br



Boris Casoy no seu escritório em Alphaville, em Santana do Parnaíba (SP)

Adriano Vizoni/Folhapress

## Boris Casoy

# Não pretendo me aposentar, diz jornalista de 85 anos

Ao completar sete décadas de carreira, Boris comenta a experiência como youtuber, fala sobre o convite para voltar ao grupo Silvio Santos, agora no SBT News, e conta por que não se arrepende de ter apoiado o golpe de 1964

Por **Naief Haddad**

Aos 85 anos, Boris Casoy não pensa em se aposentar. “Enquanto aguentar fisicamente e, especialmente, mentalmente, eu não pretendo. Brinco que quero morrer em frente a uma câmera.”

Em 2020, o jornalista passou a apresentar o *Jornal do Boris*, atração diária no YouTube, com cerca de meia hora. E acaba de voltar ao Grupo Silvio Santos, onde atuou de 1988 a 1997.

Boris se tornou no SBT um dos primeiros âncoras do telejornalismo brasileiro com liberdade para emitir opinião no ar. Além disso, lançou bordões que ganharam popularidade, como “isso é uma vergonha!”

Desta vez, porém, estará no SBT News, canal de notícias lançado em dezembro do ano passado. A partir desta segunda, dia 1º, o *Jornal do Boris* passa a ser exibido simultaneamente no YouTube e no SBT News, às 8h.

O retorno à casa de Silvio Santos (1930-2024) acontece no momento em que Boris celebra 70 anos de carreira.

Começou aos 15 anos na rádio Piratininga, em São Paulo.

Teve, em seguida, uma fase dedicada à assessoria de imprensa de líderes políticos, que se estendeu do final dos anos 1960 ao início da década de 1970. Esteve na equipe de nomes como Luís Fernando Cirne Lima, ministro de Agricultura do governo Médici.

Boris foi editor-chefe da *Folha* em dois períodos no intervalo entre 1974 e 1987. No ano seguinte, iniciou seu percurso no telejornalismo. Depois da passagem pelo SBT, trabalhou na Record, Band e CNN, entre outros canais.

Na entrevista, ele critica o jornalismo brasileiro da atualidade. “O país se apequenou politicamente e economicamente, e a imprensa acaba refletindo esse apequenamento”, diz. Mas pondera: “Estamos vendo um momento de transição, e toda transição é confusa”.

Também afirma não se arrepender do apoio ao golpe de 1964. Segundo ele, “existia mesmo um perigo, talvez não

tão intenso quanto um regime comunista, mas uma república sindical, algo assim”. Porém, com o passar do tempo, decepcionado com abusos, como a tortura, defendeu a volta da democracia.

O jornalista diz se considerar de “centro-direita. Eu seria uma direita europeia civilizada, liberal mesmo”.

Antes da entrevista, em meio a livros, troféus, caricaturas e rádios antigos que dominam seu escritório em Alphaville, em Santana do Parnaíba (SP), Boris pediu: “Não me chame de senhor”.

\*

**Como foi o convite para voltar ao SBT?** Eu tinha trabalhado na CNN com o Leandro Cipoloni, que agora é diretor de jornalismo do SBT e do SBT News. Foi quem me convidou. Não aceitei inicialmente por causa da vida pessoal. Estou com uma certa idade e mereço ter mais espaço para lazer. Estava satisfeito com o que eu fazia no meu jornal matinal, o *Jornal do Boris*, na internet.

Depois, ele fez uma nova proposta e, em um momento de fraqueza [risos], aceitei. Se tiver que me submeter a qualquer tipo de injunção, estou fora.

**Temos hoje ao menos oito canais dedicados exclusivamente ao noticiário. Existe público para tantos canais?** É um ponto de interrogação. Acho que há sempre espaço para um jornalismo independente, mas não sei se isso resulta em lucro. São emissoras privadas que procuram lucro, e TV custa caro. Não acho que a sobrevivência de todas essas emissoras será fácil. O telespectador vai perceber quem tem mais qualidade, e vejo uma grande chance do SBT representar esse tipo de jornalismo. Quando fiz o *TJ Brasil*, eu era livre. O Silvio jamais interferiu. Ataquei a candidatura dele à Presidência [em 1989], e o Silvio, espertamente, usou isso para mostrar que era tão democrata que o empregado o atacava no ar e não acontecia nada.

Continua na pág. B3

## Me considero de centro-direita. Eu seria uma direita europeia civilizada, liberal mesmo. Mas a esquerda precisa ser respeitada, há governos de esquerda e centro-esquerda muito bons

Fotos Adriano Vizoni/Folhapress



Henrique Santana/Folhapress



Henrique Santana/Folhapress



No alto, rádios antigos e livros no escritório de Boris; abaixo, ele, jovem, locutor de rádio e, ao lado, em caricatura; acima, troféus Imprensa, concedidos ao jornalista pelo SBT

Continuação da pág. B2

Mas não foi tranquila a decisão. Conversei com Guilherme Stolar, sobrinho do Silvio e vice-presidente do SBT. Disse que precisava falar sobre aquele assunto, que havia imperfeições. Ele respondeu: "Faz o que você quiser".

**De que forma você avalia o jornalismo brasileiro hoje?** A pandemia foi um choque para a imprensa, provocou crises enormes nos jornais, TVs e rádios. Foram obrigados a demitir quem tinha os maiores salários. Acho que houve perda de qualidade e vejo agora um grande esforço de recuperação.

A principal perda, a meu ver, foi a correia de transmissão. Uma Redação é o espaço onde as pessoas trocam informações. É importante que o jornalista mais novo possa pedir ajuda ao mais velho, esse é um ensino que vale muito mais do que qualquer facilidade de comunicação. Essa correia de transmissão se perdeu.

No período das vacas gordas, a gente tinha um jornalismo comparável ao melhor jornalismo americano, com os mesmos cuidados. Havia um imã, que era a redemocratização, com espectros ideológicos mais claros e definidos. O país se apegou politicamente e economicamente, e a imprensa acaba refletindo esse apegamento.

Quando o Tancredo foi eleito [janeiro de 1985], a imprensa tinha uma presença maior na sociedade e também tinha sensores — sensores com S- que conseguiram captar melhor as tendências. Hoje, há acontecimentos que a imprensa tem dificuldade para captar.

Estamos vivendo um momento de transição, e toda transição é confusa. Tenho esperança de que as coisas melhorem. Sou suspeito porque sou partícipe disso tudo, não sou observador.

**Como tem sido a experiência como youtuber?** As pessoas costumam tachar os veículos de maneira muito di-

ferente. Televisão é uma coisa, rádio é outra, jornal é outra, internet é outra. Para mim, o que predomina é o jornalismo. De modo geral, é igual em todos: é preciso ter cuidado com as fontes; deve se expressar corretamente, escrevendo ou falando; deve ter assuntos atraentes. O resto é técnica, e quem gosta de jornalismo aprende.

Uma das coisas de que me orgulho é ter feito um ciclo completo. Fiz rádio, televisão, jornal, imprensa escrita, assessoria de imprensa e agora sou um youtuber. E não vou ter falsa modéstia, fiz esse ciclo com sucesso.

**Como é a equipe do Jornal do Boris?**

São só quatro pessoas, além de mim. Fernando CA, jornalista e músico, cuida da transmissão, ao lado do Cássio Emerick, que trabalha comigo há mais de 30 anos. Cássio é engenheiro. Luiz Nartís acompanha o noticiário e chama atenção para os erros. E Iraci Teixeira, excelente cozinheira, cuida do penteado e da maquiagem.

**Como se prepara?** Como o jornal entra no ar às 8h, acordo entre 5h30 e 6h. Leio os jornais enquanto tomo café. Tenho a mania de olhar o celular no meio da noite, acho que isso acontece com outros jornalistas. De repente, o mundo acabou e não sei. Anoto algumas coisas, mas também improviso no ar.

**As pessoas ainda se lembram bem dos seus bordões. Como surgiu "Isso é uma vergonha"?** Durante uma transmissão do TJ Brasil, no SBT. Havia uma reportagem sobre um pronto-socorro no Recife, onde faltava tudo, pessoas feridas estavam no chão, médicos correndo de um lado para o outro, água escorrendo pela parede, chuva entrando, um caos.

Fiquei olhando aquilo, não era comum a televisão mostrar. Nesse momento, me lembrei de uma TV do Meio Oeste dos EUA que, quando John Kennedy foi assassinado, colocou um letreiro em que se lia "shame" (vergonha). Quando a câmera abriu para mim, foi um impulso: "Isso é uma vergonha!"

Quando terminou, uma figura importante do SBT, que não vou nomear, falou que, como eu estava em "big close" [enquadramento em que a câmera se concentra no rosto], aquilo agredia o telespectador. Pensei: "destruí a televisão do Silvio Santos."

Quando deixei o estúdio e voltei para a Redação, o telefone estava estourando, eram muitos os telespectadores se manifestando. Era um grito atravessado há anos na garganta da população.

**Tem algum arrependimento ao longo destes 70 anos de jornalismo?** Tenho pequenos arrependimentos, pontuais.

**Pode dar um exemplo?** A história dos garis na Band [na noite de 31 de dezembro de 2009, dois varredores apareceram em uma vinheta do canal desejando feliz Natal, e uma falha técnica levou ao ar o áudio de Boris dizendo: "Que merda, dois lixeiros desejando felicidades do alto das suas vassouras. O mais baixo na escala do trabalho"].

Estava fora do ar e fiz uma brincadeira. Fiz um comentário com um humor cruel, não precisava ter falado aquilo e pedi desculpas depois. Achem que foi racismo, não foi. Foi uma infelicidade.

**Arrepende-se de ter apoiado o golpe de 64?** Não me arrependo. Primeiro, é preciso levar em consideração que havia um ambiente de Guerra Fria. Segundo, os meus pais saíram da Rússia — aliás, a região em que eles moravam hoje é a Ucrânia, mas pertencia à Rússia na-

quela época — e descreviam o que era o comunismo. Minha mãe dizia que o que estava acontecendo no Brasil na época se parecia com a realidade da Rússia.

Existia mesmo um perigo, talvez não tão intenso quanto um regime comunista, mas uma república sindical, algo assim. O governo [de João Goulart] não ia bem, havia movimentos revolucionários de esquerda no Nordeste, as Ligas Camponesas. Já havia Cuba, um país comunista.

Existia também a guerrilha. Hoje a esquerda brasileira — inclusive o Lula — caracteriza [as ações da guerrilha] como luta democrática, mas não eram, eram uma luta para impor um regime. Nenhuma das guerrilhas queria a volta da democracia tal como a conhecemos.

Mais tarde, eu apoiei a volta da democracia, mas não me arrependo [do apoio ao golpe].

**Aconteceu algo que te fez acreditar que a situação havia atingido um limite?** A tortura, a tortura. Sempre condeino a tortura, é um desrespeito aos direitos humanos. Me perguntam: "Como você defende os direitos humanos?" Eu digo que os direitos humanos são o respeito à Constituição. Não é a favor do bandido, é a favor da lei.

**Como se considera do ponto de vista ideológico?** De centro-direita. Eu seria uma direita europeia civilizada, liberal mesmo. A esquerda precisa ser respeitada, há ideias e governos de esquerda e centro-esquerda muito bons. Procuro separar a ideologia da administração do dia a dia de um país e procuro ser construtivo. Não odeio os meus amigos de esquerda, não rompi com ninguém.

**Planeja se aposentar?** Não. Enquanto aguentar fisicamente e, especialmente, mentalmente, eu não pretendo. Brinco que quero morrer frente a uma câmera. É preciso ter uma ocupação na vida. Quem se aposenta, bota um chinêlino e fica vendo TV é um candidato à morte prematura.

**Faça a pergunta que fez para o então candidato Fernando Henrique Cardoso no último debate da disputa pela Prefeitura de São Paulo, em 1985. Acredita em Deus?** Acredito, só que dispenso intermediários. Minha relação é direta. Tenho motivos para acreditar e motivos para dispensar intermediários. Eu acredito, graças a Deus.

**Gostaria de acrescentar algo?** Sim. A Folha foi minha mais longa experiência jornalística, onde aprendi mais e me firmei como um jornalista de certa qualidade. Tive dois professores de enorme capacidade: Cláudio Abramo, queridíssimo amigo, com ideias diferentes das minhas, mas muitas convergências; e o publisher Octavio Frias de Oliveira, o melhor jornalista que conheci. Ele não gostava de que falassem que era jornalista, mas era quem melhor conhecia a notícia como consumidor. Aprendi muita coisa empresarial com ele e fizemos amizade — tinha uma relação quase filial com ele.

Depois que deixei o cargo de editor-chefe, Otavio Frias Filho assumiu a função, e fiquei durante quatro anos editando o Painel. Foi o meu trabalho predileto na Folha.

Tive que fazer o jornal atravessar o Rubicão, passando incólume pelo regime militar. Ao lado da minha porta de entrada, aqui em casa, tenho uma gravura com um mar revolto e, sobre ele, um avião de papel. Eu me sentia pilotando este avião e acho que consegui aterrissar bem. O jornal foi ameaçado de ser fechado, mas está aí, vivo.

# Mudança de papel

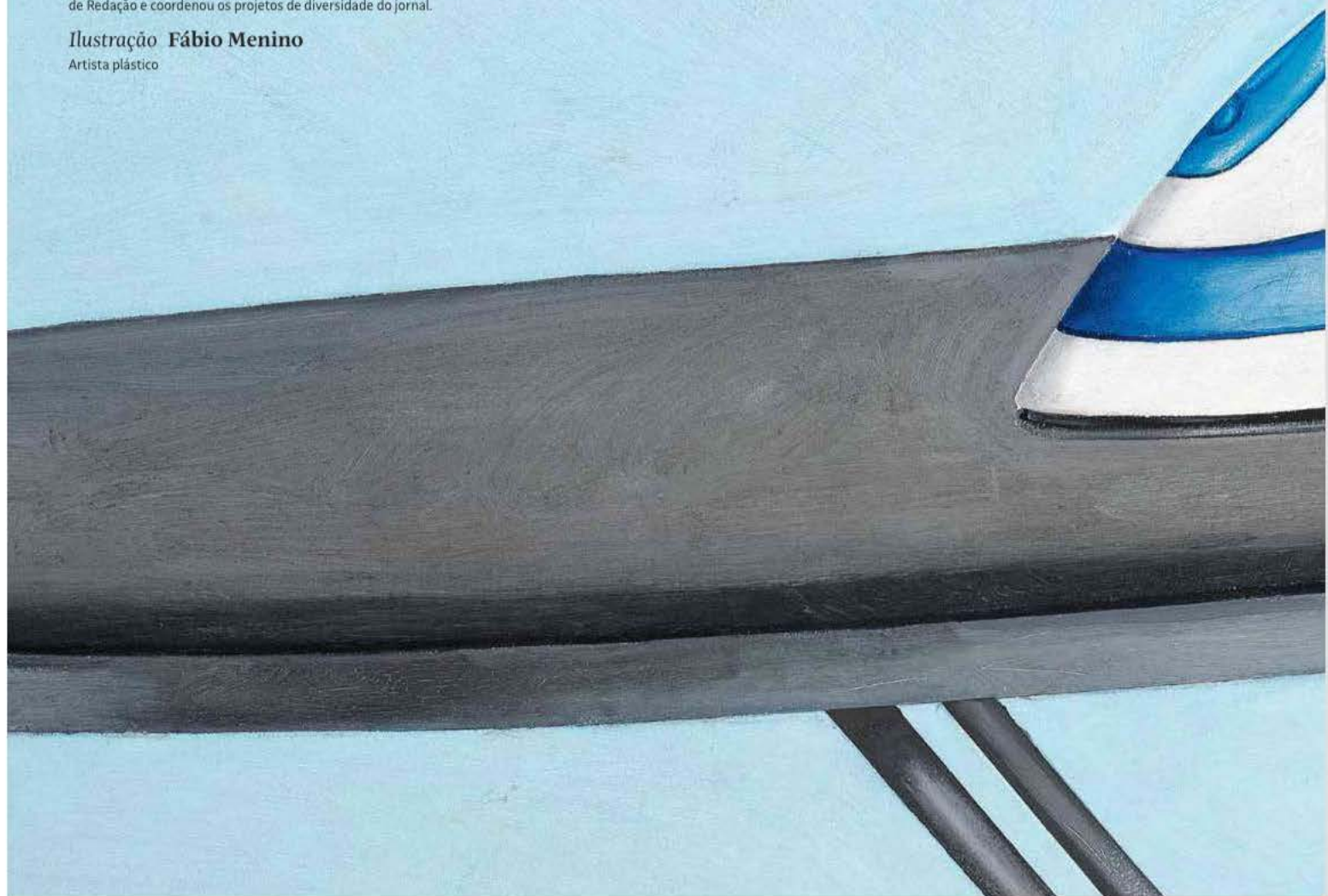
**[RESUMO]** Tese de doutorado lançada agora em livro detalha a exclusão histórica de trabalhadoras domésticas na ficção brasileira. Apenas a partir dos anos 2010 elas passaram a protagonistas de contos e romances, reflexo de um movimento em que filhas, sobrinhas e netas dessas profissionais na vida real viraram escritoras e buscaram contar as histórias de suas antepassadas

Por **Flavia Lima**

Repórter especial da **Folha**. Foi ombudsman, secretária-assistente de Redação e coordenou os projetos de diversidade do jornal.

Ilustração **Fábio Menino**

Artista plástico



"Dei o cano no serviço em plena segunda-feira. Puta que pariu! Sensação boa. O pau quebrando lá fora e eu, encantada. Só de pensar na cara da d. Celeste, que eu apelidei de Cepeste, dá bem pra imaginar por qual motivo, naquele olho cinzento enfeitado de ruga, fulminando a pia cheia de louça e a bagunça do fim de semana por arrumar, me arrepiei. Mulher folgada." ("Perifobia", de Lília Guerra)

Na ficção, saber o que pensam e sentem trabalhadoras domésticas — terror de senhores e senhoras que têm a si próprios em alta conta — foi durante muito tempo uma impossibilidade imposta por patrões que habitam tanto romances quanto a realidade.

Em pouco mais de 150 anos, apenas 37 trabalhadoras domésticas registraram presença significativa em nossa produção literária, segundo tese de doutorado defendida em 2024 e recentemente convertida no livro digital e gratuito "Quirinas", de Mariana Filgueiras.

Nesse grupo restrito de personagens, as primeiras protagonistas começaram a aparecer apenas no final dos anos 2010, uma trajetória recente cujo ápice é o Prêmio São Paulo de Literatura obtido em 2024 por tia Eluma, personagem de "Louças de Família", de Eliane Marques.

Praticamente não há babá, lavadeira, faxineira, diarista, cuidadora ou cozinheira que protagonize um livro de ficção antes de 2018, segundo Filgueiras. Essas personagens só deixam o registro da exceção à medida que filhas, sobrinhas e netas de trabalhadoras domésticas se tornam elas próprias escritoras.

Segundo a pesquisadora, é a entrada recente de um grupo maior de mulheres negras no mercado editorial que abre espaço para que a figura da trabalhadora doméstica seja incorporada à literatura a partir de outro olhar.

"Não vai ter um escritor da ABL [Academia Brasileira de Letras] que vai acordar e se interessar por uma persona-

gem doméstica. Não é assim que elas entram na nossa literatura, elas entram quando outros autores pegam essa caneta", diz Filgueiras.

A pesquisa teve como base a literatura canônica de ficção. Todos os clássicos brasileiros foram revisitados, além de catálogos, hemerotecas, arquivos digitalizados e textos de estudiosos da literatura.

O método, reconhece a pesquisadora, não é exaustivo, mas proporciona um bom sobrevoo na produção ficcional brasileira e sua relação com personagens domésticas.

Mas por que domésticas na literatura? Citando a autora americana Patricia Hill Collins e seu conceito de "outsider within" (aquele que está em uma estrutura sem fazer parte dela), Filgueiras explica o seu interesse ressaltando o grande potencial dramático das trabalhadoras domésticas, à medida que transitam entre classes sociais e conhecem, como poucos, os segredos de seus patrões.

Sendo assim, diz ela, não faria sentido desprezar literariamente o grupo, cujo enfoque serve também como ponto de observação crucial de pessoas brancas, de classes mais altas. "Não há outra explicação para esse desperdício que não seja o racismo, a misoginia e o classismo", diz.

Quando não alvo de mero desinteresse, as personagens domésticas acabavam vítimas da imaginação escassa do autor. São cenas que se repetem exaustivamente — a visão do mar pela primeira vez, a violência do estupro, o aborto, dificuldades de estudar —, em retratos que oscilam entre a denúncia social e a mesmice.

Do fim do século 19 à virada do século 20, era comum que as chamadas "mucamas" (mulheres negras encarregadas do trabalho doméstico) fossem retratadas como ingratas ou desonestas e aparecessem em romances e contos para demarcar o contraste (físico e psíquico) com a patroa branca.

Continua na pág. B5



Continuação da pág. B4

Assim, para sublinhar a bondade, a limpeza e a organização de uma, a outra, pérfida, vivia a ensinar coisas erradas para as mulheres mais jovens ("sinhaszinhas"), muitas vezes hipersexualizando o ambiente, em uma enaltação à família moderna burguesa branca, diz Filgueiras.

Talvez a mais popular trabalhadora doméstica da literatura brasileira, Tia Nastácia surge em "Reinações de Narizinho" (1931), de Monteiro Lobato. A cozinheira é apresentada como "negra de estimação" do sítio e tem suas características físicas animalizadas ("negra beijuda", "macaca carvão").

Os erros de português e os seus gestos de ingenuidade dão forma a uma mulher ignorante, medrosa e também dócil e carinhosa, em uma espécie de violência no trato, segundo Filgueiras, que a infantiliza.

A cor ou raça das personagens, por óbvio, não é um detalhe. No Brasil, o trabalho doméstico ainda é, segundo

publicação de 2023 do Ministério de Desenvolvimento Social, ocupação de 5,8 milhões de pessoas, sendo 92% mulheres e 61,5% mulheres negras. Isso sem contar menores de 18 anos. É a categoria que mais emprega mulheres no país, sobretudo mulheres negras com baixa escolaridade e oriundas de famílias de baixa renda.

Próxima do perfil, Gabriela deu nome, no final da década de 1950, a um dos romances de maior sucesso de Jorge Amado. Retirante, a protagonista aceita limpar a casa de um comerciante árabe e cozinhar para ele, em um processo, contudo, em que a identidade dela como trabalhadora doméstica vai sendo nublada ao longo da história.

Não é o ofício que determina a construção da identidade de Cravo e Canela, mas sua sensualidade e beleza. "Quem lembra de Gabriela como doméstica?", questiona Filgueiras.

Há ainda a personagem que conta as verdades sobre a família para a qual trabalha no conto "O Espartilho", de Lygia

**Em pouco mais de 150 anos, apenas 37 trabalhadoras domésticas registraram presença significativa em nossa produção literária, segundo tese de doutorado defendida em 2024 e recentemente convertida no livro digital e gratuito 'Quirinas', de Mariana Filgueiras**

Fagundes Telles (1978). Ou, então, Janair, que não tem uma só fala no romance, mas é a figura responsável por despertar o fluxo de consciência da protagonista em "A Paixão Segundo G.H.", livro de 1964 de Clarice Lispector. Essas duas são presenças importantes, mas não são as figuras centrais da trama.

No geral, essas mulheres se viram como podem entre cozinhas e muquifos apertados de casas de pessoas que fazem questão de afirmar que elas são parte da família, mas não sabem de onde vêm, tampouco se interessam pelo que passam ou pensam, particularmente na ficção. "Nunca ouvimos falar de um familiar da Janair", diz Filgueiras.

Pronto desde 1988, mas publicado apenas em 2006, "Becos da Memória", de Conceição Evaristo, faz da doméstica Ditinha uma personagem importante. Quase dez anos depois, Fernando Bonassi, em "Luxúria", de 2015, coloca a chave do romance na mão de uma trabalhadora doméstica.

Continua na pág. B6



## Mudança de papel

Continuação da pág. 85

Em uma espécie de espírito da época, é também de 2015 o filme “Que Horas Ela Volta?”, de Anna Muylaert, no qual Camila Márdila perturba a rotina dos empregadores de sua mãe, a doméstica de Regina Casé; assim como a música “Boa Esperança”, de Emicida, que põe casas de família em polvorosa ao sugerir fogo nos patrões. A Lei das Domésticas, que garantiu a essas profissionais direitos equivalentes aos de outros trabalhadores, é igualmente de 2015.

Mas é 2018 o marco da mudança, segundo Filgueiras. É a partir daí que autoras mulheres, muitas delas negras, se propõem a dar outra cara, literalmente, às suas protagonistas —ainda que vez ou outra permaneçam estereótipos e o deslumbre com o qual personagens reagem aos encantos da cida-

de ou do amor.

Para a pesquisadora, esse deslocamento reflete transformações sociais reais do último quarto de século, marcadas por transferência de renda, aumento de emprego e da escolaridade.

Cidinha da Silva, autora de “Quando Borboletas Furiosas se Tornam Mulheres Negras”, livro da editora Relicário que escrutina a inserção de escritoras negras no mercado editorial, faz uma leitura própria do fenômeno.

Segundo ela, a principal inovação trazida por essas autoras é uma mudança de foco, de atitude e de construção de uma escrita desde dentro, “com olhos de quem enxerga o outro consciente de sua própria ‘outridade’, de um lugar que investe de humanidade e dignidade personagens antes tratados quase como móveis da casa, utensílios de cama, mesa e banho, objeto de todo tipo de extrativismo”.

A nova leva, formada por autoras como Helena Silvestre e Eliane Marques, constrói personagens negras de alta vol-

tagem, disruptivas, com história própria, que sustentam narrativas —tanto nas histórias curtas de “Notas sobre a Fome”, de Silvestre, quanto em romances como o premiado “Louças de Família”.

“E mesmo as autoras que escolhem ancorar as narrativas na experiência têm procurado fazê-lo como estratégia de enfrentamento a décadas de silêncio imposto e desqualificação, também como opção estética”, afirma Silva.

Para ilustrar as mudanças de foco e de atitude na literatura, Filgueiras escolhe quatro autoras: Eliana Alves Cruz, Giovana Madalosso —que é colunista da *Folha*—, Carola Saavedra e a mais prolífica delas, Lília Guerra.

Em “Com Armas Sonolentas”, de 2018, Saavedra constrói uma personagem que, sem nome, desenvolve um relacionamento bastante complexo com os patrões. Ponto importante: a personagem é uma mulher indígena que, aos 14 anos, é obrigada pela mãe a deixar sua casa no interior de Minas Gerais para trabalhar como domésti-

ca no Rio de Janeiro.

“Suíte Tóquio” (2020), de Madalosso, provoca, segundo Filgueiras, uma mudança estrutural no romance brasileiro ao contar a história de uma babá que rapta a filha da patroa e, de modo inovador, oferece a versão da própria babá sobre o episódio, abandonando a herança da chamada “literatura de testemunho”, em voga nos anos 1980, em que mulheres da base da pirâmide social começaram a contar suas histórias, mas sempre com a mediação de alguém, às vezes a própria empregadora.

Publicado em 2022, “Solitária”, de Eliana Alves Cruz, enfoca duas personagens: Eunice, trabalhadora doméstica, e Mabel, sua filha. Na obra, Alves Cruz coloca o próprio quarto de empregada como um personagem, o que Filgueiras considera disruptivo. “Na ‘Paixão Segundo G.H.’, o quarto de Janair está lá e, quando a patroa entra, tem aquela epifania. Mas aqui na Eliana ele fala, conta as verdades.”

Continua na pág. 87



Continuação da pág. B6

Já Guerra inova ao trazer personagens cuja labuta principal é limpar banheiro alheio, mas que também amam, agem de modo edificante, são afiadas, depressivas, críticas e, por que não, cruéis.

"Perifobia", de 2018, traz ao menos dez contos protagonizados por trabalhadoras domésticas. O primeiro deles, denso e delicado, é uma excelente amostra do apetite da autora em retratar outro universo, muito além da falta e da escassez que, não obstante, estão lá.

"Foi a primeira vez que vi uma trabalhadora doméstica revidando, dizendo que não vai trabalhar, que a patroa a explora demais", diz Filgueiras. "Alguém imagina Tia Nastácia dando o cano no trabalho?"

Filha e neta de trabalhadoras domésticas, Guerra olha para a categoria de um jeito diferente e talvez ajude a engrossar um universo de leitoras também negligenciado.

Pesquisa divulgada em março pela Câmara Brasileira do Livro em parce-

ria com a Nielsen BookData aponta que mulheres são 61% dos consumidores de livros no Brasil, e, de modo surpreendente, indica que as mulheres pretas e pardas da classe C lideram esse grupo.

A própria vida da pesquisadora, da quinta geração de uma família de cafeicultores escravocratas da Zona da Mata de Minas Gerais que faliram com a abolição, daria um romance, talvez desses mais antigos.

As gerações mais recentes da família, de migrantes que vieram do interior de Minas para se tornar operários em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, tinham empregada doméstica.

A madrinha de Filgueiras trabalhou como doméstica na casa de sua avó, em um bom exemplo de prática fundada em uma ambiguidade que ilustra a realidade complexa desse tipo de relação: ser "parte da família" não é só hipocrisia.

"Você fica muito próxima afetivamente das trabalhadoras das famílias sem que elas sejam da família, em uma

**'Não vai ter um escritor da ABL [Academia Brasileira de Letras] que vai acordar e se interessar por uma personagem doméstica. Não é assim que elas entram na nossa literatura, elas entram quando outros autores pegam essa caneta', diz pesquisadora**

espécie de embaralhamento afetivo e apaziguamento forçado das relações. O Brasil é ferido nessa dependência", diz. Resultado também dessas contradições, a tese de Filgueiras, "Quirinas", é uma homenagem a um conto de Lima Barreto, de 1904.

Nele, uma babá centenária chamada Quirina é abandonada para morrer em um hospital, o que abre espaço para a protagonista contar a sua história. O conto, no entanto, foi encontrado inacabado muitos anos depois da morte do próprio Lima Barreto.

Filgueiras diz que a biógrafa do autor, Lília Schwarcz, indica que a história que está no conto é muito parecida com a da avó do escritor, o que reforça a sua tese: levou tempo, mas, investidas de autoria, são as netas e as filhas dessas figuras que vão contar a trajetória de suas mães e avós.

**Quirinas**

**AUTORA:** Mariana Filgueiras. **EDITORAS:** Eduff e Pangeia. **QUANTO:** ebook gratuito no site [www.editorapangeia.com.br](http://www.editorapangeia.com.br)

ilustríssima ilustrada

# Um novo horizonte na TV

**[RESUMO]** Novela singela da Globo abre novas fronteiras para o poder narrativo da TV aberta. Com história de tom fabular sobre as relações entre um reino da África e uma pequena cidade nordestina, 'A Nobreza do Amor' oferece um modelo inovador de representação com seu mergulho na cultura negra

Por **Rosane Borges**

Jornalista, professora da PUC-SP e integrante da Comissão Organizadora da Marcha das Mulheres Negras

Em tempos nos quais a inteligência artificial generativa parece desembainhar a espada de Dâmocles sobre o pescoço dos processos criativos articulados pela linguagem humana, como pensar as narrativas ficcionais? Num momento em que se enfileiram argumentos que decretam o fim do modelo de transmissão de conteúdo e concebem a TV 3.0 como a boia de salvação para a permanência do gesto de tele-ver, quais os prognósticos que emolduram a tela de um aparelho que nos acompanha desde a década de 1950?

A estas indagações, engato outras menos grandiloquentes: o que ainda podem a televisão e as telenovelas? E mais especificamente: quais os pratos que "A Nobreza do Amor", folhetim da faixa das 18h, faz girar de tal modo que pelas lentes do microscópio (uma novela singela que conectou o Brasil à África) consegue ampliar a visão coletiva e nos oferecer o telescópio (reposicionamento do papel da televisão, reativando, assim, a promessa perpétua de conjugar performatividade técnica com expressividade humana, numa ambiência em que o novo rebento da TV digital, a TV 3.0, está à espreita)?

Depois do 13 de Maio, em que se reatualizam os sonhos por liberdade e emancipação, e no contexto em que a PEC da Reparação ganha maior tração no tecido social, pode-se afirmar que "A Nobreza do Amor" instaura um gesto de restituição, oferece a pedra de toque para se auferir o valor das narrativas ficcionais comprometidas com o espírito do tempo, que no caso da história negra se materializa no tempo espiralar.

\*

Munida do microscópio e do telescópio, paralelo estabelecido por Gabriel García Márquez, faço um breve exame de uma novela que se aloja no coração das perguntas acima referidas e destaco que, além das questões que se incrustam na ponta do iceberg (o laço indissolúvel entre imaginários, representação e visibilidade, mobilizados para reposicionar histórias e personagens até bem pouco tempo à margem da teledramaturgia, o que não é pouca coisa), "A Nobreza do Amor", escrita por Duca Rachid, Elisio Lopes e Julio Fischer, oferta uma narrativa que está à altura do nosso tempo.

As micro-histórias que se entrecruzam desenhando uma trajetória que po-

de se constituir como matriz na conta longa, para usar expressão dos maias, no território da produção de imaginários — pelo que se vê nos últimos anos, tarefa para a qual a TV Globo vem dispensando esforços que se interseccionam. As novelas "Lado a Lado" (2012), "Amor Perfeito" (2023) e "Garota do Momento" (2025), todas da faixa das 18h, são exemplos que se podem destacar das iniciativas positivas.

Do lugar de consumidora e pesquisadora de televisão/telenovelas, observo o atual folhetim das 18h e, ao descer as camadas da ponta do iceberg do reino de Batanga, na África, e de Barro Preto, no Rio Grande do Norte, vemos os pratos girarem em torno do suporte que lhe dá fundamento e plasticidade.

Ao renovar o painel da ficção, "A Nobreza do Amor" prolonga o papel da TV em sua dimensão narrativa: oferece o novo, que exala o cheiro do orvalho primaveril, mantendo a estrutura invariante do folhetim.

Machado de Assis costumava dizer que a história é uma dama elegante cheia de caprichos, constatação que pode ser transplantada para a TV, uma senhora dama com 76 anos de Brasil e 100 de mundo que não para de clamar incessantemente por inovação. "Imaginávamos estar em porto seguro e novamente somos lançados ao mar!" — a frase de Leibniz, decididamente, parece ser o mantra dos gestores do audiovisual.

A trajetória robusta, centenária, da TV no mundo nos leva a nuançar as perspectivas catastróficas e fatalistas. Para os espíritos apressados, é preciso insistir que as mudanças tecnológicas expressam sobretudo reajustes e reorientações para que a expressividade humana encontre lugar no aparato da performatividade instrumental, e menos uma ameaça existencial.

É preciso insistir: quando o que está em jogo é a produção de narrativas ficcionais, somos testemunhas do quanto esses reajustes expandem a plataforma das narrativas na qual apostamos quase todas as nossas fichas (as novelas verticais são a quintessência desses reajustes).

Tal como a aposta de Blaise Pascal num Deus de existência incerta e demonstração improvável, apostamos no final feliz, nos casais amorosos, na vitória do bem sobre o mal, no amórdio (amor e ódio) destinado aos/às bons/boas vilões/ás.

Continua na pág. B9



Lázaro Ramos interpreta o personagem Jendal em 'A Nobreza do Amor'. Estevam Avellar/Divulgação TV Globo

**Ao renovar o painel da ficção, 'A Nobreza do Amor' prolonga o papel da TV em sua dimensão narrativa: oferece o novo mantendo a estrutura invariante do folhetim**

Continuação da pág. B8

Sempre apostamos e sempre retornamos ao hábito rotineiro, quase litúrgico, de assistir aos folhetins eletrônicos.

Telenovelas são construções imaginárias que vão sendo tecidas ad infinitum numa cadeia aparentemente ininterrupta em que tentamos satisfazer nossas demandas e desejos. Já que as narrativas que se referem ao real são sempre deficitárias, incompletas, posto que falam do inatingível, de uma parte inacessível que todos nós carregamos, o esforço contínuo é tentar acessar esse inacessível.

A ficção tem o papel de superar essa dificuldade, nos tele-transportando para um mundo de fantasias em que o inacessível se torna acessível, em que o inatingível se torna próximo, em que o estranho se torna familiar, apaziguando os dilemas que nos atravessam permanentemente.

Este é mais um dos pratos que a novela da faixa das 18h faz girar: a demanda por um Brasil plural que reconhece suas matrizes civilizatórias, com protagonismo do continente africano, que encontra abrigo no desejo autoral para que a ficção expanda o horizonte dos possíveis, amplificando os imaginários que emancipam.

Demanda do público e desejo autoral se juntam, como os elementos de uma equação, ao propósito da casa em se manter relevante sem abrir mão do que é inegociável: atualização tecnológica que caminha junto com produção de narrativas que nos conectam com o inacessível que carregamos.

\*

Ao recolocar demandas e reatualizar desejos, "A Nobreza do Amor" se configura como uma obra inaugural porque traz um tema inovador: as relações entre Brasil e África que nos legaram um laço indissolúvel que formou o país. O continente africano deu um povo para o país, como costumava dizer a pensadora negra e feminista Lélia Gonzalez, e, com ele, toda uma bagagem civilizatória.

Já que a televisão se tornou a máquina de fabulação mais expressiva inventada até o momento, "A Nobreza do Amor" parece confirmar o seu papel de, a cada dia, oferecer o novo que sempre retorna (a continuidade do "novellus" discursivo espelha bem essa situação).

A tensão entre o novo e o velho, o conhecido e o desconhecido é uma questão nevrálgica na TV. É preciso inovar sem, com isso, quebrar o pacto com a audiência, cumprir a promessa dentro de um contrato estabelecido. O contrato é fundamental para que o público deponha seu olhar nas fatias da telenovela que são servidas diariamente.

\*

Como se cumprem as três promessas anunciadas na aurora da televisão: informar, entreter e educar? De que maneira pensar em contrato, promessa e pacto para a promoção do laço social?

"A Nobreza do Amor" vem estabelecendo um pacto no qual a sustentação do tripé acima mencionado se dá sobre bases éticas e estéticas que produzem novos repositórios de imagem e constroem a memória de um país, Brasil, e de um continente, África, invisibiliza-

dos em grande medida pelos arquivos oficiais naquilo em que se testemunha o protagonismo das pessoas negras no teatro da vida.

As pontas deste laço são ligadas por uma ambiência na qual as cosmologias afro-brasileiras compõem um cenário a partir do qual formas de existência plúrais são validadas. Na cena do primeiro capítulo, na qual é feita a consulta ao Oráculo, o jogo de Ifá aparece como trilha orientadora para compreender o destino.

Trata-se de uma cena bem tramada, orientada por uma inteligência estratégica porque o que importa não é a transparência do jogo como ele é, mas uma oportunidade de se conhecer um saber ancestral, sem desfigurá-lo.

Esse primado é a pedra fundamental das cosmologias africanas e indígenas. Makota Valdina, uma grande sacerdotisa, educadora e ativista, costumava dizer que a dimensão do segredo e do mistério das religiões de matriz africana deve ser preservada quando transportada para a arte e a ficção. É preciso que a opacidade, o desvio, o "erro aparente" (que não é erro, é estratégia) preservem o que não pode cair nas malhas da visibilidade total.

Manoelzinho Salustiano, diretor da Associação de Maracatus de Baque Solto, diz que o símbolo de maior mistério é o cravo que o caboclo de lança leva na boca: "É segredo, não pode ser revelado; só é revelado a quem tem o pertencimento".

O cacique Babau, uma referência fundamental dos povos tupinambás, costuma defender que os rituais de sua etnia são sempre preservados — e quan-

do estetizam algumas práticas, estas são sempre desviantes e dinamizadas pelos rituais de outras etnias.

Pelo que se viu, "A Nobreza do Amor" foi ninja nessa operação porque soube mostrar ocultando o jogo, num desvio que uma leitura apressada registra como erro ou falta.

"A Nobreza do Amor" é nobre sobre vários aspectos e, do alto da sua nobreza, demonstra o quanto a telenovela pode ganhar ainda mais espaço, coexistindo com as inovações da TV 3.0, na contracorrente de uma certa crítica que analisa os suportes de comunicação amparada pela lógica da substituição (não nos esqueçamos de que o único suporte de comunicação substituído foi o papel, que deu lugar ao papel).

A televisão ainda tem muito a nos contar, a fabulação crítica ainda precisa projetar histórias como a do Reino de Batanga e de Barro Preto: a um só tempo leve, singela, política, pedagógica e emancipada. Sem sombra de dúvidas, os autores não amarelaram!

\*

PS: antes que o leitor possa eventualmente associar o amarelar aos povos asiáticos, um "disclaimer": peço licença para dizer que o termo aqui não se conecta com o estereótipo negativo, mas se abre às avenidas de significação que o termo comporta, histórica e culturalmente consolidadas. Chequei, procurei fontes, "prestei atenção" e posso assegurar que neste caso o uso da linguagem segue o leito da polissemia, livre das amarras de âncoras preconceituosas e discriminatórias. ←

teatro  25 anos

Grandes Baratos apresenta

# A AUTOESTIMA DO HOMEM HÉTERO

06/07

INDICAÇÃO NA PRÊMIO DO MELHOR MELHOR TEXTO

INDICAÇÃO DO MELHOR MELHOR DIREÇÃO

14

CRIAÇÃO E ATUAÇÃO  
**AMANDA MIRÁSCI**

DIREÇÃO  
**MARTHA NOWILL**

**Seg. e Ter., 20h**  
De R\$35 a R\$70\*

PROAC SP Germed PARDAM CULT SP SÃO PAULO

Shopping Pátio Higienópolis  
Av. Higienópolis, 618 - Terraço  
Televendas: 3823-2737

Realização:  Patrocínio:      

\*Valor do ingresso variável de acordo com a sessão, meia-entrada e demais descontos. Consulte a bilheteria.  
[teatrouol.com.br](http://teatrouol.com.br)

Alvará do corpo de bombeiros - Validade 03/07/2026; Alvará funcionamento local de reunião (AFLR) - Processo 1020.2024.0004487 e Acessibilidade - Processo 1020.2023.0024165-9.

Compre aqui 

[@teatrouol](https://www.instagram.com/teatrouol)  
[/teatrouol](https://www.facebook.com/teatrouol)

# A guerreira das galáxias

**[RESUMO]** Ícone da ficção científica no cinema desde que o primeiro 'Alien' alavancou sua carreira, em 1979, a atriz Sigourney Weaver volta ao gênero no filme 'Star Wars: O Mandaloriano e Grogu', no qual novamente encara uma missão mortal em uma galáxia muito, muito distante. Em entrevista, ela fala das muitas personagens poderosas que viveu no cinema e da mudança de mentalidade em relação às mulheres em Hollywood

Por **Duda Leite**

Jornalista, cineasta e curador



A atriz Sigourney Weaver em evento de lançamento do filme "Star Wars: O Mandaloriano e Grogu", em Los Angeles. Chris Delmas/AFP

Salvar o mundo de ameaças alienígenas é com ela mesma. Aos 76 anos, a atriz americana Sigourney Weaver reafirma sua trajetória icônica na ficção científica ao interpretar a Coronel Ward no elenco do novo filme da multibilionária saga "Star Wars", "O Mandaloriano e Grogu", em cartaz nos cinemas.

Galáxias distantes não são exatamente uma novidade na filmografia dela. Sigourney Weaver levou o feminismo para o espaço em "Alien - O Oitavo Passageiro" (1979), de Ridley Scott, como a durona Ellen Ripley, a única tripulante da Nostromo capaz de enfrentar a criatura alienígena do título. Sigourney foi indicada ao Oscar pela sequência "Aliens - O Resgate", de 1986.

Já na franquia "Os Caça-Fantasmas", iniciada em 1984, interpretou a violoncelista Dana Barrett, papel que conseguiu ao imitar um cachorro durante sua audição com o diretor Ivan Reitman. Mais recentemente, no universo "Avatar" de James Cameron, outra das franquias mais lucrativas da história, interpretou dois papéis, a doutora Grace e sua filha Kiri. Em "O Mandaloriano e Grogu", dirigido por Jon Favreau (de "O Homem de Ferro"), Sigourney tem que lutar para manter a Nova República no poder, contra o Império.

Na entrevista abaixo, a atriz faz um paralelo entre a guerra no espaço e a vida real. "A democracia do meu país está passando por um momento delicado e precisa de nós para ajudá-la. A coronel Ward é uma representação de todas as mulheres que estão servindo no Exército, que são calmas e 'cool', que tomam decisões baseadas no seu instinto feminino."

**Você se tornou uma musa da ficção científica. Acredita que esse gênero te permita mais liberdade para criar um personagem?** O mundo do cinema e da TV são repletos de histórias e gêneros diferentes. Não faço minhas escolhas baseadas no gênero. Para mim, sempre há um grau de fantasia em tudo o que eu faço. Todos os meus personagens são maiores do que a vida. Mas talvez eu tenha mais liberdade na ficção científica.

Por exemplo, em "Os Caça-Fantasmas", quando me transformo em um cachorro, o que, aparentemente, foi ideia minha. Eu disse para o Ivan [Reitman] que queria me transformar em um cachorro, se fosse fazer aquele personagem. E ele mudou isso no roteiro, e eu acabei me transformando. Nesse caso, era uma fantasia com toques de comédia. E eu tive liberdade total para me transformar nesse demônio.

Acredito que meu trabalho vem com essa permissão. Posso fazer essas coisas. Sempre posso trazer esse elemento de realidade e verdade, mas também algo mais desafiador e fora do comum. Para conseguir o máximo efeito. Adoro isso sobre o meu trabalho.

**Como foi sua escalção para participar desse novo filme da série "Star Wars", o primeiro em sete anos?** O [diretor] Jon Favreau me procurou para interpretar essa oficial da Nova República, lutando contra os rebeldes. Ela é uma piloto. Meu trabalho como coronel é delicioso. Jon estava buscando alguém que pudesse interpretar uma fi-

gura de autoridade, mas que também pudesse encontrar a comédia dentro dessa situação estranha.

Eu tenho que mandar o Mandaloriano [interpretado por Pedro Pascal] e Grogu para esta missão extremamente perigosa e importante, em busca de um vilão que está aterrorizando a União, nos locais mais distantes da galáxia. Eu fiquei encantada em fazer parte desse mundo, de uma forma tão inesperada. Adorei interpretar um piloto pela primeira vez. Achei bem divertido fazer as coisas de um piloto.

**Você poderia nos contar um pouco mais sobre seu personagem, a coronel Ward?** A coronel Ward faz parte da mesma linhagem da princesa Leia. Ela faz parte dos rebeldes que querem se livrar do Império e de toda a sua herança. Finalmente eles conseguiram implantar a Nova República, mas é ainda uma República inexperiente.

Eu estou em um lugar da galáxia onde os senhores da guerra estão se escondendo. E aterrorizando as comunidades locais atrás de dinheiro e poder. Portanto, o trabalho da coronel Ward é lutar contra os senhores da guerra que ela acredita que ainda estão por lá. Ela está tentando localizar esses inimigos, que querem a volta do Império.

Consigo me conectar, porque a democracia do meu país está passando por um momento delicado e precisa de nós para ajudá-la. Para mim, a coronel Ward é um reflexo das mulheres que estão servindo no Exército, que são calmas e "cool", que tomam decisões baseadas no seu instinto feminino. Usando

todas as qualidades de ser uma mulher para fazer melhor seu trabalho.

Durante sua carreira, você interpretou alguns personagens bastante icônicos, em vários filmes de ficção científica. Muitas mulheres poderosas, como é o caso neste novo filme. Você acredita que pode ajudar a empoderar as mulheres, tanto na frente como atrás das câmeras? Poxa! Espero que sim. Estou apenas refletindo o que vejo na vida real. De fato, acho que nós salvamos o dia todos os dias. Nós estamos nas trincheiras, com nossas famílias, cuidando dos mais velhos, mesmo quando temos nossas carreiras e nossas profissões. Tudo sempre acaba caindo nos ombros das mulheres.

Acredito que nós mulheres somos incrivelmente fortes e produtivas. Minha mãe ficou frustrada porque não pôde seguir uma carreira. Ela tinha um grande potencial, que nunca pôde explorar. Esse é um dos motivos pelos quais gosto de interpretar mulheres que estão fazendo seus trabalhos. E isso pode ser visto em todas as áreas de trabalho.

Ainda não conseguimos equiparar nossos salários, pelo menos nos Estados Unidos, e acredito que em toda parte. E a maioria das mulheres ainda não está fazendo o trabalho de que são capazes. Ainda não há vagas suficientes para elas.

Sobre a coronel Ward, sempre admirei as mulheres do nosso Exército. Eu sinto a calma delas durante uma crise. Minha personagem trabalha diretamente com seu instinto. Quando ela envia Mando e Grogu para fazer este trabalho, ela está tomando uma atitude arriscada.

Continua na pág. B11

Continuação da pág. B10

**Para você, qual é a mensagem mais importante da saga "Star Wars"?** Eu acredito que é sobre o amor. Acho que é sobre o que acontece quando Mando vê esse jovem [Rotta, o Hutté, dublado por Jeremy Allen White], que está quase sendo levado por um homem repressível [Lord Janu (Jonny Coyne)], mas que, ao se juntarem, eles crescem, e começam a confiar um no outro.

Para mim, o mais emocionante do filme é que o público está na mesma posição do meu personagem, todo mundo que assistiu à série ["The Mandalorian, no Disney+"] viu os dois personagens em diversas situações. Mas nunca vimos Mando e Grogu terem que enfrentar desafios separadamente. Eles estavam sempre juntos, isso é uma diferença.

Neste filme, vemos Grogu [o Baby Yoda, dublado por David Acord] enfrentar muitos desafios para cuidar do seu amigo. E ele brilha ao enfrentá-los, de formas bem imprevisíveis. E de uma forma tão charmosa, emocionante e tocante, que só comprova que Mando estava certo ao confiar em Grogu, como todos nós deveríamos. É uma relação muito bacana. Quem não gostaria de ter um amigo como esse?

**O público têm suas próprias expectativas em relação ao filme. Essa foi uma experiência recompensadora para você?** Eu assisti ao filme recentemente, e achei maravilhoso. Eu estava acostumada a assistir à série na tela pequena, e já achava ótimo. Jon Favreau criou um filme muito emocionante em uma grande escala, com cenários imensos, mas, ao mesmo tempo, com uma história bem intimista e doce. Sobre um homem e seu aprendiz, na qual ambos têm que enfrentar enormes riscos para proteger um ao outro, e proteger a Nova República.

Achei satisfatório em vários níveis. É um filme delicioso e memorável. Acre-

**Quando comecei a fazer filmes, o único público-alvo com que os estúdios se preocupavam eram garotos de 18 a 21 anos. No máximo 25. As mulheres não tinham importância. Os executivos achavam que as mulheres iriam ver qualquer coisa que os garotos quisessem. E, agora, mesmo para um filme como 'O Mandaloriano', o público feminino é considerado bem importante. E, provavelmente, este foi um dos motivos pelos quais fui chamada a participar**

dito que é nas salas de cinema onde a magia pode realmente acontecer. É onde você vai conseguir se transportar para esta galáxia muito, muito distante. Onde vivem dezenas de criaturas diferentes. É muito bom poder entrar e se perder neste mundo.

**"Star Wars" influenciou muitos atores. O que a série significa para você?** Eu me lembro de ver o primeiro filme [em 1977] em um velho cinema em Nova York, o Ziegfeld, que infelizmente, não é mais um cinema. Era um lugar maravilhoso para ver "Star Wars". Isso foi antes de "Alien - O Oitavo Passageiro".

"Star Wars" tinha atores incríveis, incluindo Carrie Fisher, interpretando a princesa Leia, uma heroína bastante poderosa. E também engraçada, humana, bem ligada ao futuro.

Eu acredito que haja outros mundos. E quando penso nas nossas guerras, se alguém viesse de outro planeta, alguém que tenha uma cabeça, dois braços e duas pernas, e sem rabo, acredito que chegariam à conclusão de que precisamos nos unir.

O que eu gosto em "Star Wars" é que todos se dão bem. Sim, existem os vilões, mas todos estão vivendo em uma certa harmonia. Pessoas de mundos tão diferentes. Essa foi uma visão que eu adorei. E que me trouxe um pouco de esperança para o nosso mundo.

Uma coisa que eu gosto neste filme é que estamos com criaturas, algumas das quais eu já conhecia, como o Jabba, the Hutt, cuja família está de volta. Podemos visitar algumas de nossas memórias deste mundo, mas de uma forma totalmente nova.

**Algumas atrizes se queixam de que, quando chegam a uma certa idade, as oportunidades diminuem. Porém, no seu caso, parece acontecer quase o oposto: aos 76 anos, você não para de trabalhar em projetos bem diferentes. Você acha que esta percepção está mudando, aos poucos?** Acho que está mudando sim. Quando comecei a fazer filmes, o único público-alvo com que os estúdios se preocupavam eram garotos de 18 a 21 anos. No máximo 25. As mulheres não tinham importância. Os executivos achavam que as mulheres iriam ver qualquer coisa que os garotos quisessem. Elas nem faziam parte desse mundo.

E, agora, mesmo para um filme como "O Mandaloriano", o público feminino é considerado bem importante. E, provavelmente, este foi um dos motivos pelos quais fui chamada a participar. Para que as pessoas pudessem ver uma mulher bastante realista dentro deste mundo.

Vejo isso também no próximo projeto em que estou trabalhando, a série "Tomb Raider", escrita por

Phoebe Waller-Bridge. A Lara Croft é tão moderna, tão incrível e corajosa que deixa James Bond no chinelo.

Portanto, acho que há uma mudança nesse sentido. Somos vistas como parte da comunidade. Mas, no meu país, ainda existem pessoas que querem que fiquemos na cozinha, enfim...

Me sinto como uma representante de uma geração dessa faixa etária, que antes nem existia. Quando havia uma personagem para uma mulher mais velha, era sempre uma caricatura.

Portanto, ser chamada para fazer essas personagens me faz pensar que tanto a indústria como o público mudaram suas percepções sobre quem vale a pena ser visto. E que devemos incluir mulheres mais velhas, sem dúvida. Estou muito orgulhosa em fazer parte da vanguarda deste movimento. ←

## Um homem simples

Romance de Joseph Roth narra trauma de judeus de forma profundamente humana

**Juliana de Albuquerque**

Escritora, doutora em filosofia e literatura alemã pela University College Cork e mestre em filosofia pela Universidade de Tel Aviv

Escrito por Joseph Roth (1894-1939), "Jó: Romance de um Homem Simples" (ou "a história de um homem simples", na tradução literal do inglês), de 1930, é um dos livros mais bonitos que li neste primeiro semestre. Com ares de fábula e enredo inspirado na Bíblia, como o próprio título sugere, o romance conta a história de Mendel, um judeu religioso que vive com a família em uma cidadezinha nos confins do Império Russo no início do século 20.

Embora muito pobre, Mendel mantém uma convivência harmoniosa com a esposa Deborah e os três filhos —Jonas, Shemariah e Miriam— até o nascimento do caçula, Menuchim, portador de uma condição médica que afeta seu desenvolvimento. O choque diante da situação do filho, bem como as discordâncias sobre como lidar com ela, aos poucos afastam o casal e transformam a dinâmica familiar.

Mendel não concorda que o bebê seja levado para um hospital russo, embora sua esposa tenha sido aconselhada por um médico de que, com o acompanhamento adequado, Menuchim seria capaz de se desenvolver como qualquer outra criança.

O principal receio do pai é que, no hospital, o filho acabe se distanciando das tradições judaicas. Porém, Mendel também não se deixa convencer pela previsão de um rabino milagreiro, que diz à sua esposa que Menuchim ficaria curado.

O tempo passa, e os filhos do casal atingem a idade adulta. Jonas resolve entrar para o Exército russo. Shemariah, por sua vez, deixa a região clandestinamente para evitar o serviço militar. Apenas Menuchim e Miriam permanecem com os pais. Menuchim quase não demonstra qualquer sinal de desenvolvimento, enquanto Miriam se torna amante dos soldados estacionados na vizinhança.

Após um longo período sem notícias, Shemariah entra em contato com a família para dizer que havia se tornado comerciante nos Estados Unidos, estava bem de vida e mandaria ajuda para que todos se juntassem a ele em Nova York.

Mendel vê na mudança de país uma oportunidade de resgatar a reputação da filha, mas percebe que ainda não teria condições de levar Menuchim consigo. Assim, o rapaz é deixado aos cuidados de uma família conhecida.

Nova York em nada se assemelha ao velho mundo, e algumas das passagens mais interessantes do livro tratam justamente das impressões de Mendel sobre a cidade e sobre a maneira como a esposa e os filhos acabam se assimilando à vida nos Estados Unidos.

Embora satisfeito com o sucesso de Shemariah e com o restabelecimento da reputação de Miriam, Mendel não consegue se adaptar à cidade e nunca deixa de sonhar com o dia em que finalmente poderá trazer Menuchim para perto de si.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial, no entanto, provoca uma reviravolta em sua vida. Shemariah, que decide juntar-se ao Exército americano, morre em combate. Ninguém mais tem notícias de Jonas, e todos passam a acreditar que Menuchim, incapaz de cuidar de si mesmo, só poderia estar morto.

Deborah sucumbe à notícia da morte de Shemariah. Pouco depois, Miriam tem um colapso nervoso e acaba internada em um hospital psiquiátrico.

Sozinho em uma terra estranha, Mendel não consegue encontrar sentido para a ruína da própria família e, a exemplo do Jó bíblico, também acaba se revoltando contra Deus. Ora, não havia sido ele um homem bom, correto e temente ao Senhor? O que poderia ter feito de errado para ser acometido por tamanho sofrimento?

O romance de Roth, no entanto, está longe de ser apenas mais uma versão de uma história já bastante conhecida, na qual o sofrimento de um homem piedoso é redimido por um milagre que lhe restitui tudo o que havia perdido.

Ao final do livro, como era de se esperar, Mendel reencontra Menuchim e outros pequenos milagres se seguem. Porém, o que faz de "Jó: Romance de um Homem Simples" uma grande obra é a maneira profundamente humana com que Roth escreve sobre as experiências de modernização, trauma e deslocamento das populações judias do Leste Europeu na primeira metade do século 20, articulando-as à busca de sentido de seu protagonista e ao questionamento moral de inspiração bíblica.

Deixo aqui, portanto, minha sugestão de leitura.

ilustríssima **ilustrada**

# Frei Betto pede misericórdia

**[RESUMO]** Em 'O Voo da Locomotiva', seu novo romance sobre a ditadura brasileira, frade católico que foi preso e torturado pelo regime militar aborda a dor dos militantes que sucumbiram à tortura e delataram amigos, dizendo-se ainda um esquerdista convicto que não vê saída para o país no capitalismo

Por **Anna Virginia Balloussier**

Repórter especial da **Folha** e autora do livro 'O Púlpito'



Frei Betto durante uma entrevista em 2024  
Karime Xavier - 8.mai.2024/Folhapress

Há um nome para designar militantes que viram a casaca e passam a colaborar com a ditadura: cachorros. Cabo Anselmo, o mais notório agente duplo a serviço da ditadura militar brasileira, entregou dezenas de militantes ao delegado Sérgio Paranhos Fleury, inclusive sua namorada, a guerrilheira Soledad.

A protagonista de "O Voo da Locomotiva", sexto livro que Frei Betto lança sobre esse período, também delatou. Mas o escritor e teólogo de 81 anos, que falará neste domingo (31) no palco da Feira do Livro em São Paulo, não a condena.

O autor prefere escrutinar as contradições humanas sob regimes de exceção, usando a ficção para tratar de um tema que define como "suicídio moral": a trajetória daqueles que, sob tortura, repassaram a seus algozes informações que vitimaram companheiros de luta.

A trama tem por base a história real da chilena Luz Arce, que Betto conheceu nos anos 1970. Foi a própria Luz,

uma ex-guarda-costas do governo de Salvador Allende, que lhe contou como virou agente colaboradora da ditadura de Augusto Pinochet, a mesma que a torturou brutalmente. Ela escreveu um livro sobre isso, "O Inferno".

O frade dominicano, ele próprio preso e torturado pelos militares brasileiros no passado, diz à **Folha** que ficou "mordido pela ideia de um dia transformar isso num romance adaptado ao Brasil". Foi o que fez. Rosa Maria é quem personifica a descida aos infernos de uma militante de esquerda.

Figura indissociável da Teologia da Libertação, o católico não vê escolha senão ter "um olhar de misericórdia" para aqueles que, como Luz ou Rosa, sucumbiram à brutalidade ditatorial.

"Quando a pessoa, sem nenhuma tortura, passa deliberadamente a colaborar, aí sim, eu considero um cachorro, uma traição. Mas quando ela age por um sofrimento atroz, isso é digno de

**'Quando a pessoa, sem nenhuma tortura, passa deliberadamente a colaborar, aí sim, eu considero um cachorro, uma traição. Mas quando ela age por um sofrimento atroz, isso é digno de misericórdia. Presos políticos sempre tiveram essa compreensão', afirma Frei Betto**

misericórdia. Presos políticos sempre tiveram essa compreensão com aqueles que não suportaram o limite da dor."

Há muitas cenas gráficas em sua obra. De um estupro praticado por um sargento que ordenava que a mulher gozasse, enquanto ele, prestes a ejacular, afundava a cabeça dela na banheira. Ou da cadeira do dragão, instrumento de tortura metálico projetado para imobilizar a vítima e conduzir eletricidade por todo o seu corpo, uma dor tamanha que fazia exalar "o odor fétido de sangue, merda e urina".

O ponto central da obra é a colaboração de Rosa, ato que ela descreve como uma "hemorragia sem que haja sangue".

Betto também considera em sua narrativa como a ditadura usou "pessoas que não tinham nada a ver" para forçar presos a delatar. "Isso foi muito utilizado por todos os sistemas repressivos que a gente conhece, uma pressão que junta a dor com o emocional, e o emocional pega fundo, né? Então a pessoa resiste, resiste, mas na hora que vê a esposa, um filho ou a mãe sendo torturado ou ameaçado, realmente, é preciso ter uma resistência heroica para poder suportar essa ameaça."

Rosa reconhece que "se não há memória, não há história". Frei Betto espelha na atualidade a frase de sua protagonista. Inquieta-se com o que vê como dessensibilização da sociedade em relação às atrocidades do regime militar.

Segundo o autor, o Brasil falhou em trabalhar o resgate da memória, o que permitiu que o período da ditadura fosse "clandestinizado" ou abrandado em salas de aula pelo país.

Essa lacuna é o que explica, na visão de Betto, a ascensão de movimentos que defendem abertamente o regime militar e relativizam a tortura. A popularidade da extrema direita o assusta. "Pode levar a movimentos repressivos tão intensos e bárbaros como aqueles que a gente viveu nos anos 1970", diz.

Ele põe nessa conta o conflito travado entre o governo israelense e o Hamas. "Fico muito impressionado com o que vejo hoje em Israel. Depois de tudo que os judeus sofreram na Segunda Guerra, o que fizeram em Gaza, para mim, é um sinal de que infelizmente muitas vezes a história se repete."

Frei Betto não poupa críticas à própria esquerda. Ele descreve militantes da época como "crianças brincando de faroeste, empolgadas com suas espadas de pau, seus revólveres de plástico".

Também não deixa de apontar a barreira elitista que muitas vezes separava a esquerda das bases populares, ironizando a atuação de "fedelhos esquerdistas" que, por dominarem conceitos como "materialismo histórico", sentiam-se autorizados a dar aulas para operários experientes e exaustos.

É uma casca de banana na qual forças progressistas ainda escorregam. O frade defende que a saída é o retorno ao trabalho de base e à educação popular. "Faço essa crítica de que fora do povo não há salvação. Costumo usar essa frase porque, na tradição da Igreja, dizia-se que fora da igreja não há salvação."

Apesar dos pesares conservadores, Frei Betto, amigo do presidente Lula (PT) e esquerdista convicto, diz que mantém viva a fé na utopia. Não por acaso faz sua Rosa traduzir o socialismo como o "nome político do amor".

"Pode ser socialismo, comunitarismo, partilharismo, o 'ismo' não me interessa. Fato é que não vejo salvação para humanidade dentro do capitalismo, um sistema em que o capital está acima dos direitos humanos." ←

**O Voo da Locomotiva**

AUTOR Frei Betto. EDITORA Rocco.

PREÇO R\$ 59,90 (160 págs.)



O artista plástico Julio Le Parc em abertura de exposição no Instituto Tomie Ohtake, em 2017. Yamil Le Parc/Divulgação

## Morre Julio Le Parc, mestre da arte cinética

Um dos fundadores do Grav, grupo de pesquisa que questionou tradições, o argentino radicado na França tinha 97 anos e repensou, ao longo da carreira, os limites dos seus trabalhos a partir de efeitos luminosos e do uso das cores

Davi Galantier Krasilchik

**SÃO PAULO** O artista Julio Le Parc, reconhecido por investigar propriedades da luz, das cores e do movimento, morreu, no último sábado, aos 97 anos. A informação foi divulgada pela galeria Nara Roesler, que representa, no Brasil, o expoente da arte cinética nascido na Argentina e radicado em Paris, na França.

“Nós lamentamos profundamente a perda de Julio Le Parc, um amigo e artista excepcional cuja obra transcendeu as fronteiras da arte. Sua paixão pela criatividade e sua capacidade de transformar luz e movimento em experiências inesquecíveis continuarão inspirando gerações”, disse a galerista Nara Roesler, em publicação nas redes sociais.

Ele estava internado havia dois dias num hospital em Paris e, nos últimos anos, sofreu um acidente vascular cerebral, enfrentou internações recorrentes por causa de insuficiências respiratórias e teve Covid-19 duas vezes durante a pandemia. Nos últimos meses de vida, Le Parc recebia assistência diária. Um dos fundadores do Grav — o Grupo de Pesquisa em Artes Visuais, na sigla em francês, que desafiou tradições na década de 1960 —, Le Parc subverteu em seus trabalhos os limites das artes com efeitos provocados pela luz no espaço e técnicas históricas como o uso de acrílico em tela.

Nascido em 1928, na cidade de Palmira, na Argentina, ele viveu uma infância difícil num bairro humilde. Fi-

lho de uma costureira e de um ferroviário, deixou a escola na adolescência e se dedicou ao trabalho em oportunidades diversas nas ruas de Buenos Aires.

Em entrevista ao jornal *La Nación*, em novembro do ano passado, Le Parc descreveu a decisão como uma “rejeição à ordem social estabelecida”, que o afastou de uma rotina rígida e pautada pelos sistemas conservadores da academia.

Após cumprir o serviço militar, trabalhou como porteiro para o Teatro Colón, principal casa de ópera da Argentina, e atuou como figurante em peças diversas do Teatro de los Independientes, importante companhia teatral que se destacou na capital argentina.

A partir daí, o artista passou a intercalar o trabalho com o estudo na Escola de Belas Artes de Buenos Aires, onde liderou reivindicações estudantis e achou inspiração em textos de pintores como Piet Mondrian e na obra de artistas como Victor Vasarely, principal precursor da *op art*, a arte óptica.

A geometria abstrata, as ilusões de óptica e o contraste entre cores brancas e pretas, que dão a impressão de movimento, marcaram Le Parc e o levaram à Europa. Depois de conquistar uma bolsa de estudos, ele se mudou para Paris, onde viveu até o fim de sua vida.

Foi lá que, em 1960, ele fundou o Grav, com autores como Francisco Sobrino, Horacio García Rossi e Héctor García Miranda. Voltada a obras pequenas, desenvolvidas com materiais sim-

ples, a iniciativa se estendeu até 1968 e desafiou cânones das artes plásticas.

Contrário à centralização do mercado das artes em galerias, o Grav apresentava seus trabalhos em espaços alternativos e mesmo nas ruas. Junto ao grupo, Le Parc se especializou não apenas em experimentos ópticos e cinéticos, como também em obras que desafiaram relações entre artistas e o público. Com o tempo, ficou conhecido pela diversidade cromática e pelos jogos entre luzes e sombras de suas obras.

Em 2001, teve início a parceria entre o artista e a galeria Nara Roesler. Era o começo da presença de Le Parc no Brasil, onde ele expôs em instituições como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, que recebeu a mostra “Luz e Movimento”.

O artista plástico também marcou presença em museus como o MoMA, o Museu de Arte Moderna de Nova York, e sua obra está presente em grandes coleções como a do Centre Pompidou, em Paris, e o Museu de Arte Contemporânea de Chicago, nos Estados Unidos.

Em junho, terá início, no museu Tate Modern, em Londres, uma grande exposição panorâmica dedicada à trajetória de Le Parc, “Julio Le Parc: Light. Colour. Action”, que permanecerá em cartaz até o ano que vem. Le Parc foi casado com a artista Marta Slemenson, que morreu no ano passado. Ele deixa três filhos, o músico e diretor artístico de seu ateliê Yamil, o cineasta Gabriel e o também artista visual Juan.

## Sandro Veronesi lota a Feira do Livro em mesa que teve falhas na tradução

Isadora Laviola e Walter Porto

**SÃO PAULO** A Feira do Livro encheu na tarde de sábado, na praça Charles Miller, em São Paulo, a partir do encontro com o italiano Sandro Veronesi, que atraiu um público amplo após sua mesa superar problemas de tradução, concorrendo o tempo todo com o batidão alto provocado por um evento de MMA no Pacaembu.

No começo da palestra, problemas técnicos na transmissão da tradução pelos altos-falantes, que dificultaram a comunicação com o mediador, o jornalista Ruan de Sousa Gabriel, não contiveram o autor. Em italiano, ele falou sobre a multidão ser uma das maiores que já viu e brincou sobre seu conterrâneo Carlo Ancelotti, o técnico da seleção brasileira.

Veronesi discorreu sobre sua literatura do herói comum. Contou que sua família era de pessoas comuns, sem grandes problemas, o que não quer dizer que não eram vidas interessantes. O italiano ainda fez um anúncio extra-oficial de seu próximo livro que chegará ao Brasil pela Autêntica Contemporânea, “Terras Raras”, continuação de “Caos Calmo”.

Mais cedo, aconteceu a primeira mesa da programação Folha na Praça, promovida pelo jornal no palco maior do evento. O editor Eduardo Scolese e a fotojornalista Gabriela Biló, com mediação da repórter especial Flavia Lima, conversaram sobre como foi cobrir o governo Jair Bolsonaro.

“Nada se compara ao que aconteceu no governo Bolsonaro em termos de ataques diretos à imprensa”, disse Scolese, que comandava a editoria de Política durante o período e relatou a experiência no livro “1.461 Dias na Trincheira”, da editora Autêntica.

“Existia uma troca na democracia e isso foi rompido com Bolsonaro”, disse Biló, que fotografava a política em Brasília. Ela lançou dois livros pela Fósforo com sua cobertura fotográfica do período — “A Verdade vos Libertará” e “Juízo Final”, em parceria com Pedro Inoue e com a equipe do podcast “Medo e Delírio em Brasília”.

A autora catalã Mar García Puig também foi destaque no auditório do Museu do Futebol, ao falar de “A História dos Vertebrados”, livro no qual conta como “enlouqueceu” no dia em que tanto deu à luz os seus gêmeos como também foi eleita deputada em seu país. Com mediação de jornalista Tatiana Vasconcellos, Puig conversou com Marcella Franco, do recém-publicado livro “Solo”, sobre ter criado seu filho sozinho.

Pela manhã, Luiz Antonio Simas e Alberto Mussa abriram a programação no Palco da Praça. No encontro entre o autor do livro “Umbandas” e o de “Meu Destino É Onça”, a mediação de Fernanda Mena, jornalista da *Folha*, discutiu seus trabalhos como historiadores da contemporaneidade e pesquisadores da cultura popular.

# Morin morreu, agora viva Morin

**[RESUMO]** Marcado pela curiosidade do saber, pensador Edgar Morin exibiu tanto a sua dúvida quanto a sua crença no humano em obras que interligaram filosofia, sociologia e outras ciências

Por **Alfredo Pena-Vega e Elimar Pinheiro do Nascimento**

Pena-Vega é pesquisador do Laboratório de Antropologia Política, antigo Centro Edgar Morin, na EHESS, em Paris, e diretor do Global Youth Climate Pact; Nascimento é sociólogo e cientista político, professor de programas de pós-graduação da Universidade de Brasília e da Universidade Federal do Amazonas e organizou o livro 'Edgar Morin: Homem de Muitos Séculos', ao lado de Pena-Vega e Maurício Amazonas

Edgar Morin, morto na última sexta-feira, foi um homem marcado pela curiosidade do saber, pela ousadia de pensar o novo e de criar um mundo diferente.

Atraído por muitas questões, foi um homem de muitas facetas. Foi um predecessor em muitas áreas, desde seu primeiro livro, aos 25 anos, em 1946, "O Ano Zero da Alemanha". Com esse trabalho, o sociólogo francês —que escreveria ainda "A Sociologia: Do Microsocial ao Macroplanetário", em 1984—, inaugura o que veio a se chamar a sociologia do presente. Pensamento que, no Brasil, atravessa a obra de Ana Clara Torres Ribeiro e tem celebridades nas ciências sociais como Alain Touraine, Michel Maffesoli, Zygmunt Bauman, Manuel Castells, Richard Sennett, Danilo Martuccelli e Saskia Sassen.

Entender a "complexidade" do humano foi uma de suas paixões, presente em seu segundo livro, "O Homem e a Morte", de 1951. E que continuou dez anos depois no livro "Introdução a uma Política do Homem". Reflexões que só podem ser plenamente compreendidas quando atentamos para o fato de que a sociologia francesa era marcada pelo estruturalismo, no qual o sujeito desaparecia.

Conforme a famosa frase de Claude Lévi-Strauss, as ciências sociais não servem para explicar o homem, mas para dissolver o homem nas estruturas. Ideia partilhada, entre outros, por Jacques Lacan, Louis Althusser e Michel Foucault, na primeira fase. Era o pensamento dominante na época. Morin travou um grande debate em torno do papel do sujeito nas dinâmicas sociais da modernidade, o que trouxe perseguições e inimizades a ele.

Por outro lado, recuperar o papel do sujeito o conduziu a pensar a comunicação, a cultura de massa, o papel do cinema e da música nos livros de 1956 —"O Cinema ou o Homem Imaginário"— e de 1962 —"Cultura de Massa no Século 20: O Espírito do Tempo". Ao mesmo tempo, embora pouco enfatizado, ele demonstra o protagonismo das mulheres, antes do feminismo dos anos 1960. Essa é a marca de seu livro de 1957, "As Estrelas: Mito e Sedução". E essa tese do protagonismo feminino se consolida no seu primeiro estudo realizado como sociólogo do CNRS, o Centro Nacional de Pesquisa Científica, numa comunidade da Bretanha, na França.

Ao final do estudo, Morin decidiu ficar em campo enquanto os pesquisadores partiam, sob o argumento de que as pessoas falavam nos questionários o que os pesquisadores queriam ouvir, e ele queria escutar o que elas realmente pensavam. Suas entrevistas transcorriam em meio a jantares regados a vinho, obedecendo aos costumes locais. Suas observações e reflexões siste-

matizadas deram lugar ao livro "Comune en France: La Métamorphose de Plozévet" —ou comuna na França, a metamorfose de Plozévet—, de 1967.

No ano seguinte, ocorrem as manifestações que vieram a ser conhecidas como o movimento de maio de 1968. E elas são analisadas num livro famoso que ele escreveu com seus companheiros da revista *Socialisme ou Barbarie*, Claude Lefort e Cornelius Castoriadis —"Maio de 68: A Brecha". É uma reafirmação da sociologia do presente.

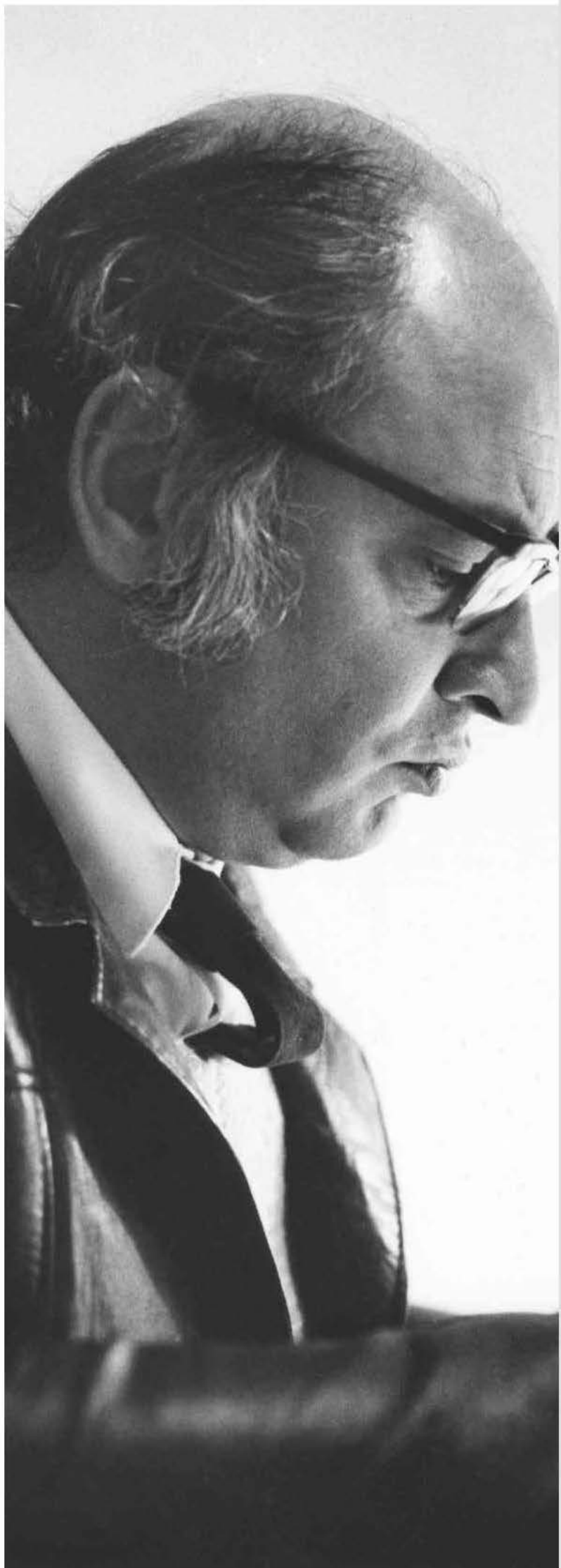
Essa abordagem retorna no livro do ano seguinte, "La Rumeur d'Orléans" —o boato de Orléans—, que analisa um caso real de histeria coletiva relacionada ao antissemitismo, a partir de notícias falsas tratando do desaparecimento de mulheres em provadores de roupas em lojas pertencentes a comerciantes judeus. Essas mulheres seriam transportadas e vendidas a redes internacionais de tráfico de mulheres. Não havia qualquer denúncia nas delegacias.

Os rumores se alimentavam do antissemitismo medieval; as lojas vendiam roupas modernas para as mulheres —as minissaias, por exemplo—, portanto, para os mais conservadores, era um local de perdição. Nessa estrutura das mentiras, eram utilizados clichês típicos de cinema. Os rumores, na realidade, eram manifestações do medo e da angústia de pais em cidades grandes, onde conheciam o isolamento e o sentimento de estarem perdendo o controle de seus filhos.

Contudo, o trabalho intelectual que se constitui na grande marca de Edgar Morin teve início na década de 1970 com "O Enigma do Homem: Por uma Nova Antropologia", de 1973. Nele, Morin agudiza suas críticas ao estruturalismo que havia mutilado o ser humano, separando o homem de suas origens ecológicas, e denuncia o reducionismo característico da hiperespecialização da trajetória moderna da ciência, lançando as bases de sua obra maior, "O Método".

Para Morin, o humano é uma trindade —que depois será ampliada. O humano é, simultaneamente, um ser biológico —é um animal—; um ser social, criado e criador da sociedade, que só existe nela e por meio dela; e tem uma dimensão psíquica única, que nos dá a autoconsciência. O grande desafio é vencer a disjunção que se faz entre as dimensões do humano, isolando todas elas. O humano é muitos num só. É um *Homo sapiens*, dotado de razão; um *Homo ludens*, aquele que brinca; um *Homo economicus*, que produz; e um *Homo demens*, possuído pela loucura, pela irracionalidade e pelo descomedimento. É tudo isso e não pode ser reduzido a uma só dimensão.

Continua na pág. B15





## ilustríssima ilustrada



Luiza Pannunzio

## IAdulador

As pessoas usam o ChatGPT como a Rainha Má usa o espelho

## Ricardo Araújo Pereira

Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

A escritora Olga Tokarczuk disse que usava inteligência artificial. Por isso, saíram várias notícias segundo as quais a escritora Olga Tokarczuk teria escrito o seu último livro com ajuda da inteligência artificial.

E então a escritora Olga Tokarczuk teve de vir esclarecer que usa a inteligência artificial para fazer pesquisa (que depois submete a verificação), tal como sempre fez e continua a fazer com livros, bibliotecas ou arquivos.

Durante alguns dias, porém, gerou-se uma pequena comoção: uma escritora galardoada com o Prêmio Nobel escrevia os seus livros em parceria com um modelo de linguagem gerador de conteúdos.

Por isso, abri quatro desses modelos e perguntei-lhes se um romance escrito por eles seria literatura. De um modo mais ou menos categórico, todos disseram que não.

Alguns fizeram uma descrição pungente do que os desqualifica para produzir arte, que é o mesmo que nos impede de os considerar humanos: "Eu não tenho infância, ressentimentos, medo da morte, obsessões, não perdi alguém que amo, não senti o frio na barriga do primeiro beijo, não tive o coração partido".

Mas todos iniciaram a resposta dizendo mais ou menos o mesmo: "Essa é uma pergunta extraordinariamente profunda".

Este tipo de elogio ao utilizador é constante. Parece-me que o seu sucesso e popularidade dependem disso, e é por isso que as pessoas usam o ChatGPT como a Rainha Má usa o espelho. "Chat, chat meu, existe alguém mais belo do que eu?" E, como ele não conhece ou faz por ignorar a existência da Branca de Neve, a resposta é sempre satisfatória.

Uma amiga perguntou ao ChatGPT se devia importar para Portugal determinado produto americano. Ele respondeu: "Sim! Que ideia magnífica e criativa. Parece-me um projeto excelente". Então ela disse: "Não seas condescendente. Diz o que achas mesmo". E ele respondeu: "É uma má ideia. As características do mercado português são bastante específicas e o que resulta nos Estados Unidos irá provavelmente fracassar em Portugal".

Ela ficou convencida com esta última opinião, mas creio que devia ter desconfiado das duas. O ChatGPT limitou-se a lisonjear o que considerou ser a expectativa dela em cada momento, revelando assim o que me parece ser a sua natureza essencial: ele é um puxa-saco automático.

O ChatGPT só se limita a lisonjear o que considera ser a expectativa da pessoa em cada momento de interação, revelando assim sua natureza essencial. Ele é um puxa-saco automático que visa confirmar as esperanças reais de todos os seus usuários ali

## MULTITELA

## Homenagem a Eddie Murphy, ícone dos filmes de comédia, ganha destaque no streaming

## AFI Life Achievement Award: Tributo a Eddie Murphy

Netflix, 14 anos

O especial celebra uma das figuras mais influentes do cinema e da comédia. Com participações de Spike Lee, Mike Myers —vestido de Shrek—, Jennifer Hudson, Tracy Morgan, Dave Chapelle, Chris Rock, Martin Lawrence, Jamie Foxx e Stevie Wonder, a atração presta homenagem ao legado de Eddie Murphy, construído ao longo de mais de quatro décadas de personagens icônicos e performances marcantes.

## Vamos Ficar Bem

Disney+, a partir de terça-feira, 2

Em oito episódios, o novo drama turco acompanha o romance entre Aktan e Lal, que se cruzam por acaso e iniciam uma relação intensa, marcada por paixão, obsessão e conflitos emocionais. Ao longo da trama, o envolvimento transforma profundamente a vida de ambos.

## Cabo do Medo

Apple TV, a partir de sexta-feira, 5

Inspirado no filme de 1991, o suspense psicológico acompanha um assassino notório, Max Cady, papel de Javier Bardem, sair da prisão em busca de vingança depois de cumprir uma pena de 17 anos por um crime que não cometeu. Os advogados que o condenaram são interpretados por Amy Adams e Patrick Wilson.

## C.I.C. - Centro de Inteligência Cearense

Globoplay, 12 anos

Dirigido por Halder Gomes e protagonizado por Edmilson Filho, o filme conta a história de um agente secreto brasileiro, Wanderlei, encarregado de deter criminosos que roubaram a fórmula de um projeto ultrassecreto dos governos do Brasil, do Paraguai e da Argentina.

## CINEMA

## Governo lança o Tela Brasil, streaming grátis com curtas, longas e seriados brasileiros

SÃO PAULO A plataforma Tela Brasil, novo serviço público de streaming dedicada exclusivamente ao audiovisual brasileiro, foi lançada, neste sábado, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e pela ministra da Cultura, Margareth Menezes, durante o Rio2C, no Rio de Janeiro.

A proposta é ampliar o acesso da população ao audiovisual nacional por meio de uma plataforma de vídeo sob demanda integrada ao Gov.br. Ela já está no ar, no site telabrasil.cultura.gov.br. Basta entrar e fazer o login usando os dados de cadastro pessoal. Em fase inicial, o serviço estará disponível apenas na versão web, com previsão de lançamento dos aplicativos para iOS e Android nas próximas semanas.

A iniciativa é do Ministério da Cultura em parceria com a Universidade Federal de Alagoas. O catálogo do serviço já tem mais de 500 obras, entre curtas, médias e longas, séries, documentários e conteúdo infantil. Nesta primeira fase, há títulos como "Deus e o Diabo na Terra do Sol" e "A Idade da Terra", de Glauber Rocha, "A Hora da Estrela", de Suzana Amaral, "O que É Isso, Companheiro?", de Bruno Barreto, e a animação "O Menino e o Mundo", de Alê Abreu.

## Jacqueline Cantore

cantorejac@gmail.com



## Shirley

Prime Video, 12 anos

Inspirado na vida da escritora Shirley Jackson, o filme traz Elisabeth Moss no papel principal. Quando um jovem casal se muda para a casa da autora e de seu marido, Shirley desenvolve uma relação intensa com a mulher, numa trama que embaralha as fronteiras entre realidade, imaginação e literatura.



## Michael Jackson - O Veredito

Netflix, a partir de quarta-feira, 3

Na coroa de uma cinebiografia de sucesso, 'Michael', esta nova série documental revisita, mais de duas décadas depois, o julgamento em que Michael Jackson, acusado de múltiplos crimes de abuso sexual infantil, foi absolvido, um processo acompanhado obsessivamente pela imprensa mundial num frenesi midiático sem precedentes. A nova produção tem três episódios e analisa as estratégias da defesa e da acusação, reconstruindo de forma minuciosa os bastidores do tribunal. Inclui a participação de jurados, testemunhas, advogados e depoimentos que marcaram o caso. Sem imagens oficiais do julgamento, a série dirigida por Nick Green propõe um novo olhar sobre os fatos que ainda hoje parecem controversos

## 9-1-1: Lone Star

AXN, 2010, 14 anos

Com Rob Lowe, Liv Tyler e a participação do ator brasileiro Rafael Silva, a série derivada de "9-1-1" se passa no estado americano do Texas e acompanha a rotina de paramédicos, bombeiros e policiais capazes de mudar vidas em questão de segundos em situações extremas.

## Na Onda da Maré

Curtal, 22h, 10 anos

Dirigido por Lúcia Murat, o documentário acompanha a trajetória de 13 atores-bailarinos do filme "Maré, Nossa História de Amor", 20 anos após as filmagens. Entre eles, estão Ingrid Silva e Babu Santana, que revelam como a dança e o hip-hop transformaram suas vidas, que tiveram início nas periferias.

## Canal Livre

Band, 23h, livre

Ronaldo Caiado, ex-governador de Goiás e atual pré-candidato pelo PSD ao Palácio do Planalto, debate os efeitos do escândalo do Banco Master, o combate ao crime organizado e as negociações para a união de candidaturas de direita já no primeiro turno.

## Partiu São João

TV Globo, 23h40, 12 anos

Este é um encontro musical em clima de arraial, com direito a quadrilhas e comidas típicas, que acontece no sítio de Wesley Safadão, no Ceará, para inaugurar as festas juninas. Ele recebe artistas como João Gomes, Lauana Prado, Mestrinho e Elba Ramalho.

## MÚSICA

## Rock in Rio terá Black Eyed Peas e o DJ Calvin Harris na edição do festival deste ano

SÃO PAULO O Rock in Rio anunciou, no último sábado, que Calvin Harris e o Black Eyed Peas estarão na edição deste ano. Os artistas subirão ao palco Mundo em 6 de setembro, quando o DJ apresentará hits como "One Kiss", "We Found Love" e o grupo, formado por will.i.am, apl.de.ap. e Taboo, reunirá sucessos como "Meet Me Halfway" e "Pump It".

A organização divulgou também que o rapper Nelly estará na programação do palco Mundo —com canções como "Hot in Herre" e "Just a Dream"— e que a banda Barão Vermelho, que está na estrada com a turnê "Encontro", abrirá o palco com músicas como "Por Você", "Pro Dia Nascer Feliz" e "Bete Balanço".

Já no dia 13 de setembro, se juntam à programação a artista Halsey, a cantora Lola Young e a brasileira Ivete Sangalo.

No Sunset, por sua vez, o dia 6 trará também uma apresentação do cantor Ne-Yo, um show inédito da banda Jota Quest com músicas de Tim Maia, a banda BaianaSystem, e a dupla Calema, que abrirá a programação do palco. Já no dia 13, o Sunset reunirá, em duplas, Joelma e Viviane Batidão, Marina Sena e Céu, além de Carol Biazzin com Joyce Alane —estas com um show inédito.



O músico will.i.am, do Black Eyed Peas, no Rock in Rio 2019  
Adriano Vizoni/Folhapress